

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

João Vítor Nunes Marques

“Um lixo, uma porcaria”: discursos de ódio xenofóbicos contra o Nordeste no futebol brasileiro

BELO HORIZONTE
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

João Vítor Nunes Marques

“Um lixo, uma porcaria”: discursos de ódio xenofóbicos contra o Nordeste no futebol brasileiro

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soares Costa
Vimieiro

Dissertação apresentada como requisito para conclusão
do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em
Comunicação Social da Universidade Federal de Minas
Gerais.

BELO HORIZONTE
2025

301.16	Marques, João Vitor Nunes.
M3571	“Um lixo, uma porcaria” [recurso eletrônico] : discursos de ódio xenofóbicos contra o Nordeste no futebol brasileiro / João Vitor Nunes Marques. - 2025.
2025	1 recurso online (145 f.: il.): pdf. Orientadora: Ana Carolina Soares Costa Vimieiro.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Comunicação – Teses. 2.Brasil, Nordeste - Teses. 3.Xenofobia - Teses. 4.Futebol - Teses. 5. Discurso de ódio – Teses. 6.Identidade – Teses. I.Vimieiro, Ana Carolina . II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Um lixo, uma porcaria": discursos de ódio xenofóbicos contra o Nordeste no futebol brasileiro."

JOÃO VÍTOR NUNES MARQUES

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia vinte e nove de maio de dois mil e vinte e cinco, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelas seguintes professoras:

Profª Ana Carolina Soares Costa Vimieiro - Orientadora
DCS/FAFICH/UFMG

Profª Soraya Maria Bernardino Barreto Januário
UFPE

Profª Bruna Silveira Martins de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 29 de maio de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Soares Costa Vimieiro, Professora do Magistério Superior**, em 01/06/2025, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Maria Bernardino Barreto Januário, Usuário Externo**, em 02/06/2025, às 06:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Silveira Martins de Oliveira, Usuário Externo**, em 02/06/2025, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4184132** e o código CRC **DDC32E6E**.

*Àqueles para quem o futebol é mais que um
esporte.*

AGRADECIMENTOS

Sonhei algumas vezes com este dia. Não, não me refiro à data da defesa da dissertação, que, de fato, também foi aguardada com muita expectativa. Escrevo, na verdade, sobre o momento de expressar gratidão a tanta gente que esteve comigo nesses anos. Afinal, compartilhar uma conquista significa mais do que aquilo que conquistamos. E estas primeiras páginas foram as últimas das quase 150 que escrevi, por isso tamanha ansiedade. Bem, enfim chegou a hora.

A Iraci, minha mãe, a melhor que eu poderia ter. À senhora, devo tudo o que sou. Obrigado por apoiar minhas escolhas, pelo amor incondicional e por ter me ensinado o apreço à educação, o respeito aos outros e a Deus.

Ao meu pai, Salvador, de quem herdei o amor pelo esporte, vínculo que nos une e unirá para sempre. Agradeço por me fazer um questionador convicto — talvez o mais belo eufemismo para chato, dessas sutilezas com que só a pesquisa poderia me presentear.

Aos meus queridos irmãos, por sempre estarem comigo mesmo à distância. Ninha, obrigado pelas orações, pela dedicação à nossa família e por essa risada que nos alegra toda vez. Caio, meu autointitulado ídolo, a você agradeço pela amizade e por um presente pequenininho, mas tão lindo: minha afilhada Dandara, por quem dou graças também a Angélica.

A Sabrina, por me inspirar a ser uma pessoa melhor a cada dia. Meu bem, talvez ainda não saiba, mas em você reencontrei o desejo de voltar à universidade. Obrigado pelos anos que passamos e os tantos outros que virão. Ter te achado em meio aos dias mais difíceis da pandemia é daquelas coisas difíceis de explicar e incríveis de viver. Te amo!

A Dudu, por me deixar ser seu João Vitinho.

A Leti, Hugo, Ma e Line. Vocês são aconchego nos dias em que a saudade aperta. Obrigado por me acompanharem desde a chegada a Belo Horizonte, em 2013, e por serem a Bahia em Minas Gerais.

Afinal, sair de casa aos 17, de uma cidade de 60 mil habitantes para uma metrópole com alguns milhões, pode ser um pouco assustador. Mas em BH reencontrei vocês e achei acolhida em amigos que levarei para a vida toda. Bruna, Ju, André, Karen e Daniel, obrigado pela companhia desde o primeiro dia de UFMG, há 12 anos, e por me fazerem sentir que aqui também é meu lugar.

Devo isso também aos colegas e amigos do No Ataque e do Estado de Minas, a quem tanto admiro. Àqueles que foram e aos que ficaram, agradeço por não apenas compreenderem

a ausência e as tantas mudanças de escala, mas principalmente por todo o apoio nesses quase dois anos e meio de mestrado. Talvez venham mais alguns por aí...

Até porque retornar à universidade após cinco anos não foi tão intimidador quanto poderia parecer. Os longos textos, os conceitos complexos e aquele ambiente exageradamente formal se tornaram agradáveis graças a pessoas queridas que encontrei pelo caminho.

A começar por Carol, minha orientadora, a quem agradeço pela paciência, pela compreensão, pela confiança, pelos ensinamentos e por acreditar em um projeto como este. Obrigado, principalmente, pela acolhida e amizade, que fizeram o árduo processo de pesquisa mais prazeroso.

Mas não é hora de “Coitadolândia”, certo? É momento de festejar e ser grato! Rafa, Gabriel e Bia, eu não imaginava que faria amigos nesta volta aos estudos. Felizmente, estava enganado. Que bom que encontrei vocês! Obrigado pelos lanches na Letras, as longas conversas e as vezes em que saímos para esquecer a dissertação. Afinal, é isso que fica.

Agradeço também ao Coletivo Marta, esse lugar de conhecimento, inquietude e amizade. Em especial a Olívia, Flaviane, Luísa e Guilherme — além de André, Rafa e Carol, já citados, e todos os demais —, por terem me recebido tão bem em 2022 e me acompanhado ao longo do processo. Acabou! Agora, é hora do próximo evento, da próxima ideia mirabolante e, claro, do próximo rolê!

Por fim, obrigado ao esporte, por mais cafona que isso possa soar. A você, devo este projeto, meu emprego, amizades, viagens, experiências inesquecíveis e relações das quais nunca vou me esquecer.

RESUMO

Este estudo busca investigar e compreender, a partir de um viés comunicacional, de que maneiras se conforma e reverbera simbolicamente a xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol brasileiro. Para isso, analisa-se simbolicamente discussões na mídia social X (antigo Twitter) a respeito de quatro episódios de ataques a clubes, jogadores, dirigentes, torcedores e/ou ao próprio povo nordestino em um intervalo de dez anos, entre 2014 e 2023 — sempre considerada aqui a diversidade de uma região com nove estados, 1,5 milhão de quilômetros quadrados e mais de 50 milhões de habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022. Inicialmente, identificou-se a postagem mais comentada sobre cada episódio na mídia social a partir de parâmetros pré-estabelecidos. A seguir, coletou-se os 6.555 comentários a essas publicações. Esse corpus, então, foi codificado a partir das bases operacionais da metodologia da análise de conteúdo quali-quantitativa. As mensagens foram categorizadas em grupos que ajudam a entender os sentidos acionados por quem ofende ou reforça o discurso ofensivo. Então, as categorias identificadas foram lidas a partir de noções teóricas sobre identidades e estereótipos, conceitos tradicionalmente apropriados pelos estudos de comunicação, e principalmente sobre discurso de ódio, a partir de uma perspectiva interseccional.

Palavras-chave: nordeste; xenofobia; futebol; discurso de ódio; identidades.

ABSTRACT

This study seeks to investigate and understand, based on a communicational approach, how xenophobia against the Northeast is symbolically shaped and reverberated in the Brazilian football environment. To this end, discussions on social media X (formerly Twitter) regarding four episodes of attacks on clubs, players, directors, fans and/or the people of the Northeast itself over a ten-year period, between 2014 and 2023, were symbolically analyzed — always considering the diversity of a region with nine states, 1.5 million square kilometers and more than 50 million inhabitants, according to the 2022 Demographic Census. Initially, we identified the most commented post about each episode on social media based on pre-established parameters. Next, we collected the 6,555 replies to these publications. The corpus was then coded based on the operational bases of the content analysis methodology. The messages were categorized into groups that help to understand the meanings triggered by those who offend or reinforce the offensive speech. Then, the identified categories were read based on theoretical notions about identities and stereotypes, concepts traditionally appropriated by communication studies, and especially about hate speech, from an intersectional perspective.

Keywords: northeast; xenophobia; football; hate speech; identities.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 - Publicações por ano.....	28
Gráfico 2 - Publicações por país.....	29
Gráfico 3 - Citações de artigos por país.....	30
Gráfico 4 - Citações de artigos por revista (cinco mais citados).....	31
Gráfico 5 - Citações por autor (cinco mais citados).....	32
Gráfico 6 - Palavras mais recorrentes em títulos e resumos.....	34
Gráfico 7 - Temas das publicações.....	35
Gráfico 8 - Casos por categoria de análise.....	38
Gráfico 9 - Casos por ano.....	41
Gráfico 10 - Autoria das ofensas registradas.....	42
Gráfico 11 - Local das ofensas registradas.....	43
Gráfico 12 - Regiões onde ocorreram as ofensas xenofóbicas.....	43
Gráfico 13 – Percentual de times nordestinos na Série A masculina ano a ano.....	59
Gráfico 14 – Percentual de times nordestinos na Série A1 feminina ano a ano.....	61
Figura 1 - Postagem do episódio 1.....	73
Figura 2 - Postagem de Ângela Machado.....	79
Mapa 1 - Desempenho de Lula por estado no segundo turno da eleição de 2022.....	81
Figura 3 - Postagem do episódio 2.....	84
Figura 4 - Postagem do episódio 3.....	93
Figura 5 - Postagem 2 da thread do episódio 3.....	94
Figura 6 - Postagem 3 da thread do episódio 3.....	94
Figura 7 - Postagem 4 da thread do episódio 3.....	95
Figura 8 - Postagem de Fabinho.....	101
Figura 9 - Postagem do episódio 4.....	103
Figura 10 - Postagem da Copa do Nordeste sobre torcedores mistos.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Seleção de episódios.....	66
Tabela 2 - Detalhamento da coleta.....	68
Tabela 3 - Categorias de análise do caso 1.....	74
Tabela 4 - Categorias de análise do caso 2.....	85
Tabela 5 - Categorias de análise do caso 3.....	96
Tabela 6 - Categorias de análise do caso 4.....	104
Tabela 7 - Categorias de análise paralelas do caso 4.....	106

PRÓLOGO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
1. IDENTIDADES, ESTEREÓTIPOS E XENOFOBIA CONTRA O NORDESTE.....	20
1.1 Xenofobia no futebol: uma revisão de literatura.....	26
1.1.1 Impacto ano a ano.....	28
1.1.2 Países mais relevantes no debate.....	29
1.1.3 Principais periódicos e autores.....	30
1.1.4 Temas das publicações.....	33
1.2 Mapeamento da xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol.....	35
1.2.1 Resultados.....	37
2. O DISCURSO DE ÓDIO XENOFÓBICO.....	46
2.1 Particularidades, limites e regulações do ódio.....	48
2.2 Ódio interseccional.....	51
3. BREVE CONTEXTO DO FUTEBOL NO NORDESTE.....	53
4. DESENHO METODOLÓGICO.....	65
5. ANÁLISE.....	70
5.1 Caso 1: Domenico Gatto versus Copa do Nordeste.....	70
5.2 Caso 2: Ângela Machado, Bolsonaro e o “carrapato” nordestino.....	78
5.3 Caso 3: Adriana Borba contra o sotaque.....	90
5.4 Caso 4: Santos x Ceará: racismo e xenofobia lado a lado.....	99
5.4.1 Discussões extras.....	105
5.5 Apontamentos sobre o ódio xenofóbico contra o Nordeste no futebol.....	112
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
7. REFERÊNCIAS.....	123
LIVRO DE CÓDIGOS.....	129

PRÓLOGO

Em Rio do Antônio, Itagi ou Itororó. Já um pouco mais velho, em Itabuna ou no ensino médio em Brumado. Nas brincadeiras com meus primos em Guajeru e Caculé... Fosse onde fosse, desde novo defendia em alto e bom som minha suposta mineiridade. Não que eu tivesse qualquer ligação emocional ou afetiva com Minas Gerais. Mas, para uma criança de oito ou dez anos, era legal ter algo diferente das demais para contar. Eles, baianos; eu, mineiro.

Até os 16 ou 17, minha relação mais forte com o estado vizinho era ter nascido ali. Minha mãe Iraci lembra, com um sorriso terno, aquele 12 de janeiro de 1996. Ela conta o óbvio, que eu tratava de esconder quando falava aos amigos: a estada em Minas Gerais não havia durado mais que 24 horas. Moravam em Urandi, na Bahia, ela, grávida, meu pai Salvador e meus irmãos Ana Maria e Caio Augusto. A escolha pelo parto na mineira Espinosa, a menos de 30 quilômetros dali, deu-se por uma mera questão estrutural e pessoal: lá encontraríamos os médicos que já haviam acompanhado a gestação.

No dia 13, retornamos à Bahia, onde vivi a infância e a adolescência em seis cidades, criei laços, vivenciei os costumes e as tradições e, enfim, construí minha identidade baiana — conceito tão relevante para este estudo, como veremos à frente —, apesar de bradar a mineiridade para os meus amigos.

Só em 2013, já aos 17, percebi a relação com Minas Gerais se estreitar de fato. Foi quando me mudei para Belo Horizonte para iniciar os estudos no curso de Comunicação Social — Jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Curiosamente, é neste momento que me afasto da mineiridade e me percebo, talvez pela primeira vez, baiano. Quem realmente sou.

Conheci sotaques, costumes e modos de falar diferentes do meu. Se eu buscava a diferença dos amigos de infância ao me afirmar mineiro entre baianos, foi em BH que me percebi diferente de verdade. E foi por causa da diferença — outro aspecto tão fundamental para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado —, esse revelador entendimento do “eu *versus* o outro”, que reconheci minha identidade como baiano e, em última instância, nordestino.

O autorreconhecimento identitário veio acompanhado de perto de comentários de menosprezo à região, reforço a estereótipos, cobranças para “diminuir o sotaque”, risos irônicos pela forma como falamos até palavras simples como “banana” ou “panela”, uso de

termos como “baianagem” para descrever algo mal feito ou de mau gosto... Contexto que certamente seria extremamente pior e acompanhado de racismo caso fosse negro, ou seja, refletisse estereótipos físicos amplamente associados a quem nasce na Bahia.

Na outra ponta, a mudança para Minas trouxe uma série de coisas positivas: a experiência na universidade, trabalho, acolhimento, amigos, namorada, laços que certamente durarão a vida toda.

Da mudança para Belo Horizonte até o momento de defesa desta dissertação, passaram-se quase 12 anos, não muito menos que os 17 vividos na Bahia. Foi neste cenário de mesclas culturais e autoidentificação, em meio a um campo ainda a ser desbravado pela pesquisa acadêmica, que surgiu o desejo de entender melhor a xenofobia contra o Nordeste. E essa busca ganha contornos especiais (e bastante específicos) por tratar do tema no futebol, esse motor que me levou de volta a Minas, sem nunca me esquecer de quem sou.

INTRODUÇÃO

Processos históricos, políticos, econômicos, geográficos, culturais e sociais ajudam a explicar o surgimento e a consolidação das diferentes regiões e identidades regionais pelo Brasil. Nesse contexto, Norte e Sul — designações utilizadas em âmbitos acadêmicos e governamentais até meados do século XIX — se subdividem em Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, categorização institucionalizada pela federação ao longo do século XX.

Geograficamente, a delimitação oficial do Nordeste é consideravelmente recente e data da regionalização instituída pelo decreto 67.647 de 24 de novembro de 1970. Durante muito tempo, os estados que compõem atualmente a região estavam subdivididos formalmente em Nordeste Ocidental (Maranhão e Piauí), Nordeste Oriental (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas) e Leste Setentrional (Sergipe e Bahia), por meio da Circular Nº 1/42 do Executivo de 1942.

O Nordeste atual, que engloba esses nove estados, é formado por 1,5 milhão de quilômetros quadrados e tem mais de 50 milhões de habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022, não surge “naturalmente”. Para além de aspectos territoriais, geográficos e formalistas, o imaginário sobre a região é construído a partir de um conjunto de símbolos, imagens, narrativas, aspectos culturais, ações políticas e econômicas da elite local e discursos repetidamente fortalecidos por veículos de comunicação, nordestinos ou não (Albuquerque Júnior, 2021). Simbolicamente, o suposto “ser nordestino” começa a se conformar décadas antes da institucionalização pelo governo federal em 1970.

Afinal, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2021), o Nordeste é “inventado” — e não puramente “conformado” ou “construído” — a partir de práticas diferenciadoras que dão materialidade ao território e à coletividade que o compõe. Elementos como o cangaço, o coronelismo, o messianismo, a seca, a literatura de cordel, as belas praias, os sotaques, as festas sacras-pagãs (São João, São Pedro, Santo Antônio), além de artistas e intelectuais como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna e outros, ajudaram a construir parte significativa da identidade da heterogênea região, mas também do imaginário estereotipado sobre ela.

Nesse sentido, percebe-se um papel ativo das elites econômicas e políticas nordestinas na conformação do repertório simbólico que constitui a identidade local. O Congresso Regionalista de 1926 foi um marco fundador nesse sentido. Naquele momento,

personalidades e intelectuais nordestinos liderados pelo sociólogo Gilberto Freyre conclamaram influentes artistas locais — especialmente os que viviam no Recife — para a necessidade de restituir a cultura regional. A retomada — ou invenção — dessa identidade nordestina adveio, segundo Albuquerque Júnior (2021), da ênfase nas tradições como forma de perpetuar privilégios. Para isso, a partir de uma oposição entre o local (a ser valorizado) e global (a ser combatido), acionou-se e reforçou-se intencionalmente um passado folclórico, rural, pré-capitalista e escravista.

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões, são fatos humanos, são pedaços de história, magma de enfrentamentos que se cristalizaram, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escoou sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença (Albuquerque Júnior, 2021, p.79).

Assim, a construção, ou invenção, do Nordeste não se dá de maneira absolutamente pacífica ou neutra. O surgimento como região-símbolo também é perpassado por uma série de vieses eugenistas de autores como Oliveira Vianna (1938), que contrapõem o desenvolvimento econômico e uma suposta superioridade racial de Sul e Sudeste — partes do país que historicamente receberam em maior número imigrantes brancos nascidos na Europa — e o dito “retrocesso” do Nordeste, por vezes retratado de forma limitada e associado diretamente às secas (especialmente a partir do histórico período de estiagem em 1877), ao ruralismo e ao subdesenvolvimento intelectual.

No caso do preconceito aos nordestinos, é uma forma, além de preconceito, também de racismo. Não é tão difícil encontrar brasileiros que entendam que os habitantes do Nordeste são uma sub-raça ou, em última análise, um povo miserável sob todos os aspectos, inclusive desinformado (Tamanini; Silva, 2019. p.328).

Estudos e relatos feitos também por jornais sudestinos a respeito dos estados do Nordeste, que se tornavam pauta “nacional” especialmente em momentos trágicos, como a Grande Seca iniciada em 1877, construíram, em parte, visões hegemônicas a respeito da região. Nesse cenário, o heterogêneo território composto por uma diversidade de tradições tem sido identificado como um problema e caracterizado por uma visão preconceituosa e estereotipada a partir de imagens de escassez, retrocesso e anacronismo (Alves, 2018). O Nordeste das belezas naturais e da cultura efervescente é também, e principalmente, tratado como o Nordeste do atraso, da estiagem e da fome. E essa complexa mescla ajuda a formar a

identidade nordestina — que melhor seria descrita se grafada no plural, a fim de compreender toda a diversidade de uma região tão complexa.

Nesse contexto, e em meio às ondas migratórias em direção a cidades como São Paulo durante o século XX, a xenofobia, explícita ou não, aparece como traço caracterizador das relações de poder que impõem aos povos nordestinos lugares de inferioridade. Para Cruz Neto (2017, p.40), a xenofobia se trata de aversão ou profunda antipatia em relação aos estrangeiros (neste caso, aos nordestinos) e ao desconhecido, manifestando-se a partir de “medo de perda de identidade, suspeição acerca de suas atividades, agressão e até desejo de eliminar sua presença”.

Esse movimento dá origem a violências não apenas físicas, mas também simbólicas, aqui compreendidas como discurso de ódio — conceito fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e que será melhor descrito posteriormente. As ofensas, cometidas por meio da linguagem, são uma antiga preocupação das ciências humanas. Elas adquirem outra roupagem e novas (e potentes) formas de manifestação por meio das mídias sociais, base para a construção do corpus do estudo.

Explícitas ou não, as violências xenofóbicas se fazem sentir nas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais. No esporte, não é diferente. O futebol, ambiente central desta investigação, é marcadamente um espaço em que as opressões se evidenciam e se constitui como um objeto que ajuda a compreender a sociedade — postulação amplamente defendida, de diferentes maneiras, ao menos desde o lançamento do livro *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira* (DaMatta, 1982), marco nos estudos sobre o tema no Brasil. E é nisto que esta pesquisa se sustenta: entender como se conformam e reverberam simbolicamente casos de xenofobia contra o Nordeste no esporte mais popular do país e o que esse contexto específico diz sobre a sociedade de modo mais amplo.

Historicamente, o futebol nordestino (e o Nordeste, de maneira geral) se vê encurralado pela disparidade de investimentos e cobertura midiática em comparação com estados do Sudeste e do Sul. Não por acaso, as manifestações de xenofobia contra clubes, jogadores, dirigentes, torcedores e outros personagens ligados à região aparecem de forma constante no esporte. Nos dez anos entre janeiro de 2014 e dezembro de 2023, ao menos 31 casos de xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol brasileiro foram noticiados por diferentes veículos de comunicação digitais — levantamento que será melhor detalhado à frente.

Contudo, apesar da relevância, o tema é pouco explorado pela pesquisa em Comunicação e Esporte no Brasil. Sob várias perspectivas, a intolerância, o discurso de ódio

xenofóbico contra os nordestinos e os estereótipos ligados à identidade regional foram objetos de investigações em diferentes áreas do conhecimento: na Comunicação/Política, sobre as eleições presidenciais de 2014, em que Dilma Rousseff foi eleita muito graças à popularidade na região (Holanda, Scanoni e Siqueira, 2016; Silva, 2017); no ensino de História, em pesquisa a respeito da discriminação nas escolas (Ramos, 2021); na Letras, sobre estereótipos linguísticos representados em telenovelas, ainda que o termo “xenofobia” não tenha sido utilizado (Jesus, 2006); entre outros.

No ambiente esportivo, apesar da quantidade significativa de casos e da relevância da discussão, o tema ainda tem sido debatido timidamente entre jogadores, treinadores, dirigentes, torcedores e jornalistas. No meio acadêmico, não é fácil encontrar pesquisas científicas sobre essa questão. Buscas pelos termos “xenofobia”, “futebol” e “Nordeste” (e variações) não retornaram resultados precisos em diferentes repositórios acadêmicos, como o Google Acadêmico e o catálogo de teses e dissertações da Capes. Na plataforma inglesa *Dimensions*, que compila produções em diversos idiomas, foram encontradas 34 produções sobre xenofobia e futebol em inglês, português e espanhol desde 1999 — e o Nordeste, uma vez mais, aparece fora de foco, sem protagonizar nenhum estudo. Nesse sentido, esta investigação se justifica tanto pela clara relevância de se debater (e combater) qualquer tipo de discriminação, quanto para ajudar a qualificar o debate científico, já que a temática tem sido tão pouco explorada por pesquisadores.

Pretende-se fazer avançar o debate científico sobre xenofobia contra o Nordeste e seus personagens (times, jogadores, dirigentes, treinadores, torcedores, jornalistas, entre outros) no ambiente do futebol brasileiro. Propõe-se uma abordagem comunicacional para, assim, compreender melhor as características do preconceito contra a região, tendo como pano de fundo o esporte mais popular do país. Afinal, como se conformam e reverberam simbolicamente esses casos de xenofobia no futebol? Quais significados e sentidos são acionados nesses tipos de ofensas?

Para buscar respostas a essas perguntas, propõe-se a avaliação de quatro episódios diversos de xenofobia a partir de comentários na mídia social X (antigo Twitter) por meio da metodologia de análise de conteúdo quali-quantitativa (Bardin, 1977). O embasamento teórico está ancorado fundamentalmente no conceito de discurso de ódio (Butler, 2021; Silva, 2016; Schafer, Leivas e Santos, 2015; Moura, 2016; Rothenburg e Stroppa, 2015; Silva et al. 2011; Brugger, 2007) e na compreensão da xenofobia contra o Nordeste no futebol como uma opressão interseccional nos termos de Crenshaw (1989), em que aspectos de classe, raça e

localização geográfica são compreendido de forma conjunta, em suas inter-relações, na conformação das violências.

As decisões teórico-metodológicas tomadas ao longo de toda a pesquisa estão ancoradas em uma concepção relacional (França, 2016) e praxiológica (Quéré, 2018) da comunicação. A partir dessa perspectiva, consolidada ao longo das últimas décadas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), entende-se o ato de se comunicar como complexo, dialógico e multilateral, afastando-o de percepções lineares que situam de forma estática figuras como emissor, meio, mensagem e receptor. Trata-se, portanto, de observar e analisar o ciclo comunicativo a partir de uma completude, em que uns afetam os outros, afetam o ambiente e são afetados por ele de diferentes maneiras.

Esse modo de compreender as trocas simbólicas faz referência ao clássico pensamento sociológico pragmatista da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para autores como John Dewey e George Herbert Mead, a ação adquire ares centrais na compreensão dialógica do mundo. Baseada nisso, a concepção relacional da comunicação aponta para a linguagem como uma força constitutiva por meio da qual é possível criar sentidos, em um contexto em constante mudança, e, em última instância, agir e ser afetado pelos outros.

Tomamos a comunicação como um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela (França, 2016, p.171).

Por isso, entender a comunicação de forma relacional e não-linear, sem desconsiderar as desigualdades de poder existentes nas interações, é fundamental para o desenvolvimento deste estudo, que trata justamente dessas trocas simbólicas por meio da linguagem.

Portanto, com base nessa percepção e a partir de uma visada comunicacional para as manifestações de sentido no X, definiu-se que o objetivo geral desta investigação é *compreender de que maneiras se conformam e reverberam simbolicamente os discursos de ódio xenofóbicos contra o Nordeste e seus personagens (clubes, jogadores, treinadores, torcedores, dirigentes, jornalistas, etc.) no âmbito do futebol brasileiro*.

A partir do objetivo geral, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e analisar simbolicamente episódios de xenofobia contra o Nordeste e seus personagens no futebol brasileiro a partir de uma perspectiva interseccional, considerando fatores como localidade, raça e classe social, entre outros;

- Categorizar os episódios xenofóbicos a partir de características simbólicas comuns e lê-los a partir das noções de discurso de ódio;
- Compreender as disputas políticas, econômicas e identitárias que marcam os debates sobre o tema.

Responder as perguntas e cumprir os objetivos iniciais fará, por consequência, atingir outros propósitos do projeto, tais como contribuir com o avanço dos estudos de comunicação e esporte no Brasil e, em especial, lançar luz sobre um tema tão relevante, mas que frequentemente é desconsiderado nos debates. Afinal, entende-se que nomear propriamente um problema e discuti-lo sistematicamente, seja na academia ou em outros ambientes sociais e políticos, é passo fundamental para combatê-lo de forma apropriada.

1. IDENTIDADES, ESTEREÓTIPOS E XENOFOBIA CONTRA O NORDESTE

Não é simples explicar e contextualizar o preconceito contra o Nordeste no Brasil. Antes de mais nada, faz-se necessário entender como a própria formação da região e os discursos (externos ou não) sobre ela são duas das raízes dos estereótipos, apropriados pelas manifestações xenofóbicas e outros tipos de violências simbólicas. Esse movimento ajudará a compreender como todo esse processo reverbera e ganha outra “roupagem” no ambiente do futebol.

Como vimos anteriormente, a consolidação do Nordeste se deu de modo paulatino, mas não totalmente natural. O processo de identificação — e quase unificação — do que seria *ser nordestino* se fortaleceu em grande medida por ações político-econômicas e contou com uma confluência de similaridades climáticas, geográficas, de tradições, costumes, ritos e expressões linguísticas e culturais.

Estudiosos identificam diversos momentos como marcos propulsores e congregadores para a formação geográfica e simbólica da região. Politicamente, por exemplo, Silveira (1984) menciona ações coordenadas das elites locais no sentido de defender interesses e cobrar investimentos para combater a crise da produção açucareira na segunda metade do século XIX. A Grande Seca de 1877-1879, a primeira a ter importante repercussão nacional, é outro momento em que a bancada “nortista” do Parlamento consegue recursos para as vítimas (Albuquerque Júnior, 2021; França Junior, 2003). Nesse movimento, a união de diferentes estados efetivamente conseguiu verbas para cessar um cenário catastrófico, mas, ao mesmo tempo, fortaleceu o discurso estereotipado que associa o Nordeste às secas, à fome e à pobreza.

Em termos simbólicos e culturais, para Albuquerque Júnior (2021), o momento-chave para compreender essa suposta unificação regional, a despeito da já mencionada diversidade, é o Congresso Regionalista de 1926, que causou reverberações nos anos seguintes. Naquele momento, houve um movimento deliberado de artistas e intelectuais ligados às classes dominantes no sentido de retomar as ditas raízes nordestinas como contraposição aos avanços das ideias de congregação e integração nacionais. Com o objetivo de manter a dominação local, essas elites, então, apostaram no resgate das tradições e na demarcação não apenas cultural, mas também geográfica do que é (ou deveria ser, na concepção dessas pessoas) o Nordeste.

Manter a “vida deste espaço” é, na verdade, manter viva esta dominação ameaçada. A memória espacial é, na verdade, a memória de uma dominação em crise. A região

surge assim como uma “dobra espacial”, como um espaço fechado às mudanças que vêm de fora. O Nordeste se voltaria para si como forma de se defender do seu outro, do espaço industrial e urbano que se desenvolvia notadamente no Sul do país. O Nordeste é uma rugosidade do espaço nacional, que surge a partir de uma aliança de forças, que busca barrar o processo de integração nacional, feita a partir do Centro-Sul (Albuquerque Júnior, 2021, p.94).

O movimento de tentativa de unificação nada mais é que o reforço da suposta identidade nordestina. Esse conceito é muito familiar aos estudos de Comunicação e, em especial, quando se trata de esporte. Basta lembrar as inúmeras pesquisas que olham para o futebol e a seleção brasileira como pilares da construção identitária nacional (Guedes, 1977; Vogel, 1982; Souza, 1996; Helal, 1994, 2011; Costa & Helal, 2022, entre outras), que se consolidaram como um importante e recorrente nicho de investigações.

Ao longo das últimas décadas, o conceito de identidade, que se aplica diretamente à construção simbólica do Nordeste, foi apreendido e utilizado de distintas maneiras nas pesquisas sobre futebol no Brasil. O esporte mais popular do país foi amplamente estudado, em especial no contexto de megaeventos como Copas do Mundo e Jogos Olímpicos, como um dos fatores que ajudam a integrar o território e conformar uma dita identidade nacional.

Vários dos principais autores do campo debruçaram-se nas investigações sobre o tema, que ganhou centralidade durante o Mundial de 2014 e a Olimpíada de 2016, ambos no Brasil. Contudo, o começo “oficial” do debate data de décadas antes, com a publicação da dissertação de mestrado *O Futebol Brasileiro – Instituição Zero*, de Simoni Guedes (1977), e o lançamento de *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982), organizado por Roberto DaMatta e considerado o marco inicial dos estudos sobre futebol no país. Sobre este último, o capítulo *O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional* de Arno Vogel que é considerado a pedra fundamental para as reflexões em torno da relação futebol e identidade.

Sobre a localização das discussões sobre futebol e identidade no contexto maior dos estudos sociais e das humanas sobre esporte no país, Helal (2011) faz ampla revisão bibliográfica e identifica fases, que vão desde a perspectiva “apocalíptica” (em que o futebol era tratado meramente como o “ópio dos povos” e uma ferramenta de alienação); passando pela compreensão do esporte como “drama” da vida social nacional (impulsionada pelo livro *Universo do Futebol*) e pelos debates em torno da obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho; até, enfim, os recentes enfraquecimento e complexificação da ideia de “futebol-nação”.

Particularmente, é em torno dessa compreensão de “futebol-nação” que se desenvolveu grande parte da literatura sobre futebol e identidade, com uma intensificação a partir da década de 1990. O início desses estudos, como mencionado acima, parece estar situado no trabalho de Guedes (1977) e Vogel (1982). Mais recentemente, autores como Ronaldo Helal, Edison Gastaldo, Hugo Lovisolo, Leda Maria da Costa, Álvaro do Cabo e Francisco Brinati exploraram as conexões entre futebol, nacionalismos e um certo senso de brasilidade. Grande parte das contribuições se baseia no entendimento de que a noção de nação é construída discursivamente (Helal, 1994) e que torcedores/as constroem um senso de pertencimento coletivo imaginado com os times, que é atravessado, então, por discursos de nacionalidade no caso dos selecionados nacionais (Souza, 1996).

Destaca-se nessa seara o trabalho de Ronaldo Helal e colegas (há contribuições dele com Leda Maria da Costa, Álvaro do Cabo e Hugo Lovisolo), que há algumas décadas têm procurado “ler a sociedade brasileira” por meio, sobretudo, das Copas do Mundo masculinas (Costa & Helal, 2022). Estes trabalhos apontam que, se em 1950 e 1970 a derrota e vitória, respectivamente, funcionaram como metonímias da nação, as conquistas de 1994 e 2002 e a derrota de 1998 “não transcenderam o universo futebolístico e foram experimentadas como vitórias e derrota de uma equipe esportiva” (Costa & Helal, 2022, p.20). Esse cenário dos anos 1990 em diante é analisado como uma crise de identificação nacional com a seleção masculina, o que ressalta também uma turbulência na associação entre esporte e nacionalismo no Brasil. O processo de desassociação se intensifica mais recentemente com, por exemplo, a derrota para a Bélgica em 2018, que gerou na mídia narrativas de ordem técnica mais do que aquelas ligadas a nacionalismos e a um suposto fracasso da nação (Costa & Helal, 2022).

Para além do contexto futebolístico, abordar aqui o conceito de identidade nos permitirá compreender melhor a formação do *ser nordestino* e de que maneira a xenofobia contra a região aparece como uma espécie de efeito colateral desse processo. Ao longo das últimas décadas, o termo foi apreendido e utilizado de diferentes maneiras por diferentes pesquisadores (Hall, 2006; Canclini, 2011), especialmente com a intensificação das ondas migratórias e diásporas (Hall, 2006), de um país para o outro ou dentro de um mesmo país, da hibridização de culturas (Canclini, 2011) e do processo de globalização iniciado décadas atrás.

Stuart Hall (2006) entende que as identidades dos povos são construídas e reconstruídas histórica e socialmente, não biologicamente. A noção, assim, ganha características heterogêneas e móveis, sendo modificada constantemente a partir dos distintos sistemas culturais a que temos acesso. Contemporaneamente, portanto, os fatores supostamente originais dialogam com o novo na construção de identidades mistas perpassadas

e influenciadas por outros povos. Em meio às diferentes e intensas trocas simbólicas do mundo pós-moderno globalizado, em que o acesso a culturas outrora diferentes está a poucos cliques, uma suposta identidade “plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p.13).

Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Apesar de certas diferenças contextuais e conceituais em relação ao autor britânico-jamaicano, o argentino Néstor García Canclini — responsável por conceituar a hibridização na globalização — reitera que a identidade, nos tempos atuais, passa a ter menos relação com aspectos e acontecimentos fundadores de outros tempos, justamente por conta das mesclas entre diferentes culturas.

A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore - que durante séculos produziram signos de distinção das nações -, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana (Canclini, 1997, p. 124).

Porém, ao mesmo tempo em que a globalização torna as identidades mais fluídas, há um movimento de resistência: a regionalização, aspecto fundamental neste estudo. O resgate às tradições locais e a “redescoberta do passado” (Woodward, 2014, p.12) aparecem como propulsores desse movimento. No caso específico do Nordeste, as reivindicações a artistas tradicionais, comidas típicas, festas juninas e julinas, ritmos como o forró e as respectivas adjacências (xote, xaxado, baião), símbolos imagéticos-culturais, entre outras manifestações, são exemplos claros desse processo.

Portanto, mais do que puramente opostos, o local e o global são dialógicos. As identidades são construídas e reformuladas constantemente a partir das profundas associações entre essas duas noções, que formam um fenômeno chamado “glocalização” (Lourenço, 2014).

A globalização não significa, assim, o fim do local, enquanto realidade social. O que a globalização significa de facto é uma forte e intensa conexão do local e do global, associada a um conjunto profundo de transmutações da vida quotidiana, que afectam as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes (Lourenço, 2014, p. 4)

Nesse sentido, Morigi (2005, p.8) argumenta que “as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização”. O ponto de vista é corroborado por Eula Dantas Taveira Cabral (2006), que relaciona o processo de globalização (e as consequentes identidades fragmentadas) e o movimento de resistência local ao analisar a regionalização das coberturas televisivas no Brasil.

No futebol, movimento semelhante foi notado em anos recentes com o Esporte Interativo, extinta emissora de TV criada no Sudeste, mas que utilizou diversos aspectos do imaginário sobre o Nordeste (repórteres locais, vinhetas sonorizadas com baião, forró e xote, imagens de mandacarus e chapéus de cangaceiro) para reforçar o caráter regional e identitário da cobertura exclusiva da Copa do Nordeste (Araújo e Costa, 2017; Vasconcelos e Abreu, 2015).

A TV (...) passou então a incorporar e (re)construir um discurso de resistência já existente em muitos movimentos dos próprios torcedores de oposição à mídia e aos clubes do eixo Sul-Sudeste, fortalecendo assim as identidades regionais frente à globalização da comunicação (Araújo e Costa, 2017, p.6)

É nessa rede complexa e dialógica de ações políticas, econômicas, simbólicas e culturais que se formam as variadas identidades nordestinas. Esse processo de construção identitária, porém, tem relação direta com a criação de estereótipos. Para Hall — que estuda o conceito a partir das reflexões sobre o racismo —, a estereotipagem age em três pontos fundamentais: em primeiro lugar, ao reduzir, essencializar, naturalizar e fixar a diferença; em segundo lugar, ao implantar uma estratégia de cisão que divide o aceitável do inaceitável; em terceiro lugar, ao ocorrer de forma mais fértil em locais onde existem desigualdades de poder, sendo dirigido principalmente contra grupos subordinados ou excluídos (Hall, 2016). Essa tríade conceitual se mostra plenamente aplicável às manifestações odiosas contra o Nordeste.

Estereotipar é como um efeito colateral da ideia de tipificar. Enquanto a tipificação é uma maneira de dar nomes, fazer associações e compreender o mundo, a estereotipização age de modo a reduzir simbolicamente e exercer poder sobre os subjugados ao separar o “nós” (os normais, os aceitáveis, insiders) do “eles” (estereotipados, anormais, inaceitáveis, diferentes, outsiders) (Hall, 2016). Ainda segundo Hall, é o exercício do poder não por meio das restrições ou coerções físicas, mas a partir do simbólico e do ritualizado a partir das representações. Trata-se, acima de tudo, de uma violência simbólica.

O pesquisador indiano Homi Bhabha estuda os estereótipos a partir da análise do discurso colonial. Para ele, o estereótipo “é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (Bhabha, 1998, p. 105). O autor analisa que os estereótipos não estão necessariamente ligados a ideias falsas que se tornam discriminações. O ato é ambivalente e diz respeito a quem estereotipa e a quem é estereotipado. Seria, desse modo, uma ação “de projeção e introjeção” (Bhabha, 1998, p. 125). A visão é corroborada por Albuquerque Júnior (2021, p.13), ao tratar do Nordeste: “O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a práticas que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado”.

Vários estudos de diferentes áreas do conhecimento sinalizam os estereótipos construídos historicamente a respeito do Nordeste (Albuquerque Júnior, 2021; Pinheiro, 2021; Brilhante, 2017; Cavalcanti, 1993). A região é tida como retrógrada e marcada pela miséria, por fortes secas em todo o território, por relações sociais violentas desde os tempos do cangaço, pelas influências messiânicas, cada um com características, contextos e particularidades próprias, do cangaceiro Lampião e de Padre Cícero. É o Nordeste do “cabra macho” e do baiano preguiçoso, entre outros. Esses estereótipos se amplificam quando o *outro* nordestino migra e se faz notar em um ambiente que originalmente não é seu. Nesse local, muitas vezes o Sudeste, os nordestinos, sejam de onde forem, são muitas vezes rotulados de forma pejorativa ao serem chamados de “baianos” ou “paraibas”.

O nordestino que chega a São Paulo e é genericamente chamado de “baiano” percebe que sua integração aos parâmetros do perfil paulista é dolorosa e esbarra em inúmeros preconceitos. O uso de expressões como “pau-de-arara” e “cabeça-chata” para caracterização de nordestinos, mesmo aqueles mais afluentes ou de nível de educação mais alto; a referência a expressões como “bichinho” (pronunciadas “cantando”, em grotesca imitação do sotaque ou dos sotaques do Nordeste); a alusão a um estereótipo do homem do Nordeste como um indivíduo que está sempre portando uma peixeira, etc. — tudo isso indica a natureza de uma atitude viciada, preconceituosa e reveladora de menosprezo (Cavalcanti, 1993, p. 26).

A partir dos estereótipos e outras formas de dominação — muitas vezes ancorada nessa contraposição entre o *eu* e o *outro*, que vem de fora —, surge a xenofobia. Essa relação eu-outro, aliás, é fundamental para compreender a própria formação das identidades, segundo as reflexões da britânica Kathryn Woodward (2014). A partir de reflexões sobre os trabalhos de Hall e mais estudiosos que se dedicaram ao tema, a pesquisadora ajuda a compreender melhor a questão da alteridade, ao perceber a construção identitária de forma relacional. Ou seja: se sou o que sou, só o sou por ser diferente dos outros; se somos o que somos,

coletivamente, só o somos por sermos diferentes dos outros. Se somos nordestinos, só o somos por compartilharmos repertório simbólico, cultural e social, mas também por este repertório ser diferente de outros compartilhados por outras identidades.

Não se trata aqui de perceber a identidade como uma rígida oposição binária entre nós e eles (Woodward, 2014, p. 29). Mais do que isso, como visto anteriormente, esse conceito é fluido e está em constante modificação, a partir do resgate ao passado e das atualizações do presente e do futuro. Entretanto, perceber a diferença como essencial para a demarcação de identidades distintas ajuda a compreender, por exemplo, as demonstrações violentas contra o outro, o externo, o diferente. Nesse contexto, a xenofobia é uma dessas manifestações de exclusão social.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença (Woodward, 2014, p. 40).

O processo de exclusão social descrito pela autora se conforma a partir das diferenças simbólicas (repertório cultural) e sociais (posição sócio-econômica). Essa reflexão permite entender, por exemplo, impactantes movimentos políticos globais, como as ações do presidente dos Estados Unidos Donald Trump para expulsar imigrantes¹ ou a ascensão da ultra-direita na Alemanha, que persegue "não assimilados", aqueles nascidos no país com etnias não-alemãs². No Brasil, a tese é facilmente verificável quando se olha para o racismo ou mesmo para a xenofobia contra o Nordeste.

No esporte, o ódio ao “diferente” também se manifesta de várias maneiras, em vários locais e a partir de vários atores. Para melhor compreender esse movimento, é preciso analisar o que já foi estudado sobre ele.

1.1 Xenofobia no futebol: uma revisão de literatura

Como mencionado anteriormente, não se identificou pesquisas específicas sobre xenofobia contra o Nordeste e seus personagens no contexto do futebol brasileiro. Não que elas seguramente inexistam, mas sabidamente, ao menos na área da Comunicação e Esporte, trata-se de um tema ignorado. A região, contudo, foi tema de investigações sob outras perspectivas, também importantes, como o reforço das identidades locais e clubísticas

¹ Disponível em: <<https://nymag.com/intelligencer/article/4-ways-trump-is-going-after-legal-immigrants.html>>. Acesso em 21 mar, 2025.

² Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg4ky0r709go>>. Acesso em 21 mar, 2025.

(Vasconcelos, 2011, 2013, 2014, 2016; Vasconcelos e Abreu, 2015, 2020; Araújo e Da Silva, 2016; Campbell, 2019; Araújo e Faustino da Costa, 2017) e os torcedores “mistos”, ou seja, aqueles que escolhem um time nordestino e um de outra região, frequentemente Sul ou Sudeste, para torcer (Vasconcelos, 2011, 2012, 2014).

As investigações prévias sobre identidades locais e torcedores mistos fornecem contexto e auxiliam na compreensão de certos aspectos do futebol nordestino, mas, por tratarem de outros temas, não bastam como sustentação para este estudo. Portanto, foi necessário levar adiante um mapeamento para solidificar o embasamento teórico e melhor compreender o que já foi produzido sobre a discussão central do trabalho. Esse processo, contudo, não é simples. Por se tratar de um objeto ainda pouco debatido, muitos achados são mais técnicos (majoritariamente quantitativos) que propriamente analíticos.

A busca por pesquisas específicas sobre xenofobia contra o Nordeste brasileiro no âmbito do futebol foi feita em repositórios acadêmicos nacionais e internacionais, como o Google Acadêmico, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e a *Dimensions*. No processo, foram utilizadas palavras-chave diretamente ligadas aos temas de interesse da pesquisa: “Nordeste” (e variações, como “nordestino”, “nordestina”, “nordestinos”), “identidade”, “futebol”, “xenofobia”, “discurso de ódio” e “estereótipo”. Não houve resultados específicos a respeito do tema.

Em seguida, para ampliar o escopo, optou-se por fazer buscas em três idiomas (inglês, português e espanhol) sobre xenofobia no futebol, excluindo-se, assim, as palavras-chave relacionadas ao Nordeste. Este novo movimento de pesquisa, executado na *Dimensions* em 1º de julho de 2023³, identificou os autores, os países e as revistas com mais produções e aqueles mais citados, com o objetivo de reconhecer os agentes de maior impacto na área, além de reconhecer os principais conceitos acionados. Os principais resultados ajudam a mapear a produção e serão apresentados a seguir.

A plataforma identificou 40 ocorrências (39 em inglês, uma em português e nenhuma em espanhol). A partir da leitura atenta e detalhada de todos os títulos e resumos, foi feita uma filtragem que excluiu seis produções: quatro que não têm como tema a associação entre xenofobia e futebol, uma sobre futebol americano (football, no inglês dos Estados Unidos) e uma duplicidade. A análise final, portanto, leva em consideração 34 trabalhos entre 1999 (ano da primeira publicação identificada pela plataforma) e junho de 2023, número consideravelmente pequeno dada a amplitude dos parâmetros utilizados na busca — um

³ Utilizou-se os seguintes parâmetros em busca feita em 1º de julho de 2023: (xenophobia OR xenophobic OR xenophoby OR xenofobia OR xenófobo OR xenofóbico) AND (soccer OR football OR futebol OR fútbol).

indicativo de como o tema tem tido pouco protagonismo nos debates sobre o esporte não apenas no Brasil. O passo seguinte se baseou na *science mapping analysis*, método da bibliometria para avaliar topologicamente e temporalmente um ramo de pesquisa.

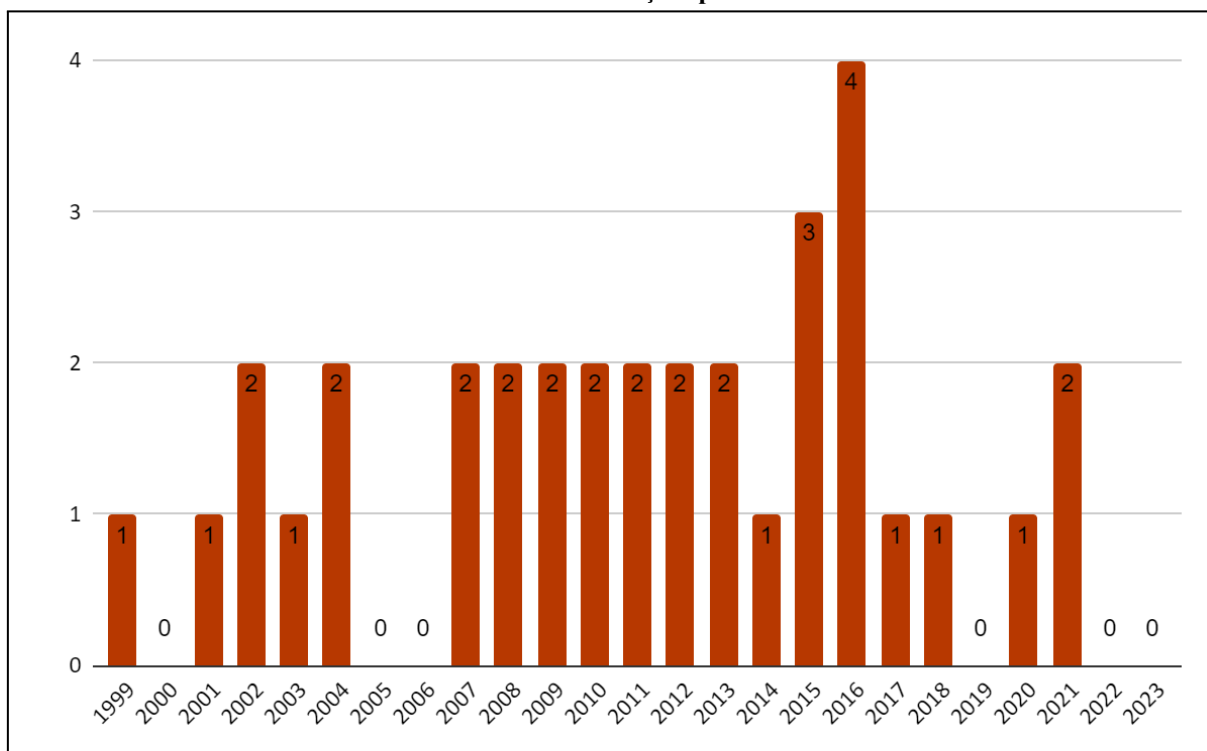
Em seguida, empreendeu-se uma análise de conteúdo quali-quantitativa (Bardin, 1977), em que as publicações foram categorizadas em temas a partir da leitura dos títulos e dos resumos. O objetivo foi identificar as abordagens mais frequentes no debate científico e os conceitos costumeiramente associados à xenofobia na pesquisa a respeito do esporte.

1.1.1 Impacto ano a ano

Na análise de dados, foi possível identificar uma série de características do debate sobre o tema, assim como lacunas importantes que podem ser preenchidas com estudos futuros. O primeiro movimento analítico diz respeito à distribuição temporal das publicações coletadas. Desde 1999, ano do primeiro estudo identificado na coleta de dados, não há grandes variações ou picos de interesse científico. Foram 34 produções em 25 anos, média de 1,36, consideravelmente pequena pela relevância do tema.

Os anos com mais produções sobre xenofobia e futebol são 2016 (quatro) e 2015 (três), mas a maioria teve entre zero e duas publicações, como mostra o gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Publicações por ano



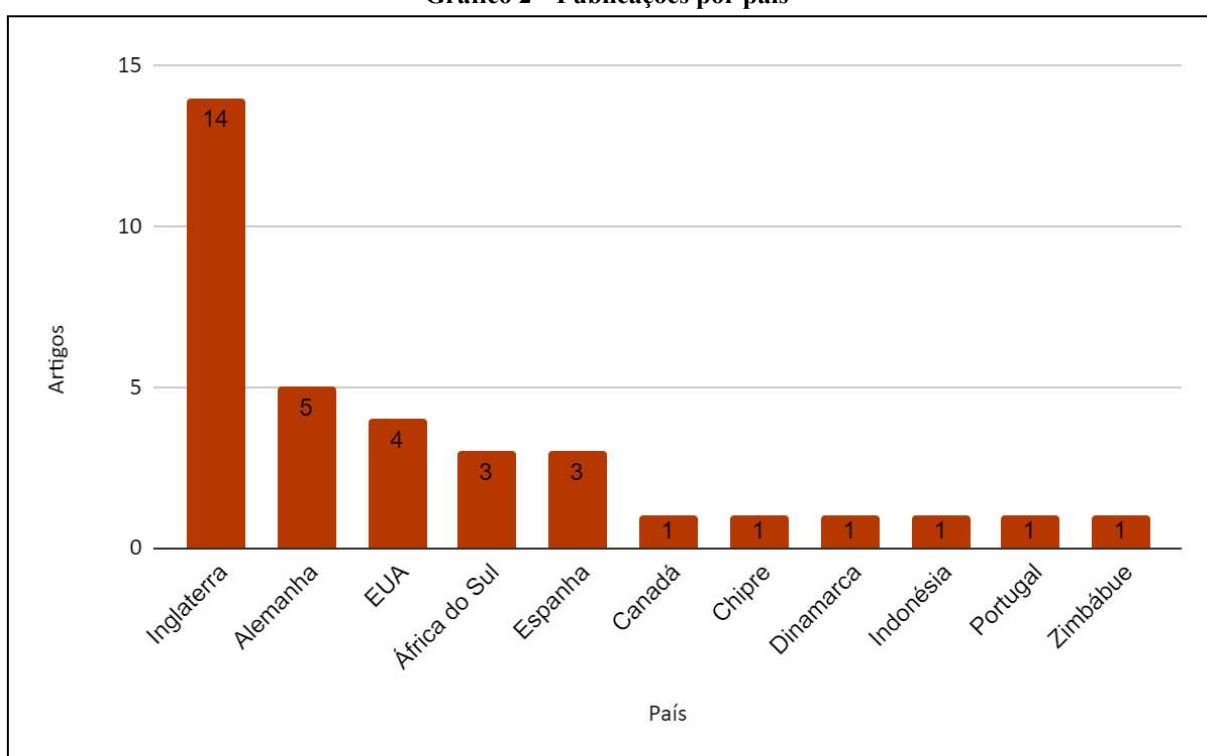
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

1.1.2 Países mais relevantes no debate

Em diferentes buscas, é possível notar que se trata de um tema pouco explorado pela comunidade científica. Nenhuma das 34 publicações coletadas foi feita por brasileiros. A única produção em português, intitulada “O papel do futebol em contextos pós-conflito: o caso dos Bálcãs” (2012), foi realizada pelo pesquisador Pedro Sousa Almeida, nascido em Portugal.

As lacunas não são exclusividade brasileira. Como mostra o gráfico 2, o levantamento identificou poucos países com publicações sobre o tema. Tradicional centro do debate sobre futebol, a Inglaterra se destaca na lista, com 14 produções. Em seguida, aparecem Alemanha (cinco) e Estados Unidos (quatro). Espanha e África do Sul tiveram três contribuições no período analisado. Há ainda outras nações representadas com um trabalho. Esses resultados indicam a inexistência de muitos pólos consolidados no debate a respeito do tema, que aparece muitas vezes como um interesse pontual para determinados pesquisadores e não se torna objeto recorrente. Isso, naturalmente, é uma barreira para o avanço do conhecimento.

Gráfico 2 - Publicações por país



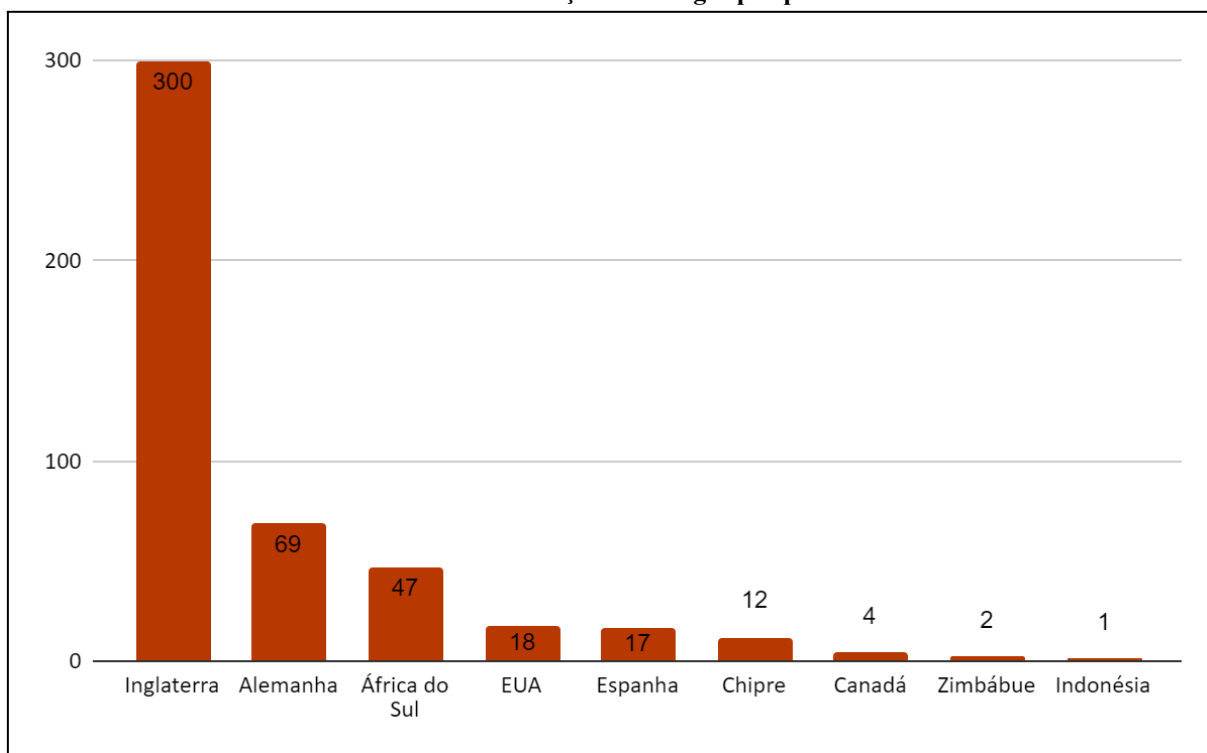
Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Inglaterra aparece, de fato, como o maior expoente no debate internacional não apenas na quantidade de publicações, mas também quando se trata do número de citações. As

publicações de ingleses que tratam de xenofobia e futebol foram referenciadas 300 vezes (como mostra o gráfico 3). Em seguida, aparecem Alemanha (69) e África do Sul (47).

Há uma concentração de trabalhos na Europa, especialmente na Inglaterra, Espanha e Alemanha, que têm vasta tradição no futebol. Fora desse eixo, o destaque é a África do Sul. O país foi local de pesquisas sobre o tema muito em função da realização da Copa do Mundo de 2010, que motivou debates a respeito do nacionalismo e reflexões sobre os diferentes povos que compõem a(s) identidade(s) sul-africana(s).

Gráfico 3 - Citações de artigos por país



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

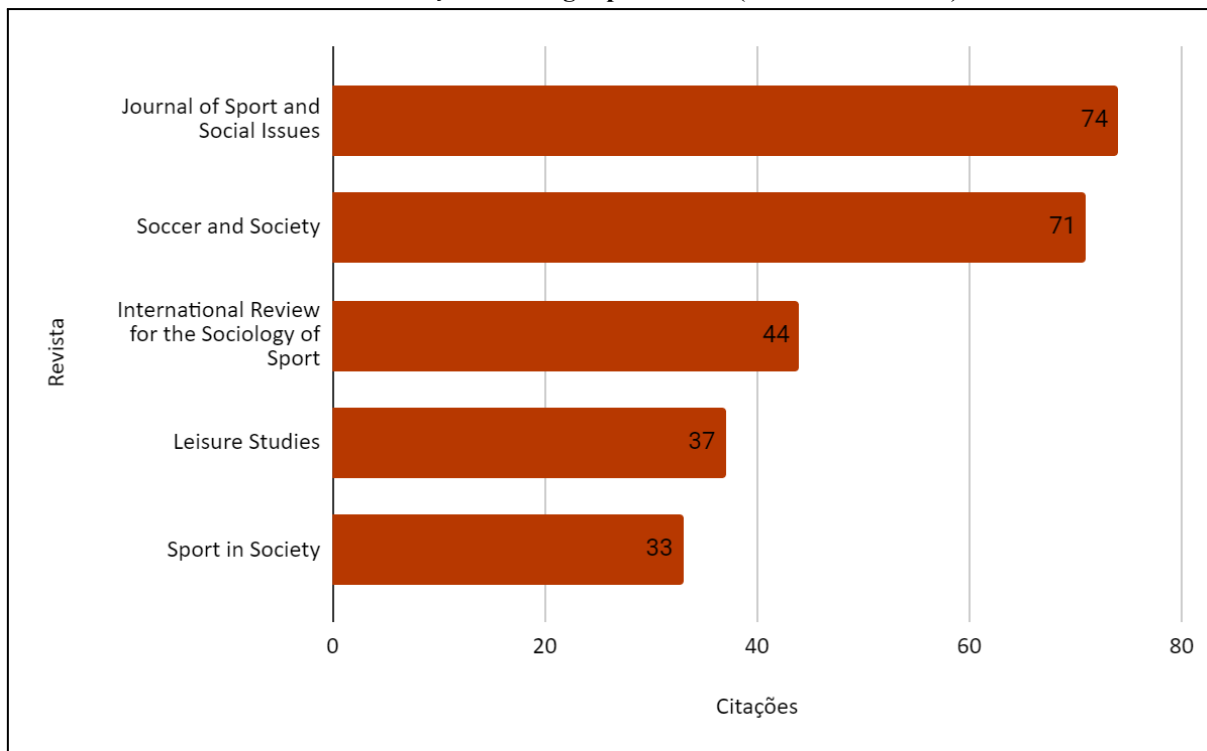
1.1.3 Principais periódicos e autores

Foi possível identificar ainda os periódicos com mais artigos e citações (gráfico 4). Apenas dois publicaram mais de um estudo, segundo o levantamento: a *Soccer and Society* (sete) e a *Sport in Society* (dois). O mais citado, porém, foi o *Journal of Sport and Social Issues* (74), com a publicação de “War Minus the Shooting? Jingoism, the English Press, and Euro 96”, dos ingleses Jon Garland e Mike Rowe, em 1999.

O teor dos principais periódicos dá indícios de quais são as abordagens dominantes no debate sobre xenofobia e futebol. Os campos de estudo mais frequentes das 34 publicações analisadas são Sociedade Humana (28) e Sociologia (24), segundo os parâmetros do banco de dados disponibilizado pela Dimensions. Foram seis produções na área “Linguagem,

Comunicação e Cultura”, a quinta mais acionada. Apesar disso, conceitos e objetos comunicacionais também aparecem em outros estudos.

Gráfico 4 - Citações de artigos por revista (cinco mais citados)

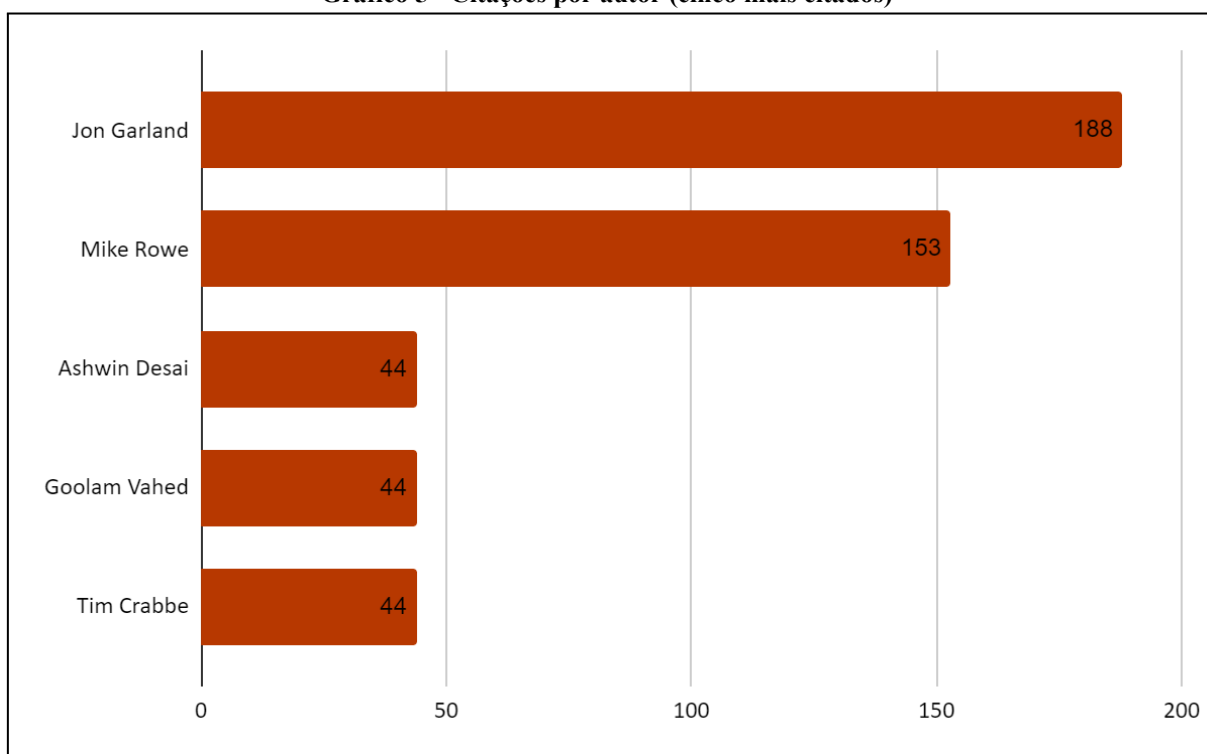


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A seguir, é importante, ainda, identificar os autores de maior impacto na área. Jon Garland (quatro), Mike Rowe (quatro) e Ramón Llopis-Goig (três) foram os pesquisadores com mais publicações. De acordo com o levantamento, apenas os três têm mais de uma publicação sobre xenofobia e futebol, enquanto 35 publicaram somente uma vez. Esse dado reforça que vários estudiosos tratam pontualmente do tema, mas poucos se dedicam a debatê-lo de forma consistente ao longo dos anos.

Já os autores com mais citações (gráfico 5) foram Jon Garland (188), Mike Rowe (153), Ashwin Desai (44), Goolam Vahed (44) e Tim Crabbe (44). A relação “número de publicações *versus* total de citações” mostra a relevância de Jon Garland e Mike Rowe no debate. Ingleses, eles trabalharam juntos em três publicações – duas delas são as mais citadas entre todas as compiladas no levantamento: “War minus the shooting? Jingoism, the English Press, and Euro 96” (74 citações), que debate como a xenofobia acompanha tendências sociais e políticas ao analisar a cobertura da imprensa inglesa sobre a Eurocopa de 1996; e “Racism and Anti-Racism in Football” (72 citações), livro que trata de racismo, nacionalismo e identidade no futebol britânico ao relatar histórias de jogadores negros.

Gráfico 5 - Citações por autor (cinco mais citados)



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

“War minus the shooting? Jingoism, the English Press, and Euro 96” é um artigo publicado no *Journal of Sport & Social Issues* em fevereiro de 1999, quase três anos depois do fim da Eurocopa de 1996, sediada na Inglaterra. No trabalho, os autores fazem uma análise a partir da leitura subjetiva da cobertura da competição por grandes jornais locais: The Daily Mail, Sun, Daily Mirror, The Times, Guardian e News of the World.

Ao longo do artigo, Garland e Rowe mencionam diversas passagens publicadas pelo jornalismo que abertamente são xenofóbicas (algo que aparece com menos frequência no caso nordestino, como veremos à frente) contra holandeses, escoceses, espanhóis e alemães, cujas seleções enfrentaram a Inglaterra no torneio. “The Daily Mirror destacou ‘10 coisas desagradáveis que a Espanha deu à Europa’ — uma lista que incluía ‘sífilis, General Franco e bombardeios massivos’” (p.80). São muitas, aliás, as menções ao histórico bélico, com vários registros que opuseram ingleses e a Alemanha, que acabou por eliminar a equipe local na semifinal.

O texto trata de um contexto bastante diferente daquele em que o futebol nordestino se insere, mas tematiza algumas discussões que fazem sentido nos dois cenários. No caso inglês, os pesquisadores entendem que certas alas do jornalismo esportivo se apropriaram do bom desempenho da seleção na Euro 96 para reforçar aspectos identitários do país — e, como vimos, o conceito de identidade é essencial para compreender a xenofobia contra o Nordeste

no Brasil. Há, ainda, a repetição insistente de estereótipos negativos sobre os alvos do ataque, presente também na discussão brasileira.

Já “*Racism and Anti-Racism in Football*” é um livro publicado pela dupla em 2001. Na obra, Garland e Rowe fazem uma revisão histórica da inserção e da presença de jogadores negros no futebol inglês. A análise posterior leva em consideração novamente aspectos como identidades e estereótipos ao apontar como o racismo e a xenofobia não estão presentes apenas em manifestações abertamente preconceituosas (cânticos, arremessos de bananas no campo, entre outras), mas também de forma velada e institucional.

1.1.4 Temas das publicações

Mais do que identificar a distribuição temporal, os autores, os países e os periódicos mais relevantes, faz-se necessário compreender de que maneira os agentes do debate o têm empreendido. Quais os temas mais recorrentes? Quais conceitos são acionados? A xenofobia está relacionada a quais outros tipos de discussões? De que maneira os estudos da comunicação podem ajudar a compreender e a analisar esse tipo de episódio?

Para isso, identificou-se as palavras que mais apareceram em títulos e resumos, excluindo-se pronomes, preposições e outros elementos de ligação, para entender quais termos são acionados para tratar do tema. Em seguida, por meio da análise de conteúdo quali-quantitativa, categorizou-se os 34 artigos, também a partir da leitura de títulos e resumos.

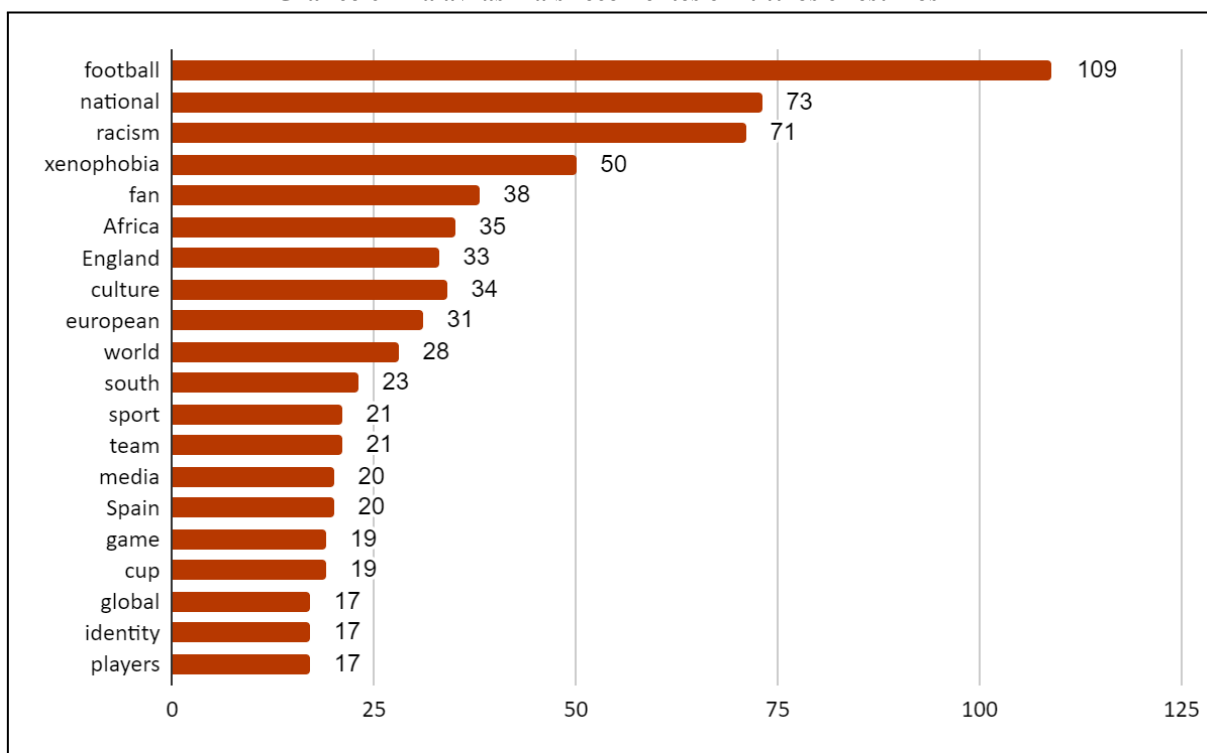
Naturalmente, a palavra mais recorrente foi “*football*” (e variações, como futebol, *football's* e *soccer*), com 109 ocorrências (gráfico 6). Há, porém, outros termos mais significativos para a análise também frequentemente usados, como “*national*” e “*racism*”, o que indica como as discussões sobre xenofobia muitas vezes estão ligadas a conceitos mais amplos e muito debatidos no campo da comunicação. A discussão de raça, aliás, é essencial para compreender como se formaram os estereótipos sobre o Nordeste e de que maneira funciona o discurso odioso contra os representantes da região também no futebol.

Percebe-se, portanto, como xenofobia e racismo andam juntos — o que é demonstrado pela frequência do termo “*racism*” em títulos e resumos. Aqui se evidencia a relevância do conceito de interseccionalidade, vastamente trabalhado por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e estrangeiros para explicar como diferentes categorias de desigualdades (de gênero, raça, nacionalidade, capacidade, etnia, faixa etária, entre outras) agem em conjunto.

A ocorrência significativa de termos como “*fan*”, “*cultural*”, “*media*”, “*globalization*” e “*identity*” também indica possíveis caminhos analíticos para análises sobre xenofobia no

futebol — e, especificamente neste caso, no futebol nordestino. Os resultados mostram a relevância desses termos e conceitos, que perpassam os debates sobre xenofobia no Brasil e em outros países, apesar das diferenças contextuais.

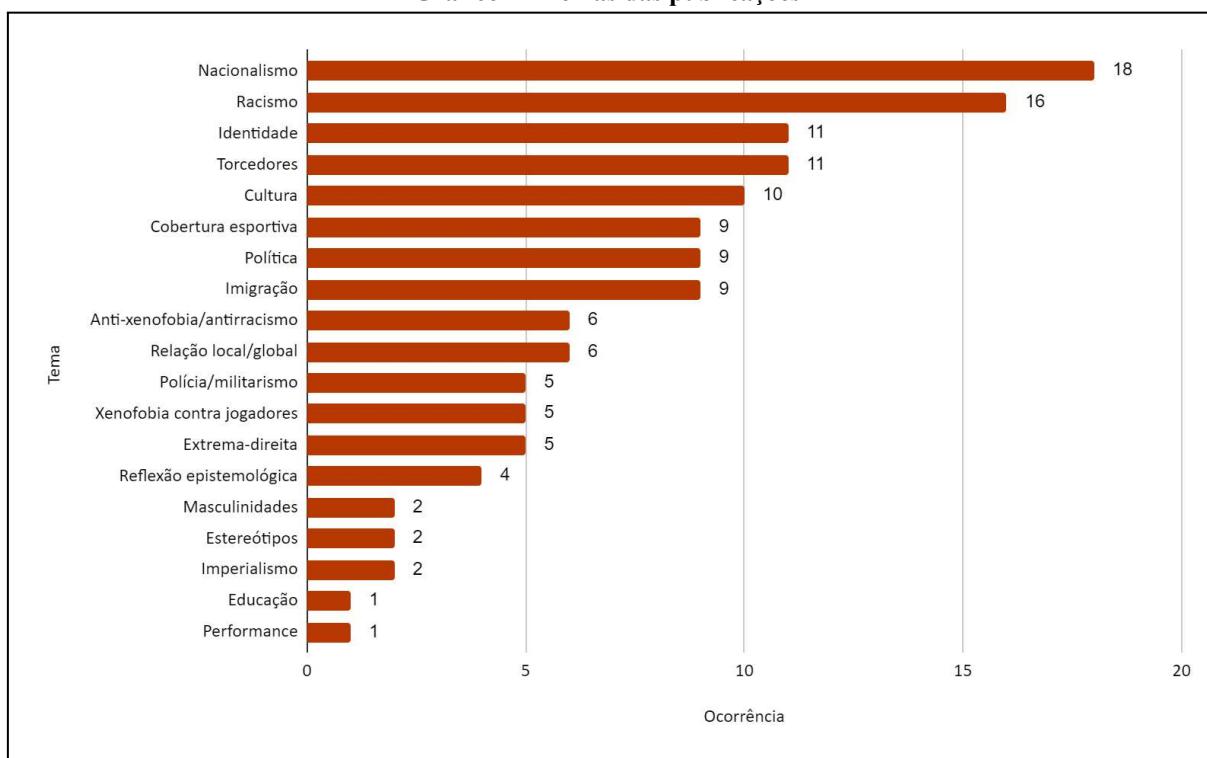
Gráfico 6 - Palavras mais recorrentes em títulos e resumos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O último passo do mapeamento da produção foi a análise de conteúdo quanti-qualitativa. Os 34 títulos e resumos foram cuidadosamente lidos e, em seguida, distribuídos tematicamente em 19 categorias. A codificação identificou os principais temas de cada trabalho, dividindo-os em tópicos com o intuito de sinalizar tendências de pesquisas e abordagens.

“Nacionalismo”, “racismo”, “identidade”, “torcedores” e “cultura” foram os temas mais recorrentes (gráfico 7), o que corrobora os caminhos de investigação sinalizados a partir da contagem de palavras no gráfico 6. São temas amplamente debatidos por pesquisadores tradicionalmente utilizados na pesquisa em comunicação, alguns mencionados anteriormente, como Hall, Canclini e Homi Bhabha (1998), além de Henry Jenkins (1992) e tantos outros, o que demonstra o quanto o campo comunicacional é fértil para o debate sobre xenofobia e futebol.

Gráfico 7 - Temas das publicações

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A busca na plataforma Dimensions foi refeita em 29 de abril de 2025, a fim de identificar se houve acréscimos que impactassem na análise. O número total de publicações saltou para mais de 50, aumento importante em termos quantitativos. Qualitativamente, contudo, nota-se que nenhuma das novas publicações trata do tema central deste trabalho, a xenofobia contra o Nordeste no futebol, e nem modifica significativamente os resultados da coleta anterior.

1.2 Mapeamento da xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol

A ausência de pesquisas se impõe como um desafio teórico para este estudo e nos coloca, como ponto de partida, a missão de mapear episódios, ao menos os mais recentes, com base nas características e nas definições sobre xenofobia contra o Nordeste em outros ambientes que não sejam o esporte. Neste contexto, faz-se necessária uma aproximação metodológica bastante criteriosa para identificar e melhor compreender como se conformam essas ofensas.

Mapear os casos de violência simbólica contra o Nordeste e seus personagens no futebol brasileiro não é tarefa simples. São várias as possibilidades de recorte e de aproximação aos dados. Neste estudo, optou-se por averiguar o período de dez anos entre 1º

de janeiro de 2014 e 31 de dezembro de 2023. Entende-se que é um intervalo temporal significativo em um momento histórico em que, enfim, os preconceitos regionais passaram a ser tipificados mais frequentemente como xenofobia.

Definido o período, o próximo passo foi escolher o método e os parâmetros de coleta. Optou-se por identificar o máximo possível de episódios noticiados sobre xenofobia contra o Nordeste no futebol. Para isso, recorremos a pesquisas avançadas no *Google*, no *Google Notícias* e nas ferramentas específicas de busca de oito sites pré-selecionados a partir de critérios como relevância, audiência e localidade. As palavras-chave escolhidas foram “futebol”, “Nordeste”, “xenofobia” e variações desses três termos⁴. Entende-se que essa escolha nos permite traçar um panorama significativo, embora possa excluir notícias que tratam do preconceito sem usar abertamente a palavra “xenofobia”, por exemplo. As buscas foram feitas e refeitas diversas vezes ao longo do processo, com a última tendo sido executada em 1º de julho de 2024.

Para a coleta, em âmbito “nacional” — empresas que, na verdade, são baseadas majoritariamente no Sudeste —, foram selecionados os portais *ge* e *Uol Esporte*, dois dos mais acessados veículos esportivos do país. A escolha se deve à relevância em termos de audiência, investimento e tradição. O *ge* é parte do Grupo Globo, principal conglomerado de mídia do Brasil, e conta com significativa relevância jornalística no Nordeste e uma série de profissionais dedicados à cobertura diária do futebol nos nove estados da região. Já o *Uol Esporte*, embora concentre os profissionais na cidade de São Paulo, propõe uma cobertura de abrangência nacional. Nessa estratégia, consolidou-se como um dos sites esportivos de maior audiência do Brasil e integra um grupo que conta com mais de 114 milhões de visualizações únicas mensais⁵.

No Nordeste, foram considerados registros feitos por cinco dos principais veículos da região: *Correio* (Bahia), *O Povo* (Ceará), *Jornal do Commercio*, *Folha de Pernambuco* e *Diário de Pernambuco* (os três de Pernambuco). Os sites escolhidos estão entre os de maior audiência mensal na região e consolidados na cobertura esportiva. Além disso, são consideradas referências jornalísticas dos três estados nordestinos (Bahia, Ceará e Pernambuco) que mais recorrentemente contam com representantes das principais divisões do futebol brasileiro — a exemplo de Bahia, Vitória, Fortaleza, Ceará e Sport (Série A).

⁴ Na coleta, utilizamos também variações das três principais palavras-chave, como “nordestino”, “nordestinos”, “nordestina”, “nordestinas”, “xenófobo”, “xenófobos”, “xenófoba”, “xenófobas”, “xenofóbico”, “xenofóbicos”, “xenofóbica” e “xenofóbicas”, com o objetivo de tornar a busca mais completa.

⁵ Disponível em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/>>. Acesso em 19 fev. 2024.

O oitavo site levado em conta no levantamento foi o do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que anualmente compila em um relatório casos registrados de xenofobia, racismo e LGBTfobia no país. Adicionalmente, entraram na conta quatro casos identificados nas buscas no Google e registrados por outros sites.

Ao todo, foram 31 registros de xenofobia e/ou denúncias de xenofobia contra o Nordeste no âmbito do futebol brasileiro entre janeiro de 2014 e dezembro de 2023 — todos no futebol masculino. É importante ressaltar que esta busca não se limita aos episódios que referenciam apenas aspectos futebolísticos e abrange também casos em que as ofensas estão direcionadas a outros ambientes (político-eleitoral, por exemplo), mas foram proferidas por personagens ligados à modalidade. Além disso, nota-se que todas as situações noticiadas tratam do futebol masculino. Não que a xenofobia não ocorra no futebol de mulheres, por óbvio, mas esse dado nos faz refletir sobre como esses casos talvez não cheguem aos veículos de comunicação pela cobertura ainda tímida da modalidade (Observatório Marta, 2021). Sabe-se, também, que o número subestima o total de casos que efetivamente ocorreram — seja por subnotificação na imprensa, seja pelo uso de outros termos para nomear o preconceito.

A partir da compilação de dados, verificou-se a necessidade de agrupá-los e compreendê-los mais profundamente. Para isso, recorreu-se novamente à análise de conteúdo quali-quantitativa a fim de perceber as características simbólicas das ofensas. Essa abordagem permite uma interpretação subjetiva a partir da codificação e da identificação de padrões (Hsieh e Shannon, 2005). São apresentadas três alternativas para esse tipo de aproximação aos dados: a convencional, a direta e a acumulativa. Este trabalho utilizou a análise convencional, que, ainda de acordo com Hsiu-Fang Hsieh e Sarah E. Shannon, é a melhor opção em situações em que se propõe a descrever um fenômeno cuja literatura científica existente é limitada, o que é o caso.

Nesse sentido, seguiu-se rigorosamente alguns passos das proposições da metodologia: 1) ler repetidamente o conteúdo das ofensas para identificar a visão do todo; 2) codificar as ofensas a partir de categorias estabelecidas para o estudo a partir do conteúdo lido no passo anterior; 3) analisar visualmente (a partir de gráficos) os resultados da codificação; 4) analisar qualitativamente os resultados.

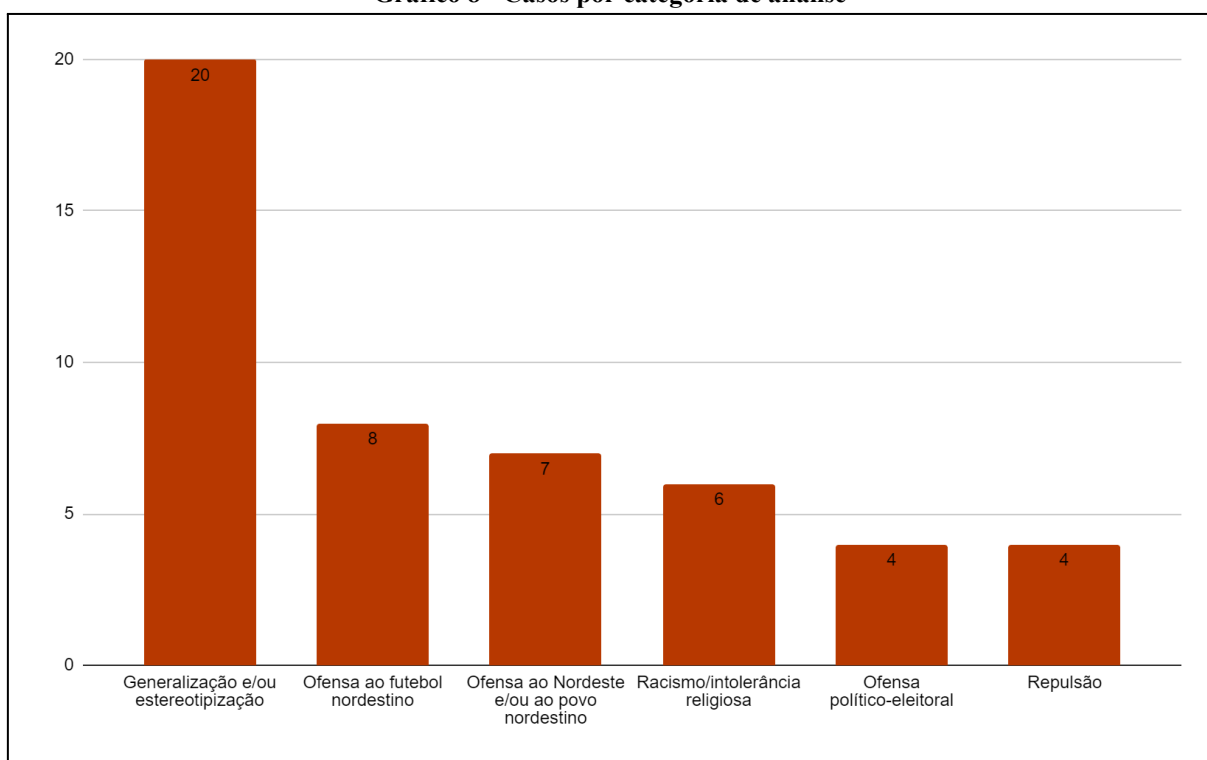
1.2.1 Resultados

A partir da análise de conteúdo, as ofensas xenofóbicas foram divididas em seis categorias (gráfico 8): 1) generalização e/ou estereotipização (reducionismos, generalizações

e estereótipos); 2) ofensa ao futebol nordestino (ofensas à qualidade esportiva de clubes ou jogadores nordestinos); 3) ofensa ao Nordeste e/ou ao povo nordestino (ofensas diretas e curtas unicamente por se tratar da região); 4) racismo/intolerância religiosa (casos interseccionais em que o racismo acompanha a xenofobia); 5) ofensa político-eleitoral (ofensas pelo comportamento eleitoral); e 6) repulsão (ofensas para "repelir" nordestinos de volta ao Nordeste). Somados, os resultados superam 31, já que em muitos episódios a ofensa se enquadra em mais de uma categoria.

Em 2022, por exemplo, Bruno Queiroz, um funcionário do Bahia, denunciou xenofobia durante jogo com o Azuriz, em Pato Branco, no Paraná⁶. Ele relatou ter ouvido de torcedores do time adversário: “‘Baiano, não anda rápido que vc só consegue andar devagar’, ‘Vai macumbeiro!’, ‘Volta pra sua rede pra dormir’, ‘Volta pra Bahia, terra de índio’”. O episódio se encaixa em três categorias (generalização e/ou estereotipização, racismo/intolerância religiosa e repulsão).

Gráfico 8 - Casos por categoria de análise



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Numa análise inicial, é possível identificar como a estereotipização — tratada, como citado anteriormente, nos trabalhos de Hall e Bhabha — é agente simbólico poderoso para

⁶ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/google/amp/ba/futebol/times/bahia/noticia/2022/05/11/funcionario-do-bahia-denuncia-atos-xenofobicos-apos-partida-contra-o-azuriz-vai-macumbeiro.ghml>>. Acesso em 29 jun., 2023.

caracterizar a xenofobia. É a categoria com mais registros (20). Estereótipos como os da seca (quando torcedores do Atlético Acreano disseram que “na tua terra não tem água” a jogadores do Confiança)⁷, da fome (gritos de “Bolsa Família” de torcedores do Paraná a jogadores do Vitória)⁸, do “baiano preguiçoso” (quando um torcedor do São Paulo disse que o jogo com o Bahia teria “30 mil preguiçosos na Fonte Nova”)⁹ foram frequentes. “Comedores de farinha”, “vendedor de rede”, “não sabia que já tem internet aí na aldeia”, “nordestino é uma coisa incrível... uma briga danada entre calangos, carcarás e cabeçudos” foram outras das ofensas ligadas a noções estereotipadas de um Nordeste arcaico e retrógrado.

A segunda categoria com mais registros (oito) é o das “ofensas ao futebol nordestino”, que engloba episódios em que a xenofobia é trajada de “críticas esportivas”. “Não sabia que existia futebol acima da Bahia”, “Jogou como um verdadeiro time nordestino, modo covarde!” e “Quando eu falo que a postura de time nordestino é postura de time pequeno não é por acaso” são alguns dos ataques que ilustram e ajudam a entender este grupo de análise. Aqui, também entram casos como o do locutor Domenico Gatto, que menosprezou a Copa do Nordeste, e os frequentes ataques ao lateral piauiense Renê Rodrigues Martins enquanto defendia o Flamengo¹⁰. Esse tipo de ofensa comumente vem acompanhada da estereotipização.

O caso de Renê é marcante. Nascido em Picos, no Piauí, o jogador se destacou com a camisa do Sport até ser contratado pelo Flamengo, em 2017. Ficou no clube carioca até 2022 e, no período, foi constantemente atacado por parte da torcida. O levantamento identificou três episódios em que as ofensas xenofóbicas se tornaram notícia nos sites considerados pela pesquisa (um em 2019 e dois em 2021). O número corresponde a 9,6% dos 31 casos coletados. Apesar de bastante significativo, trata-se de uma “subnotificação”. Na prática, os ataques foram em quantidade e frequência muito maiores que as reportagens de veículos de comunicação — isso é facilmente identificado a partir de pesquisas simples nas redes sociais digitais.

⁷ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/se/futebol/times/confianca/noticia/confianca-emite-nota-de-repudio-sobre-preconceito-sof-rido-no-acre-durante-jogo.ghtml>>. Acesso em 29 jun., 2023.

⁸ Disponível em:

<<https://observatorioracialfutebol.com.br/torcedores-do-parana-debocham-de-nordestinos-com-gritos-de-bolsa-familia-em-estadio/>>. Acesso em 29 jun., 2023.

⁹ Disponível em:

<<https://www.blogdobg.com.br/xenofobia-torcedores-do-sao-paulo-abusam-de-preconceito-em-redes-sociais-contra-abecedistas/>>. Acesso em 29 jun., 2023.

¹⁰ Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/mauro-cezar-pereira/2021/10/25/a-covardia-dos-xenofobos-contra-o-nordestino-rene.htm>>. Acesso em 29 jun., 2023.

Há ainda ataques diretos ao Nordeste e/ou ao povo nordestino, que constituem a terceira categoria de ofensas (sete casos). São episódios em que a região é alvo direto dos ataques, sem grandes “explicações”. É o caso, por exemplo, de quando um torcedor do Corinthians respondeu uma provocação no X do Íbis em 2017, num dos primeiros registros da coleta: “Time de merda, que morram todos. Inúteis!! Que caia o avião de vocês todos. Nordestinos pífeos (sic)”¹¹.

Em quarto lugar está a categoria “racismo/intolerância religiosa”, com seis episódios identificados. Neste contexto interseccional, xenofobia e racismo andam juntos. Para além da discriminação velada, são casos em que as ofensas racistas são verbalmente evidentes. Chamam a atenção, também, os ataques contra as religiões como Umbanda e Candomblé — como, por exemplo, as palavras ditas ao funcionário do Bahia, já citadas neste texto.

Outro caso marcante foi o de Paulo Henrique Sampaio Filho, conhecido como Paulinho, então atleta do Clube Atlético Mineiro. Apesar de ser carioca, o jogador protagonizou um episódio em que a xenofobia contra o Nordeste e a intolerância religiosa apareceram de forma complexa. O atleta é praticante do Candomblé e, durante um jogo da seleção brasileira em que esteve em campo, foi atacado por torcedores nas redes sociais. “Se macumba funcionasse, Bahia seria rica”, foi o tom de alguns comentários. Aqui fica claro o que argumenta Silva (2016): o discurso de ódio não é uma ofensa meramente individualizada. Se assim fosse, não consideraríamos um episódio que envolve um sudestino como xenofobia contra o Nordeste. Mais que pessoal, o ataque é coletivo e atinge todo um grupo.

Completam a lista as ofensas político-eleitorais (ataques ao voto nordestino, aliado histórico do Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais) e a repulsão (literalmente no sentido de repelir nordestinos de volta à região, com frases como “vão embora” — dita, por exemplo, por torcedores do Criciúma à delegação do Sport em 2023¹²). Essas duas categorias têm quatro episódios cada.

As ofensas pelo voto majoritário do Nordeste nas eleições presidenciais são recorrentes em diferentes contextos e aparecem, também, no futebol. “O Nordeste vota no Haddad e depois muda pra SP procurando emprego. Vai entender”, publicaram ex-jogadores

¹¹ Disponível em:

<<https://observatorioracialfutebol.com.br/ibis-faz-uma-provocacao-ao-corinthians-e-torcedor-responde-com-ato-de-preconceito/>>. Acesso em 29 jun., 2023.

¹² Disponível em:

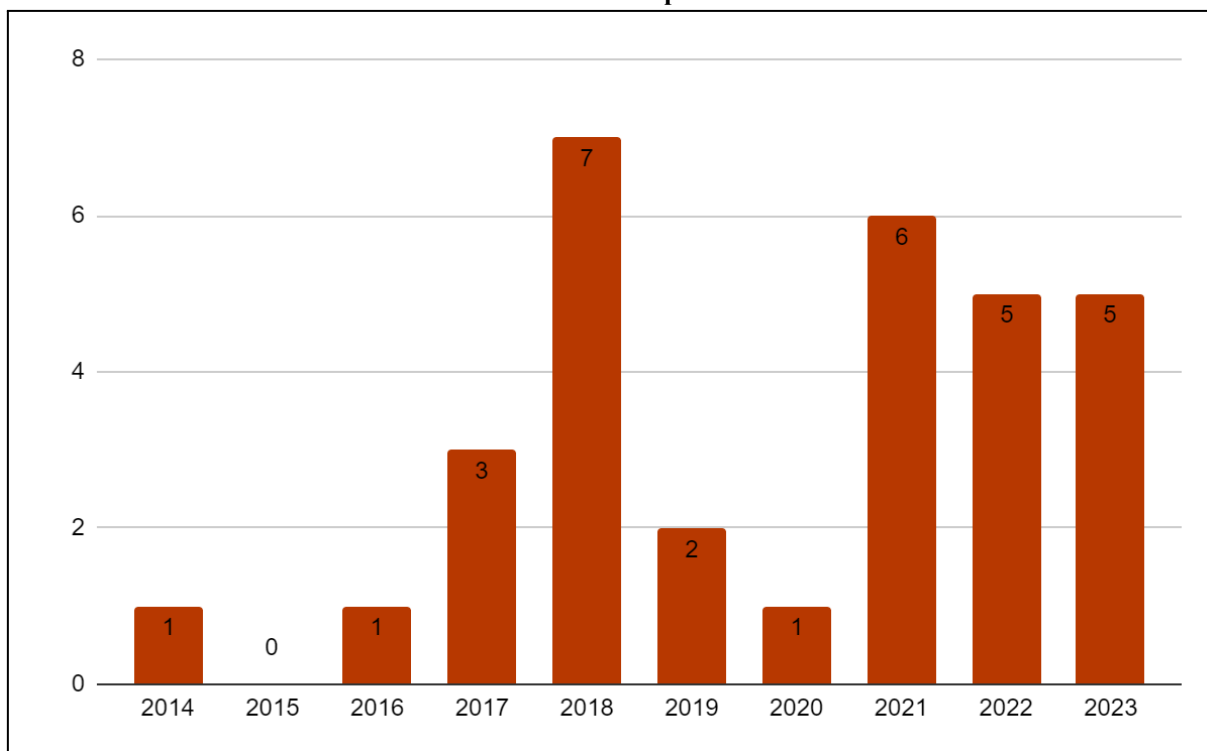
<<https://ge.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/2023/05/25/diretoria-do-sport-relata-xenofobia-da-torcida-e-m-criciuma-e-fara-denuncia-a-cbf.ghml>>. Acesso em 29 jun., 2023.

do Goiás¹³ durante o período eleitoral de 2018, que opôs Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (à época no PSL) na disputa presidencial. Esse tipo de episódio é acompanhado, costumeiramente, por estereótipos de uma região que supostamente sofreria com a fome e o retrocesso tecnológico e intelectual.

Já os casos de repulsão reforçam o sentido de “nós” contra “eles”, tão comum nos discursos de ódio xenofóbicos. Aqui, muitas vezes não há “explicações” verbalizadas para a ofensa, que reflete a xenofobia mais “pura”. “Vão embora” e “volta para o seu Nordeste aí” foram algumas frases ditas que podem ilustrar esta categoria. Os quatro episódios ocorreram em jogos em que o time nordestino atuava fora de casa, em estádios no Sul ou no Sudeste do Brasil.

Após a análise das categorias, é possível avaliar temporalmente os episódios (gráfico 9). O ano com mais casos registrados de xenofobia foi 2018 (sete), seguido de 2021 (seis), 2022 e 2023 (ambos com cinco). Na lista, há dois anos eleitorais (2018 e 2022), o que faz crescer o número de registros — sempre por ofensas pelo Nordeste votar majoritariamente em candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais.

Gráfico 9 - Casos por ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

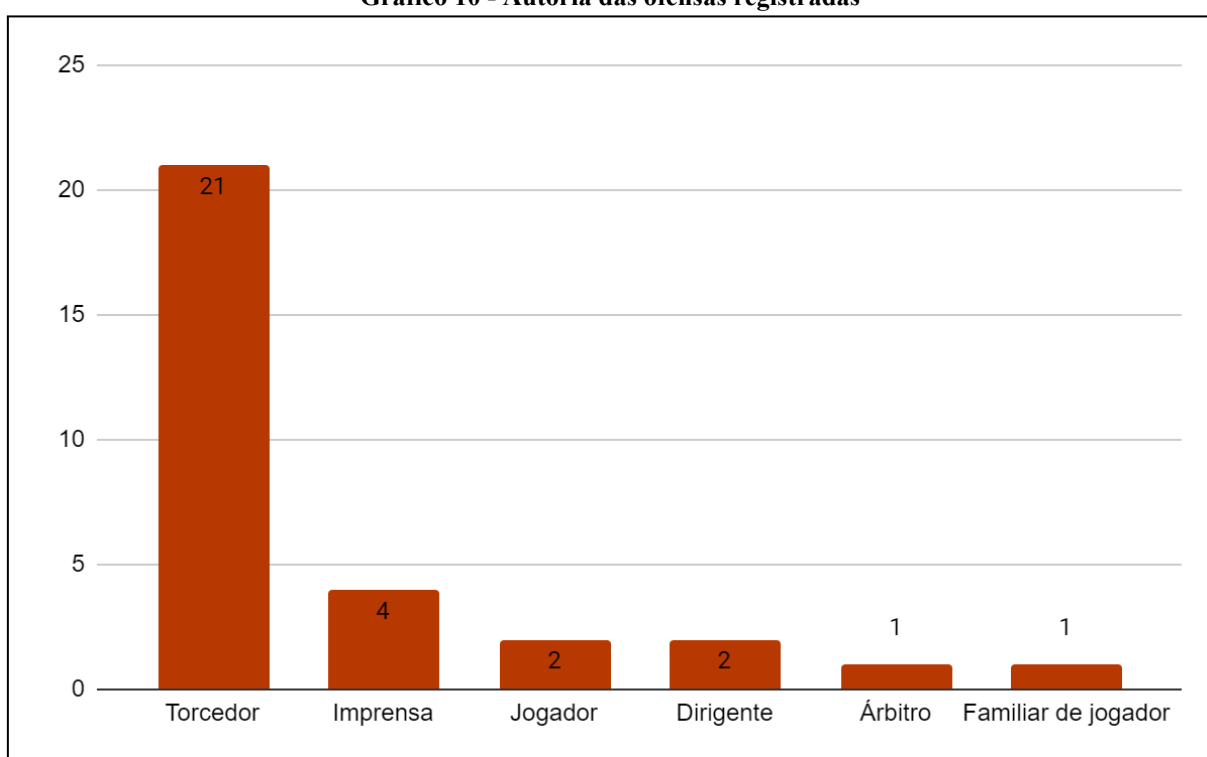
¹³ Disponível em:

<<https://observatorioracialfutebol.com.br/volante-e-meia-do-goias-ofendem-nordestinos-e-recebem-criticas-diretoria-nao-vai-punir-dupla/>>. Acesso em 28 dez., 2023.

Pode-se observar que os casos começaram a ser mais frequentemente registrados em 2017 — indicativo de que rotular como xenofobia o preconceito contra o Nordeste é um movimento recente. Houve apenas um registro em 2020, ano em que a pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil e as competições esportivas foram paralisadas.

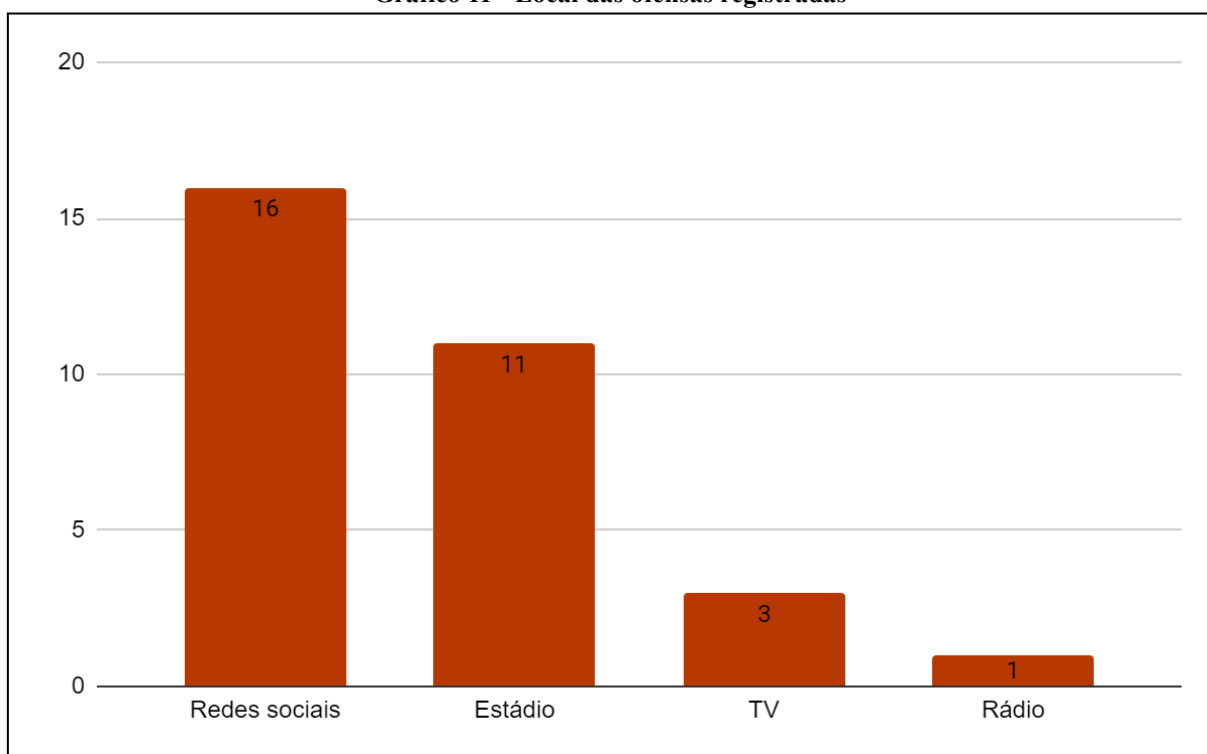
Outro ponto relevante é identificar que mais de dois terços (21 de 31, ou 67,7%) dos casos de xenofobia foram cometidos por torcedores, como mostra o gráfico 10. Em seguida, aparecem profissionais de veículos de comunicação (quatro, sendo três na televisão e um no rádio), jogador (dois), dirigente (dois), árbitro (um) e familiar de jogador (um).

Gráfico 10 - Autoria das ofensas registradas

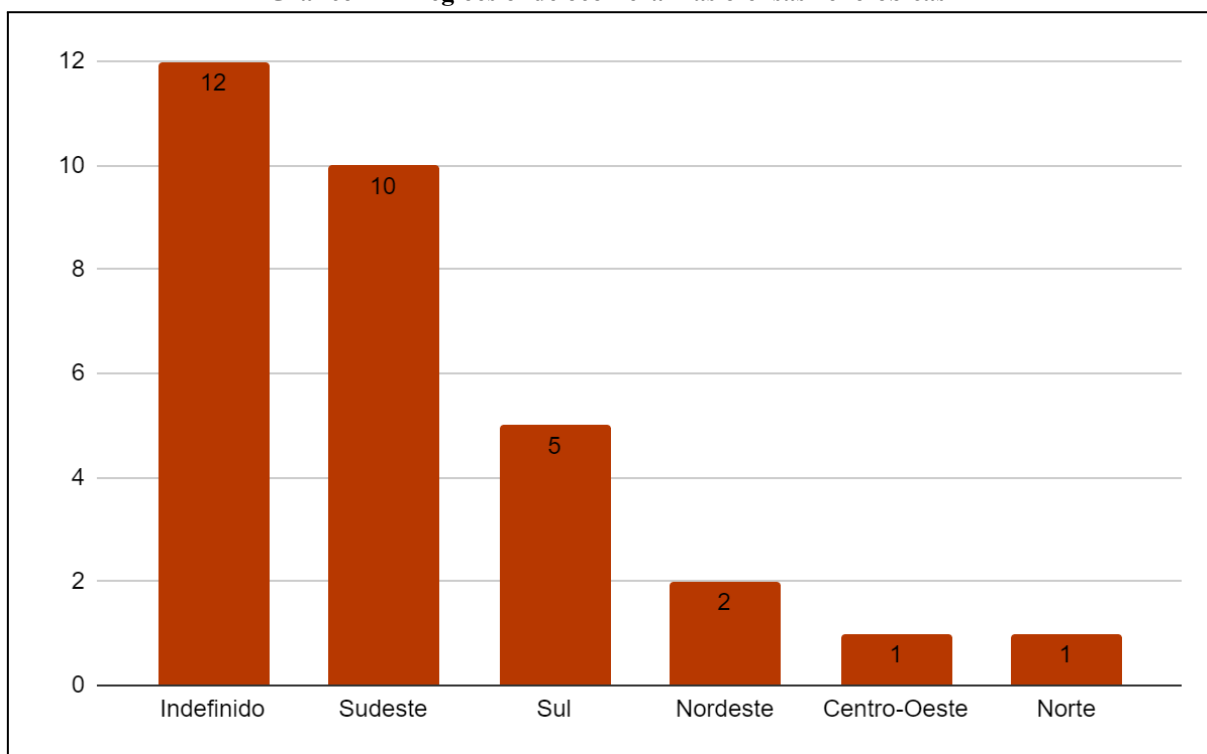


Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Os números significativos de ofensas de torcedores são um indicativo dos locais onde costumam ocorrer esse tipo de episódio (gráfico 11). As redes sociais (16) e os estádios (11) aparecem como espaços mais frequentes para casos de xenofobia registrados pelos veículos considerados neste estudo. Muitas vezes, esses dois espaços são tidos como “terras sem lei”, em que tudo, ou quase tudo, é “permitido”. Em seguida, estão os programas esportivos, com quatro casos — três na TV e um no rádio, como citado anteriormente.

Gráfico 11 - Local das ofensas registradas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Gráfico 12 - Regiões onde ocorreram as ofensas xenofóbicas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Ainda foi possível identificar na codificação que a maior parte dos episódios ocorre no Sudeste brasileiro (dez), seguido do Sul (cinco), do próprio Nordeste (dois), do Centro-Oeste

(um) e do Norte (um), como mostra o gráfico 12. Não se registrou localidade em 12 casos ocorridos nas redes sociais, em que as posições geográficas eram indefinidas ou múltiplas.

Se olharmos especificamente para cada veículo de comunicação considerado, não percebemos dinâmicas ou diferenças significativas nas coberturas. A constância de publicações acompanha o ritmo convencional dos portais, que leva em consideração, por exemplo, a quantidade de profissionais contratados e dedicados ao esporte. Naturalmente, episódios que envolvem clubes da Bahia têm atenção maior do Correio, enquanto casos relacionados a Pernambuco são acompanhados mais de perto pelo trio de veículos do Recife, por exemplo. Daqueles com base no Sudeste, o Observatório Racial do Futebol se destaca por compilar os episódios de xenofobia em um relatório anual, que dá conta tanto dos casos que repercutem mais efetivamente, quanto daqueles que ganham pouca notoriedade pública.

Em resumo, os resultados do levantamento indicam como, a partir de 2017, os casos de preconceito contra o Nordeste passaram a ser identificados mais frequentemente como xenofobia. Em alguns anos, os registros aumentam: 2018 e 2022, por exemplo, são momentos significativos por conta das votações presidenciais, quando a região foi seguidamente atacada por conta da preferência eleitoral. Em 2021, o número foi inflado pelas críticas xenófobas ao lateral piauiense Renê, à época jogador do Flamengo. Como citado anteriormente, eram frequentes os ataques ao jogador, especialmente aqueles ligados a estereótipos/generalizações. Nas redes sociais, Renê foi chamado de “paraíba” — designação utilizada em alguns estados para se referir, de forma genérica, a nordestinos.

As generalizações, aliás, foram a categoria mais acionada nas ofensas, o que permite fazer um diálogo claro com as noções de estereótipos e identidades aqui discutidas. Usos de termos como “baiano” e “paraíba” para designar todos os nordestinos não foram os únicos nessa categoria. Em vários casos, quem ofendeu fez alusão a imagens cristalizadas de um Nordeste tratado como arcaico, retrógrado e pobre.

A maioria das ofensas aqui analisadas parte de torcedores, contudo, chama a atenção que haja casos envolvendo figuras em posições de poder no cenário do futebol, como árbitros, dirigentes, jogadores e profissionais da mídia (nove no total). Particularmente, o uso do ódio contra o Nordeste por profissionais da comunicação, como narradores e comentaristas de TV e rádio, é preocupante já que são situações que envolvem atores sociais com destaque social e ofensas com elevado grau de visibilidade.

Em diálogo com Tamanini e Silva (2019), percebe-se também como xenofobia e racismo andam juntos ao analisarmos o futebol — o que é demonstrado nos episódios em que

essa associação ficou clara por meio das palavras ditas ou escritas, pela categoria “racismo/intolerância religiosa”.

A partir deste primeiro momento exploratório, inicia-se um movimento de compreensão da xenofobia contra o Nordeste no futebol brasileiro. O mapeamento nos mostra um panorama geral dos episódios noticiados e ajuda a preencher uma lacuna existente no debate. Além disso, será de fundamental importância na seleção do corpus e posterior análise desta investigação.

A identificação de padrões e a consequente definição de categorias de ofensas se conforma como terreno fértil para análises de episódios futuros, em um claro contexto de aumento nos registros de casos de xenofobia no futebol. Portanto, este movimento de estruturar as ofensas em dados nos ajuda a estabelecer um panorama geral de um fenômeno socialmente relevante e instiga os próximos passos, que apontam para análises focadas no discurso de ódio, conceito central desta investigação e que será melhor abordado no próximo capítulo.

2. O DISCURSO DE ÓDIO XENOFÓBICO

A partir da compreensão da formação do Nordeste, das identidades nordestinas e do debate de como a xenofobia contra a região se faz notar no futebol nos últimos anos, podemos caminhar em direção a um termo fundamental para este estudo: o de discurso de ódio. Aqui, entende-se as ofensas contra o Nordeste no âmbito do esporte mais popular do país como uma manifestação — às vezes clara, em outras nem tanto — do discurso de ódio. Antes, contudo, é preciso definir o que, afinal, é este conceito.

Violências simbólicas calcadas na intolerância contra identidades de grupos minoritários não são novidade na história da humanidade. Da Idade Antiga à contemporaneidade, os ataques baseados em racismo, xenofobia, machismo, identidade de gênero, orientação sexual, religião, entre outros, se concretizam a partir de diferentes formas de agir — entre elas, e aqui com especial destaque, a linguagem. Com dinâmicas e características próprias, esse tipo de ofensa se repete no trato ao Nordeste no contexto do futebol e se materializa nos debates nas mídias sociais digitais.

Enunciar a fúria, reforçar preconceitos e, em geral, ferir pela palavra caracterizam os atos ilocucionários de Judith Butler (2021), nos quais, em síntese, falar é em si mesma a ação — um contraponto aos atos perlocucionários, em que a linguagem é um meio utilizado para realizar determinadas ações. Nesse sentido, reconhecer o potencial da palavra como gesto, e não apenas como uma ferramenta para alcançar fins diversos, é fundamental para compreender os atributos essenciais do discurso e, conseqüentemente, do discurso violento. Assim, entende-se que a palavra por si só se constitui na arma que causa dor no outro, no destinatário.

Ainda para Butler (2021), o discurso ofensivo perpetra ativamente a dominação e concretiza o poder do dominante, que por meio da linguagem atua no sentido de constituir o dominado — o destinatário do ataque —, que, subordinado, pode ver-se definido pela ofensa. Enunciar algo, assim, tem potencial não apenas de ferir, como de reforçar hierarquias pré-concebidas social, política e economicamente.

De acordo com esse modelo ilocucionário, o discurso de ódio constitui seu destinatário no momento do enunciado; ele não descreve uma injúria como consequência; ele é, no próprio proferimento desse discurso, a performatização da própria injúria, em que a injúria é entendida como uma subordinação social. O que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada. (Butler, 2021, p. 34-35).

Os episódios de violência simbólica são, portanto, formas de dominação e manutenção da estrutura social e de poder. Porém, não se trata de uma opressão meramente individual. Xingamentos e discursos odiosos direcionados a uma pessoa não são exatamente particulares e específicos. Eles, na verdade, estão endereçados à coletividade da qual aquele destinatário faz parte (Silva, 2016). Portanto, se um torcedor de um clube nordestino é vítima de xenofobia, o caminho para se compreender o caso não é analisá-lo isoladamente, mas sim entendê-lo em um contexto em que esse tipo de ataque é recorrente e repetitivo. O xingamento, a ofensa, o discurso de ódio ali presente dizem muito mais de um ataque coletivo do que individual.

Ao longo das décadas, este conceito foi apreendido de diferentes maneiras pelas variadas áreas de conhecimento. Por muito tempo, o direito assumiu a dianteira dos debates, pela relação evidente do tema com a problemática jurídica. A discussão ganhou força nos últimos anos, com a ebulição simbólica impulsionada pela internet e as mídias sociais.

Nessa seara, são várias as conceitualizações propostas para o discurso de ódio. A maioria delas dialoga entre si e aponta para caminhos semelhantes, mas há certas discordâncias entre autores e na legislação de diferentes países. O jurista alemão Winfried Brugger (2007, p.118) pontua que “o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas”.

Essa definição se baseia no conceito-base da legislação da Alemanha, que se assemelha aos principais países do mundo ocidental. No Brasil, autores como Schäfer, Leivas e Santos (2015) e Silva et al. (2011) apontam para o mesmo caminho ao definirem o termo. Moura (2016) reforça a conceitualização ao pontuar que se trata de manifestações discursivas que acabam por “insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião ou que tem capacidade de instigar a violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas” (2016, p. 4).

Ele é o discurso que exprime uma ideia de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, menosprezando-os, desqualificando-os ou inferiorizando-os pelo simples fato de pertencerem àquele determinado grupo, motivado por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência, orientação sexual, nacionalidade, naturalidade, dentre outros (Moura, 2016, p. 4).

Schäfer, Leivas e Santos (2015, p.149-150) nomeiam possíveis motivações para ofensas odiosas: idade, sexo, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idioma,

religião, identidade cultural, opinião política ou de outra natureza, origem social, posição socioeconômica, nível educacional, condição de migrante, refugiado, repatriado, apátrida ou deslocado interno, deficiência, característica genética, estado de saúde física ou mental, inclusive infectocontagioso, e condição psíquica incapacitante, ou qualquer outra condição.

A enumeração sinaliza para as especificidades jurídicas e aponta para as potencialidades de aplicabilidade do conceito. Contudo, há de se fazer ressalvas: o discurso de ódio não se conforma contra qualquer tipo de destinatário. Ele não se manifesta, por exemplo, contra populações hegemônicas, mas apenas contra grupos e/ou sujeitos (que representam grupos) vulneráveis.

O discurso de ódio está dirigido a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão (Schafer, Leivas e Santos, 2015, p. 147).

2.1 Particularidades, limites e regulações do ódio

Ao longo dos últimos anos, autores se propuseram a identificar estratégias associadas ao discurso de ódio. Silva et al. (2011), por exemplo, percebem como ferramentas e métodos próprios da propaganda são reapropriados nos enunciados ofensivos. Uma das estratégias parece ter especial importância neste projeto: a estereotipização, conceito já destrinchado anteriormente a partir das reflexões de autores como Hall (2006) e Bhabha (1998), que ajuda a explicar parcialmente os episódios de xenofobia contra o Nordeste.

A criação de estereótipos, a substituição de nomes, a seleção exclusiva de fatos favoráveis ao seu ponto de vista, a criação de "inimigos", o apelo à autoridade e a afirmação e repetição, conforme Brown (1971, p. 2730). Aliado a isso, o discurso procura aumentar sua probabilidade de aceitação por conta do uso de argumentos emocionais e da ausência de contraposição direta e imediata a tais mensagens. Combinadas essas faces, a que insulta e a que instiga, tem-se que este discurso, além de expressar, procura aumentar a discriminação (Silva, 2011, p. 448)

Outra estratégia utilizada frequentemente para a disseminação do discurso de ódio é a desinformação. Aires, Fernandes e Santos (2023, p.6) apontam para a apropriação de conteúdos muitas vezes produzidos em contexto jornalístico (ou que o emulam) e para o uso de “sátira, de conteúdo enganoso, fabricado, manipulado e falsa conexão” como métodos recorrentes para a propagação das violências simbólicas.

Para fins analíticos, Brugger (2007) divide o discurso de ódio em dois momentos. O primeiro é o insulto, que direciona a violência simbólica à vítima ao atacar um traço

partilhado por um grupo; o segundo é a instigação, que “conclama” outros a reiterarem, reforçarem e perpetrarem a ofensa de diferentes formas. Esta especificação é particularmente importante para esta pesquisa, que se propõe a investigar não apenas a manifestação “original” do discurso de ódio, mas também as reverberações dele na internet, mais especificamente em comentários em mídia social.

Além disso, nem sempre o discurso de ódio se manifesta de forma clara e direta. A partir de uma abordagem jurídica e anterior à popularização das mídias sociais, Rosenfeld (2001) faz observações que continuam atuais. Ele distingue o discurso de ódio explícito (*hate speech in form*) do discurso de ódio velado (*hate speech in substance*). Em resumo, o primeiro diz respeito aos episódios em que a intolerância é evidente; já o segundo trata dos casos de violência velada.

O autor pontua que o *hate speech in form* é óbvio e facilmente identificável, como, por exemplo, ofensas abertamente racistas. Por outro lado, os grandes desafios são perceber e punir casos de *hate speech in substance*: casos de negação do Holocausto ou mensagens codificadas, em que a violência simbólica aparece travestida de argumentos. Essa, aliás, é uma estratégia identificada com frequência nos casos que envolvem o futebol nordestino. O discurso de ódio xenofóbico muitas vezes não aparece claramente por meio de xingamentos, mas disfarçado de “opiniões” ou “pontos de vista”. Em meio a essa complexidade de percepções, como regular o ódio?

Diferentes países lidam com a problemática de variadas formas. Na Alemanha, na Europa e no Canadá, por exemplo, os limites às violências simbólicas são muito mais estreitos que nos Estados Unidos (Brugger, 2007), que historicamente acena para uma defesa quase incontestada da liberdade de expressão. Essa, aliás, é uma das principais discussões sobre o tema: quando, afinal, a liberdade de expressão ultrapassa a linha do aceitável democraticamente e invade o território do discurso de ódio? A defesa da liberdade de expressão — seja qual for o conteúdo enunciado — abre margem para a intolerância e as tantas violências simbólicas, como as ocorridas nos episódios de xenofobia a serem analisados.

Por isso, o direito internacional — validado, por exemplo, a partir da Declaração de Princípios sobre a Tolerância, aprovada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1995) — entende que o argumento da “liberdade de expressão” não deve ser acionado para justificar atentados a outros direitos fundamentais. No Brasil, o entendimento é exatamente o mesmo. A liberdade de expressão

individual e coletiva não serve de suporte para as violências simbólicas contra grupos minoritários (Stroppa e Rothenburg, 2015).

Diversos devem ser os aspectos ponderados para definir os limites da liberdade de expressão em face de um discurso de ódio. A começar, obviamente, pela severidade da ofensa e pelo grau de generalidade das imputações, mas a levar em conta também o autor (por exemplo, se ele fala a partir de uma posição de destaque social, como um agente político, servidor público ou artista), o contexto (por exemplo, uma entrevista, uma palestra ou uma música), a situação da vítima (por exemplo, sua vulnerabilidade social ou se ela é afetada individualmente ou enquanto membro de determinado grupo), a forma de divulgação (por exemplo, uma charge, uma opinião ou uma notícia inseridas em um blog ou rede social) e a probabilidade de que o discurso possa, de fato, ensejar o ódio e suscitar algum nível de risco de que algum dano resulte de tal incitação (Stroppa e Rothenburg, 2015, p. 13).

Diferentemente de outros países do mundo ocidental, o Brasil não conta com uma legislação específica destinada a criminalizar discursos de ódio. O Projeto de Lei 7582/2014, proposto pela deputada federal Maria do Rosário (PT/RS) e apresentado em 20 de maio de 2014, “define os crimes de ódio e intolerância e cria mecanismos para coibi-los” e segue em tramitação mais de dez anos depois. O texto do PL prevê pena de prisão de um a seis anos e multa. Além disso, define da seguinte maneira os crimes de ódio:

Constitui crime de ódio a ofensa a vida, a integridade corporal, ou a saúde de outrem motivada por preconceito ou discriminação em razão de classe e origem social, condição de migrante, refugiado ou deslocado interno, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, idade, religião, situação de rua e deficiência (Brasil, 2014).

Enquanto o projeto tramita na casa legislativa, episódios de discurso de ódio são frequentemente julgados a partir do artigo 3º da Constituição Federal de 1988, que define, entre outras coisas, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; e a promoção do bem de todos sem preconceito de raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Nesse sentido, outro aparato legal é a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (em redação dada pela Lei nº 9.459, de 15 de maio de 1997), que criminaliza no artigo 1º “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Essa legislação abarca casos de xenofobia ao tipificá-los como crime inafiançável e imprescritível. A pena prevista é de dois a cinco anos de prisão e multa, que pode ser aumentada pela metade “mediante concurso de duas ou mais pessoas”. O texto prevê diferentes formas de perpetrar o preconceito. A linguagem, contudo, não tem lugar de destaque.

Todo esse arcabouço legal tem origem, fundamentalmente, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. O documento estabelece uma série de premissas que, em resumo, prezam pela igualdade, liberdade, justiça e paz para todas as pessoas. Embora não haja uma menção explícita de combate à xenofobia, o artigo 2 se refere à origem nacional e social ao pontuar que:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição (ONU, 1948).

2.2 Ódio interseccional

No caso específico do Nordeste, pesquisas em diferentes áreas do conhecimento trataram do discurso de ódio xenofóbico (Menezes, 2019; Martins, 2019; Silva, 2016; França, 2018). Essas investigações apontam, entre outras coisas, para aspectos como o reforço a estereótipos que constituem a suposta identidade nordestina, um movimento de endereçamento do discurso de ódio do nós (brasileiros) contra eles (nordestinos), típica estratégia xenofóbica, e uma violência simbólica que aciona diferentes formas de opressão: de raça, de localidade e de classe, ao menos.

É dessa última observação que emerge o conceito de interseccionalidade, essencial para este estudo. A investigação tem como ponto de partida a compreensão de que o discurso de ódio xenofóbico contra o Nordeste no ambiente do futebol nada mais é que uma expressão interseccional de diferentes opressões, hipótese que se prova verdadeira desde a identificação do teor dos 31 casos entre 2014 e 2023.

Originalmente, o conceito de interseccionalidade foi cunhado pela pesquisadora estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), no âmbito da discussão jurídica. Em resumo, a estudiosa, a partir da análise de três casos judiciais, alerta para a necessidade de compreender como raça e gênero são questões intimamente relacionadas e devem assim ser tratadas. Essa observação complexifica o debate feminista hegemônico à época, em que todas eram tidas como iguais, desconsiderando-se os aspectos raciais que impunham violências específicas às mulheres negras. Desse modo, analisar o mundo (ou mais especificamente os movimentos e as pautas feministas na ocasião) sem as lentes interseccionais inviabilizaria parte significativa daquelas mulheres.

Embora o termo “interseccionalidade” tenha sido cunhado oficialmente por Crenshaw, o conceito em si já era trabalhado de diferentes formas por outras pesquisadoras, inclusive no Brasil. Em meio à emergência do movimento negro unificado e dos movimentos feministas durante os anos 1980, Lélia Gonzalez já tratava das relações das diferentes opressões (neste caso, de classe, raça e gênero) na sociedade brasileira, abordagem na qual se aprofundou nos anos seguintes.

Independentemente da origem, o conceito foi apropriado, reapropriado e complexificado. O contexto inicial, aplicado às mulheres negras, expandiu-se e passou a dar conta de outras opressões. Não se trata, contudo, da simples adição de desigualdades, mas da complexa interação entre as categorias e a forma como esse entrecruzamento se dá a ver nas relações sociais.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins e Bilge, 2021, p.16)

Portanto, a interseccionalidade se constitui uma lente necessária para analisar o discurso de ódio xenofóbico e será fundamental na compreensão mais ampla do problema. Como vimos, o futebol nordestino é atravessado por questões econômicas (a clara disparidade em relação aos clubes do Sul e do Sudeste), e o Nordeste historicamente se viu alvo de teorias eugenistas que reverberam em forma de racismo até hoje. Além da raça e da classe, aparece a evidente questão da localização geográfica, cerne original das manifestações xenofóbicas. Outras opressões, naturalmente, podem aparecer. Como a de gênero, por exemplo, que, contudo, ficou fora do corpus pelo fato de que nenhum caso contra mulheres foi identificado nas notícias — não por não terem existido, mas possivelmente por não se enquadrarem nos critérios de noticiabilidade dos veículos selecionados para a coleta.

A partir dessa complexa base conceitual e da compreensão do discurso odioso como violência que deve ser combatida, propõe-se uma visada comunicacional ao problema de pesquisa. Antes, contudo, é necessário entender como a construção histórica, social e econômica do futebol nordestino dá a ver e potencializa essas opressões.

3. BREVE CONTEXTO DO FUTEBOL NO NORDESTE

Há uma série de hipóteses sobre como o futebol rumou da Inglaterra, atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil. Contudo, a versão oficial — e mais disseminada — conta uma bastante conhecida narrativa que atribui ao paulistano Charles Miller a introdução do esporte no país. Diz-se que o jovem, filho de ingleses, passou um período de estudos na Banister Court School, em Southampton, cidade portuária da costa Sul da Inglaterra. Lá, encantou-se pelo *football*, jogo de bola com os pés originado na década de 1860 que ganhava rápida popularidade em território britânico.

Segundo esta versão, Miller retornou a São Paulo em 1894 decidido a não abandonar a prática de que tanto gostava. Por isso, colocou na bagagem duas bolas oficiais (Giglio, 2007). Encontrou amigos para ensinar o esporte e, entre as idas e vindas para a Inglaterra, manteve o desejo de introduzi-lo na cidade brasileira. Então, o jogo passou a ser mais frequente entre jovens de clubes das elites paulistanas e imigrantes ingleses.

Ao longo dos anos seguintes, nasceram os primeiros clubes específicos e as federações responsáveis por organizar campeonatos, o que despertou interesse, ainda tímido, dos jornais locais. Aos poucos, o futebol passou a chamar a atenção também das camadas populares da sociedade e deixou de ser um modo de diversão exclusivo dos mais ricos, especialmente entre as décadas de 1910 e 1930. É neste momento que a própria percepção dominante sobre o esporte muda. Antes, era vista como uma modalidade das elites, que mantinha o corpo são e valorizava a formação ética e os princípios morais dos jovens; depois, ao chegar aos mais pobres, passou a ser tido como um ambiente de arruaça e bagunça, que em nada contribuiria culturalmente para os praticantes.

As narrativas oficiais e mais aceitas da história do futebol nos nove estados do Nordeste se assemelham ao que se conta sobre a introdução do esporte no Brasil, fundamentalmente em São Paulo. Na maioria dos casos, há também um ícone, um mito-fundador (Giglio, 2007), uma espécie de simulacro de Charles Miller: em geral, um jovem de classe abastada que viajou à Europa e retornou com uma bola e o livro de regras. Em solo nordestino, também se trata de um divertimento das elites em um primeiro momento, o que dá origem a clubes e federações. Depois, aos poucos, o esporte é apropriado pelo restante da população.

Nos nove estados, o futebol aparece na década de 1900. Os primeiros registros oficiais em território nordestino datam de 1901, embora existam relatos do jogo em tempos anteriores. Conta-se que, naquele ano, José Ferreira, conhecido como Zuza, voltou de um curso na

Inglaterra decidido a compartilhar o novo esporte com os amigos de Salvador (Espírito Santo e Rocha Júnior, 2011). O jovem bancário, de família abastada no bairro do Rio Vermelho, deu o pontapé inicial para a disseminação da modalidade em clubes de alta sociedade na capital da Bahia.

Essas agremiações, em geral, surgiram com foco em outros esportes, como o remo e o críquete. Foi o caso do Club de Cricket Victoria, atual Esporte Clube Vitória. Fundado em 1899, incluiu o futebol apenas dois anos depois e, atualmente, é um dos times mais tradicionais do Brasil na modalidade.

Nesse período inicial, as principais partidas eram realizadas no Campo da Pólvora. Em seguida, o Rio Vermelho aparece como uma opção ao oferecer espaços também usados para corridas de cavalo, de acordo com Espírito Santo e Rocha Júnior (2011). Um espaço específico para a prática da modalidade só apareceria anos depois dos primeiros jogos, com o Campo da Graça, no bairro da Graça, em 1920, quando o futebol já havia chegado ao restante da região.

A Bahia influenciou fortemente o aparecimento do jogo em outros dois estados: Sergipe e Alagoas. Menos de 350 quilômetros separam Salvador de Aracaju, e os deslocamentos entre as cidades já eram comuns no início do século XX. O primeiro clube sergipano especificamente dedicado ao futebol nasce a partir do entusiasmo do jovem Mario Lins de Carvalho, nascido em Lagarto. Após três anos em território baiano, voltou para a terra natal e, em 1909, fundou com amigos o Sport Club Lux, que depois mudaria o nome para Club do Football Sergipano.

A primeira partida de que se tem notícia no estado data de dois anos antes. No feriado de 7 de setembro de 1907, militares do 26º Batalhão de Infantaria de Aracaju apresentaram a nova modalidade ao público, por iniciativa do major Crispim Ferreira, em um confronto entre os times Democrata e Independente (Medrado, 2020).

Em Maceió, os registros oficiais apontam que o responsável pelo primeiro jogo de futebol, em 1909, foi o estudante Manoel Machado, que cursava medicina na Bahia e levou a influência à capital de Alagoas (Perdigão, 2015). Contudo, os primeiros registros no estado se deram no interior, na cidade de Penedo, com uma partida documentada no ano anterior entre jovens do Esporte Clube Penedense: um time jogou de vermelho e branco; o outro, de verde e branco.

Antes disso, há documentações de futebol nos outros seis estados da região. Em todos, o mito-fundador, responsável pelo “advento” da modalidade, aparece. Em 1903, Guilherme Aquino da Fonseca deixou a Inglaterra com a mala cheia de bolas, meióes, camisas e outros

equipamentos de *football*, rugby e críquete para a viagem de volta a Pernambuco (Lima, 2013). Depois, no Ceará e no Rio Grande do Norte, já em 1904, pelas mãos (ou pés) de José Silveira (Pinheiro, Alves, Evangelista e Silva, 2011) e Fabrício Pedroza (Siqueira, 2000), respectivamente.

Em 1905, surgem os primeiros relatos do esporte nos jornais O Monitor e A Tribuna, do Piauí. O local de desembarque do jogo, contudo, não é a capital Teresina, mas a litorânea Parnaíba (Pisani e Dantas, 2024). Lá, ingleses, capitaneados pelo jovem Septimus Clark, se reuniam para a prática. Entretanto, há versões que tiram a família Clark do centro da narrativa e apontam que marinheiros estrangeiros podem ter introduzido o esporte na cidade antes, em meio às intensas trocas comerciais com países europeus. No mesmo ano, Nhozinho Santos — que daria nome a um estádio — chega da Inglaterra ao Maranhão. E a história se repete: o garoto, após tempos de estudos, retorna com chuteiras, apitos e bolas na bagagem para disseminar não apenas o futebol, mas também o tênis e o críquete (Vaz, 2000; Vaz, 2003).

Depois, em 1908, o futebol chega oficialmente à Paraíba. Era janeiro daquele ano, quando um grupo de estudantes passaram parte das férias no sítio do coronel Manoel Deodato. O jovem José Eugênio Soares carregou na mala uma bola de futebol para jogar com os amigos. Juntos, fundaram o primeiro clube: o Club de Foot Ball Parahyba, dividido entre os times Norte e Sul para aquela que seria considerada a primeira partida de que se tem notícia no estado (Leite, 2017; Andrade, 2024).

Em linha geral, os anos seguintes à “fundação” são de inclusão da prática especialmente nos clubes da alta sociedade de cada estado. Muitos deles se dedicavam originalmente a outras modalidades, como o remo ou o críquete, mas abriram espaço ao que os jovens com experiência na Europa lhes apresentaram.

Estabelecidos por um *ethos das elites* (Bourdieu, 1983) a maioria dos nascentes clubes de “foot-ball” com isso podem ser percebidos como essas ilhas sociológicas gestoras da fidalguia dos futuros “homens de importância” do estado da Parahyba do Norte, assim como a “estilização” da vida nas cidades fará das ruas o palco de uma minoria excludente, cega a miséria e desigualdade que não cessavam de desfilar as suas voltas. (Leite, 2017, p.48)

Naquele primeiro momento, o futebol era tido como um ato de “civildade e disciplinarização, era aceito e benquisto, por expressar os sentidos e aspirações da elite de Salvador” (Rocha Júnior e Espírito Santo, 2011, p.85). De pouco a pouco, a prática chegou e se popularizou entre os mais pobres. As praças, parques e terrenos baldios se tornavam

campos, e a percepção sobre aquela incipiente agitação social, em meio a cidades em busca do avanço da urbanização e do progresso econômico, se modificou.

A partir do momento em que a elite se vê ameaçada pela prática futebolística, os ataques ao esporte se tornam corriqueiros. Através de jornais, principalmente “Gazeta de Notícias” e “O Nordeste”, e variadas publicações, os “temerosos” homens de bem cearenses teciam críticas e tratavam de desmoralizar o futebol. Não se contentando com tão pouco, chegavam a apelar insistentemente para a ação policial. Acreditava a elite intelectual cearense, que por ser o futebol praticado nas ruas um problema “geral” para a sociedade fortalezense, muito por impossibilitar e/ou dificultar o trânsito de pedestres entre as ruas do centro de Fortaleza, deveria ser de competência policial a fiscalização dos espaços urbanos onde a prática desportiva ocorre com maior frequência. (Pinheiro, Alves, Evangelista e Silva, 2011, p.8)

Como visto, a narrativa de que o futebol chegou ao Nordeste pelas elites locais e só depois se popularizou não é única, embora seja dominante. Há uma série de relatos, oficiais ou não, de que a prática era comum também entre trabalhadores, especialmente imigrantes ingleses em cidades portuárias da região. Independentemente disso, o que se sabe é que, mais cedo ou mais tarde, a modalidade cresceu em cada um dos nove estados. Esse processo envolveu uma série de decisões políticas, urbanas e econômicas.

Até os anos 1920, surgem vários dos clubes com maior número de torcedores da região: o já mencionado Esporte Clube Vitória (1899, com o nome Club de Cricket Victoria), Clube Náutico Capibaribe (1901, aderindo ao futebol oito anos depois), Sport Club do Recife (1905), Club Sportivo Sergipe (1909), Clube de Regatas Brasil (1912), Centro Sportivo Alagoano (1913), Ceará Sporting Club (1914), Santa Cruz Futebol Clube (1914), ABC Futebol Clube (1915), Campinense Clube (1915), América Futebol Clube (1915), Fortaleza Esporte Clube (1918, como “herança” do Stella Foot-Ball Club, de 1915), Sampaio Corrêa Futebol Clube (1923), Treze Futebol Clube (1925). Mais tarde, surgem outros importantes, como Botafogo Futebol Clube (1931), Esporte Clube Bahia (1931), Associação Desportiva Confiança (1936), Moto Club (1937) e River Atlético Clube (1946).

É também nas duas primeiras décadas do século XX que surgem as primeiras tentativas de organização dos clubes em associações e federações. Em 15 de novembro de 1904, nasce a Liga da Bahia. No ano seguinte, a Liga Parnaibana de Futebol, no interior do Piauí. A última foi a Liga Alagoana de Desportos, em 2 de maio de 1920. Entre fundações e dissoluções, frustrações e tentativas de reorganização, cada estado encontra um órgão que o representa perante a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e, posteriormente, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

A partir daquele momento, as federações, ligas e associações estaduais agem politicamente e esportivamente. Em 1905, um ano após a fundação da Liga da Bahia, surge o Campeonato Baiano de futebol. É o segundo Estadual mais antigo do país, atrás apenas do Paulista, iniciado em 1902. Depois, consolidam-se os regionais na Paraíba (1908), Pernambuco (1915), Ceará (1915), Piauí (1916), Maranhão (1918), Sergipe (1918), Rio Grande do Norte (1918) e, por fim, Alagoas (1927) — estado que passou por uma série de disputas e reviravoltas administrativas, o que dificultou o processo de organização dos torneios (Perdigão, 2015).

Os clubes não faziam apenas jogos contra adversários da mesma cidade. Havia, também, confrontos interestaduais dentro do próprio Nordeste (Pisani e Dantas, 2024; Siqueira, 2000). Outro propulsor da popularidade e da organização do esporte foi o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, que reunia os melhores jogadores de cada unidade federativa. O torneio foi disputado 30 vezes, 23 delas entre as décadas de 1920 e 1940. A frequência rareou até a última edição, em 1987. A seleção baiana foi a única do nordeste a ser campeã (1934); a pernambucana levou o vice em 1959. A maior vencedora foi a do Rio de Janeiro, com 15 troféus.

Nesse meio-tempo, a profissionalização (a partir da década de 1930), a construção de estádios específicos para a modalidade e o maior interesse da imprensa (jornais e, posteriormente rádio e TV), com o surgimento de associações de cronistas esportivos, impulsionaram a popularidade do esporte.

Vemos, por exemplo, que a imprensa passou de notas soltas, para uma cobertura específica, surgindo até uma associação de cronistas esportivos; os jogadores passaram a ser vistos com outros olhos pela população, tornando-se ídolos, participando de propagandas e sendo exaltados pela cidade; o futebol dialogava com outras práticas culturais, como o cinema, que passou a exibir jogos e ainda, a Bahia começava a querer dialogar esportivamente com o resto do país e a querer ver e ser vista pelos praticantes de futebol em outros estados e para isso, convidava clubes de fora do estado para jogarem amistosos, bem como participava de competições organizadas nacionalmente. (Rocha Júnior e Espírito Santo, 2011, p.89)

O crescimento da representatividade nacional dos clubes nordestinos foi perceptível já na Taça Brasil de 1959, que décadas depois seria reconhecida pela CBF como Campeonato Brasileiro. Dos 16 participantes, sete (43,75%) eram da região: ABC (RN), Auto Esporte (PB), Bahia (BA), Ceará (CE), CSA (AL), Ferroviário (MA) e Sport (PE), campeões estaduais no ano anterior. O Bahia foi o campeão ao superar o Santos, que contava com nomes históricos do futebol nacional, como o ex-meia Coutinho e os ex-atacantes Pepe e Pelé. Com o título, o clube baiano adquiriu o direito de ser o primeiro representante do país na

Copa Libertadores da América, principal torneio da América do Sul, criado no ano seguinte. Desde então, apenas o Sport (1987), em meio a uma controvérsia esportiva e judicial com o Flamengo) e o próprio Bahia (1988) foram os nordestinos campeões brasileiros. Na Copa do Brasil, segunda principal competição nacional, só o Sport (2008) levantou o troféu.

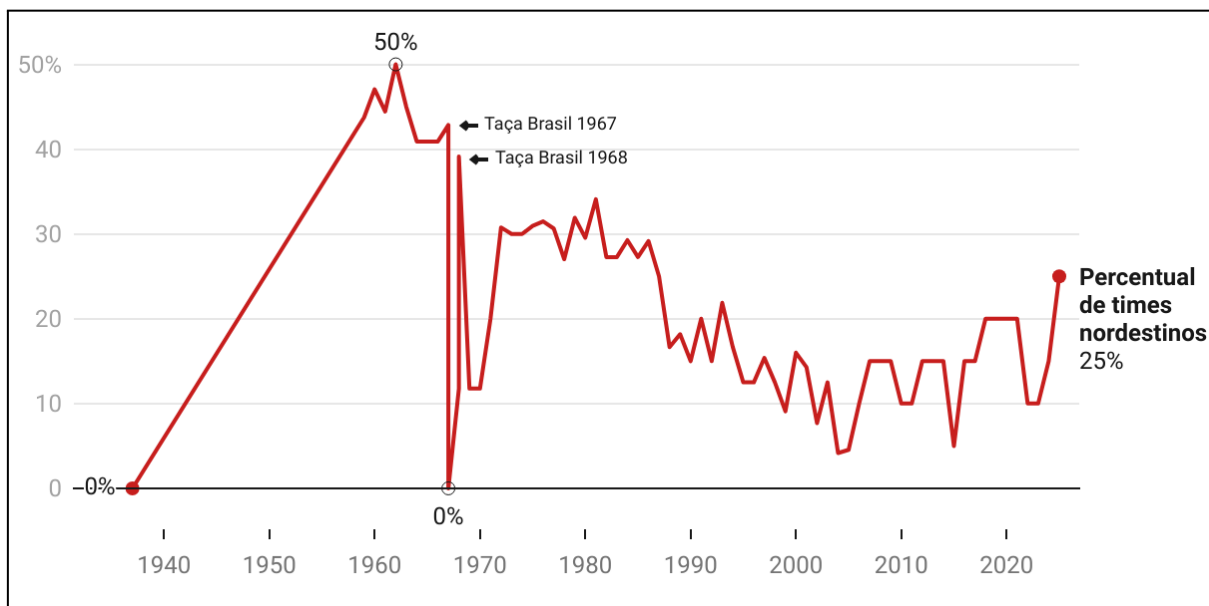
A representatividade nordestina na primeira divisão do Campeonato Brasileiro masculino variou significativamente ao longo das décadas. O recorde percentual foi registrado em 1962, quando os nove estados da região enviaram um representante: ABC (RN), Bahia (BA), Campinense (PB), Ceará (CE), River (PI), Sampaio Corrêa (MA), Sergipe (SE) e Sport (PE). Naquele ano, 18 clubes participaram da Taça Brasil (correspondente ao Brasileiro), portanto o percentual nordestino foi de 50%.

Nas edições seguintes, o percentual continuou alto, mas o que chamou mesmo a atenção foi o número total de participantes nordestinos. Em meio à Ditadura Militar (1964-1985), cresceu significativamente a quantidade de times na disputa da Série A do Brasileiro. Na época, os critérios de classificação para a primeira divisão eram bem diferentes e mudavam constantemente graças à influência das federações, à política da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e à "mão" da ditadura militar. O regime exigia uma nacionalização do campeonato a fim de angariar apoio de lideranças e população locais. Esse movimento, muitas vezes, inflou a competição, que chegou a ter quase 100 participantes em 1979. Não à toa, o ano com maior número de times nordestinos foi justamente em 1979. Na ocasião, 30 clubes da região disputaram o Brasileiro — 31,9% dos 94 participantes.

O percentual seguiu acima dos 20% até 1988, ano da promulgação da Constituição — um dos marcos do fim da Ditadura —, curiosamente justamente o ano em que o Bahia foi bicampeão ao derrotar o Internacional na final. Naquele momento, houve uma reformulação da competição, com redução no número de participantes, um processo que se acentuou com a adoção do formato de pontos corridos, em 2003. A quantidade de equipes foi paulatinamente reduzida até chegar a 20 em 2005, modelo que persiste em vigor.

É nesse momento que os percentuais do Nordeste na elite do futebol brasileiro chegam aos piores patamares desde a primeira participação, em 1959. Foram 4,17% em 2004, 4,55% em 2005 e 5% em 2015. Nesses três anos, apenas um time da região jogou a Série A: Vitória, Fortaleza e Sport, respectivamente. Uma espécie de “redenção” ocorre nos anos seguintes, quando os nordestinos representam 20%, com quatro representantes entre 2018 e 2021. Em 2025, a região registra um recorde de representatividade desde o início dos pontos corridos, com Bahia, Ceará, Fortaleza, Sport e Vitória, ou 25% dos 20 clubes. É o maior percentual desde os mesmos 25% de 1987.

Gráfico 13 – Percentual de times nordestinos na Série A masculina ano a ano



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No Nordeste, os clubes e as nove unidades federativas têm participações bastante variadas na elite do futebol nacional. Pernambucanos somam, até 2025, 105 participações na Série A. Destaque para Sport (44), Náutico (34) e Santa Cruz (23). O clube que jogou a elite mais vezes foi o Bahia, com 52. Esse número, somado às 41 participações do rival Vitória, impulsiona o estado — já representado por equipes de menor expressão, como Fluminense de Feira-BA (quatro), Leônico-BA (três), Galícia-BA (duas), Itabuna-BA (duas) e Catuense-BA (uma). A força de Ceará e Fortaleza (27 participações cada) eleva o estado do Ceará ao terceiro lugar na lista, com 62 ao todo. Por outro lado, o Piauí (24) aparece na nona e última posição.

Outra maneira de medir a representatividade nacional do futebol nordestino são os atletas de destaque. Nomes como Bebeto, Dida, Vampeta, Aldair, Edilson, Charles, Júnior, Júnior Baiano, Luis Pereira, Bobô, Zózimo e Dante (Bahia); Rivaldo, Manga, Ricardo Rocha, Juninho Pernambucano, Hernanes, Ademir Menezes, Josué, Givanildo Oliveira, Almir Pernambuquinho, Zé do Carmo, Gildo, Nado, Rinaldo, Zequinha (Pernambuco); Roberto Firmino, Zagallo, Dida, Adriano Gabiru (Alagoas); Jardel, Mirandinha, Iarley, Evanilson, Dudu Cearense (Ceará), Matheus Cunha, Hulk, Marcelinho Paraíba, Durval, Júnior, Douglas Santos, Índio (Paraíba); Nonato, Didi, Souza (Rio Grande do Norte); Canhoto, Jackson,

Elkeson, França (Maranhão); Diego Costa, Narciso, Clodoaldo (Sergipe); Sima e Zé Maria (Piauí) fizeram história por clubes e/ou pela seleção brasileira¹⁴.

Dos nove estados, sete representaram o Brasil em Copas do Mundo de futebol masculino: Bahia (14 jogadores), Pernambuco (dez), Paraíba (quatro), Alagoas (três), Rio Grande do Norte (dois), Maranhão (um) e Sergipe (um)¹⁵. Apenas Piauí e Ceará estão fora da lista, liderada por São Paulo (117), Rio de Janeiro (102), Rio Grande do Sul (35) e Minas Gerais (33). A Bahia é a quinta colocada no ranking. Os primeiros nordestinos a disputar o Mundial foram o baiano Maneca e o pernambucano Ademir, em 1950, após ausências em 1930, 1934 e 1938. Em 2022, foram dois: os baianos Daniel Alves e Bremer.

As disparidades econômicas e esportivas também se evidenciam no futebol de mulheres. Neste caso, é mais complexo analisar a participação nordestina nos torneios nacionais, visto que as competições entre equipes de diferentes regiões eram pouco estruturadas ao menos até 2013, quando a CBF assumiu a organização do Campeonato Brasileiro. Antes disso, as competições eram raras e extraoficiais, seja por conta do decreto-lei 3199 de 14 de abril de 1941 que proibiu o futebol de mulheres até 1979, seja por conta da falta de apoio e organização mesmo após a liberação da prática.

A partir dos anos 1980, por exemplo, foram realizadas edições da Taça Brasil, do Campeonato Nacional e da Liga Nacional, em tentativas de estruturar a modalidade. O futebol nordestino, contudo, teve pouco destaque. A melhor campanha foi o vice-campeonato do Euroexport, da Bahia, que perdeu a final para o Vasco no Nacional de 1994. Nas décadas de 1980 e 1990, as grandes forças foram o Radar (Rio de Janeiro), o Saad (São Paulo e, posteriormente, Mato Grosso do Sul) e o próprio Vasco (Rio).

O Nordeste voltou a fazer vice-campeões nacionais com os pernambucanos Sport (2008) e Vitória das Tabocas (2011 e 2013), na Copa do Brasil. Contudo, o centro de investimentos e, conseqüentemente, desempenho esportivo do futebol feminino é mesmo o Sudeste, em especial o estado de São Paulo. Nas décadas de 2000, 2010 e 2020, clubes como Santos, São José, Ferroviária e, principalmente, Corinthians acumularam títulos em competições sem protagonismo nordestino. Este último, aliás, é dominante há anos no cenário nacional, com seis títulos do Campeonato Brasileiro (2018, 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024), e

¹⁴ Disponível em:

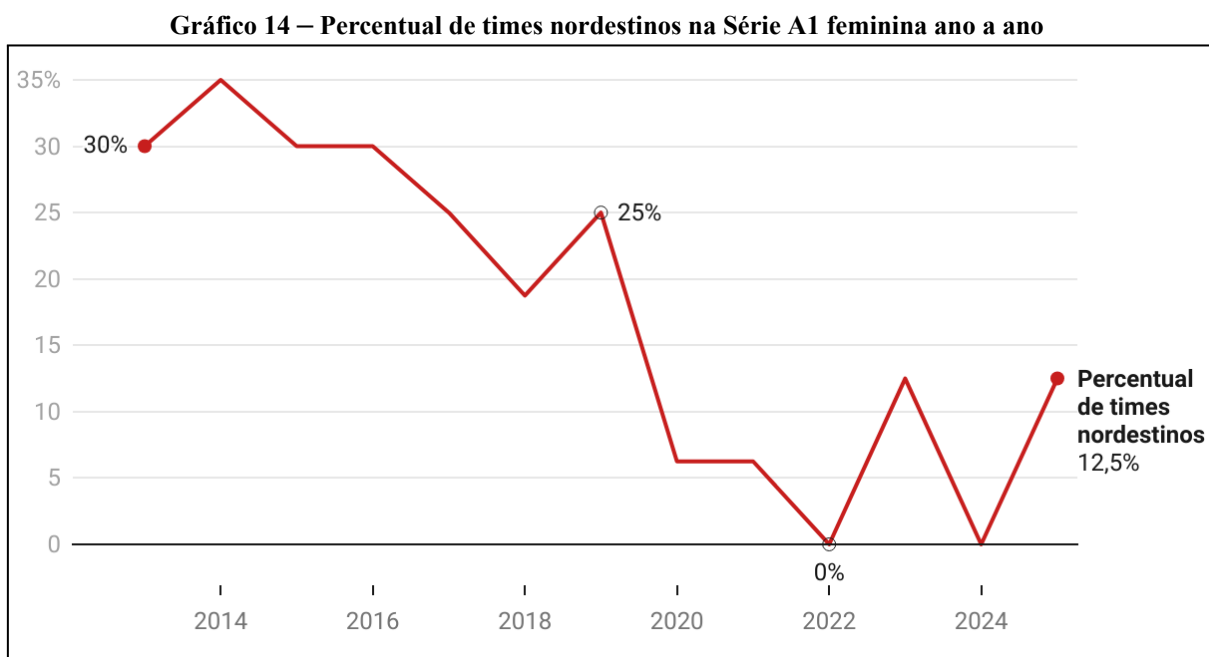
<<https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/rivaldo-bebeto-zagallo-daniel-alves-confira-os-nordestinos-que-fizeram-historia-na-selecao.ghml>>. Acesso em 12 mar, 2025.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.agenciatautu.com.br/noticia/nordestinos-em-copas-do-mundo/>>. Acesso em 12 mar, 2025.

sul-americano, com cinco troféus da Copa Libertadores (2017, em parceria com o Audax, 2019, 2021, 2023 e 2024).

Nenhum clube nordestino conquistou um título nacional ou internacional de primeira grandeza no futebol feminino. Ceará (2022) e Bahia (2024) foram campeões da Série A2, a segunda divisão brasileira. Na elite, o desafio neste momento não parece ser disputar a taça com clubes sudestinos de investimento amplamente superior, mas aumentar a participação da região e evitar os frequentes descensos dos últimos anos.

Desde que a Série A1 passou a ser organizada pela CBF, em 2013, o percentual de participação nordestina caiu significativamente. Naquela primeira edição, seis dos 20 clubes (30%) eram da região. No ano seguinte, o percentual atingiu o nível máximo, com 35% (sete dos 20 participantes). Mesmo com a redução no número de clubes para 16 a partir de 2017, o patamar continuou elevado até 2019 (25%), um ano de virada na organização do futebol feminino. Naquela temporada, quatro clubes caíram para a segunda divisão, e não mais os dois de 2018. Três dos rebaixados foram nordestinos, o que diminuiu drasticamente a participação da região para apenas 6,25% em 2020. Desde então, o número máximo de clubes do Nordeste na elite do futebol feminino nacional foi dois (12,5%, em 2023 e 2025). As edições de 2022 e 2024, por exemplo, não tiveram nenhum representante local.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Desde 2013, a melhor campanha de um time nordestino foi do Tiradentes, do Piauí, quarto colocado do Brasileiro em 2015. No entanto, o mais comum é que os clubes da região nem

cheguem à fase de mata-mata, que atualmente reúne os oito melhores da etapa classificatória. Nesta década, todos os nordestinos que jogaram a Série A1 foram rebaixados: o Bahia em 2021 e 2023 e o Ceará em 2023. Este último protagonizou uma das piores campanhas da história da competição, com apenas um ponto ganho em 15 jogos. Foram, portanto, nenhuma vitória, um empate e 14 derrotas, reflexo de um muito contestado corte de investimentos em meio à queda do time masculino para a Série B no ano anterior¹⁶.

Em meio a uma ainda incipiente, mas crescente, organização nacional, os clubes nordestinos tentaram fortalecer as disputas regionais com a Copa do Nordeste de Futebol Feminino, impulsionada pelo sucesso da versão masculina do torneio. Em 2018, 24 clubes da região (três de Alagoas, três da Bahia, três do Ceará, dois do Maranhão, dois da Paraíba, sete de Pernambuco, um do Piauí, um do Rio Grande do Norte e dois de Sergipe) participaram da edição única da competição, organizada pela Prefeitura da cidade de Paulista (Pernambuco) e da Federação Pernambucana de Futebol (FPF). O Sport conquistou o título ao bater o Vitória das Tabocas por 4 a 0 na decisão, em 29 de julho daquele ano. Desde então, a competição não foi realizada.

São várias as grandes jogadoras que nasceram nos estados do Nordeste e fizeram história pela seleção brasileira. A principal delas é a meia-atacante Marta, natural de Dois Riachos, Alagoas. Eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, a atleta se consolidou como a maior da história na modalidade. Construiu uma carreira vitoriosa, iniciada no CSA, e se tornou um ícone do esporte mundial.

A ex-meio-campista Miraildes Maciel Mota, conhecida como Formiga, é mais uma a se tornar uma lenda da modalidade. A baiana de Salvador construiu uma trajetória longa na seleção, iniciada na Copa do Mundo de 1995, aos 17 anos, e finalizada aos 43, em um amistoso em 2021. Em uma geração anterior, a também baiana Sissi foi fundamental para os primeiros passos internacionais do futebol feminino brasileiro. Natural de Esplanada, a ex-meia-atacante foi capitã da seleção e é considerada uma das melhores da história, apesar do pouco reconhecimento do grande público.

Além delas, figuram na seleção brasileira em grandes competições nomes como Suzy, Elaine, Fabi, Rafaelle (Bahia); Tânia Maranhão, Didi (Maranhão); Nildinha, Suzana, Antônia (Rio Grande do Norte); Bárbara, Duda (Pernambuco); Geyse (Alagoas); e Adriana (Piauí).

¹⁶ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2023/06/12/a1-ceara-feminino-so-superou-campanhas-de-pi-nheirense-e-vitoria-desde-2017.ghtml>>. Acesso em 12 mar, 2025.

Apesar da relevância individual desses nomes, a escassez de registros e a não consolidação de investimentos deixa claro o próprio desinteresse dos clubes em fazer avançar o futebol de mulheres. No âmbito acadêmico, as pesquisas avançaram significativamente nos últimos anos e ajudam a melhor compreender as desigualdades existentes, com trabalhos de investigadoras como Aira Bonfim, Ana Carolina Vimieiro, Silvana Goellner, Soraya Barreto Januário e outras, mas ainda há claras lacunas em um subcampo que passou a ser mais explorado tão recentemente (Vimieiro, Eugênio e Pilar, 2023), também pelo fato de que a maioria dos trabalhos não tem o Nordeste como foco.

Em meio a esse complexo contexto, brevemente resumido neste trabalho, o futebol nordestino se consolidou, mas com evidentes desigualdades em comparação com outras regiões do país, fundamentalmente Sul e Sudeste, e entre os próprios estados nordestinos. As disparidades na influência política e no poderio econômico ficam evidentes nos valores de patrocínios, investimentos em contratações e infraestrutura, um sinal das desigualdades existentes em outros aspectos sócio-históricos além do futebol.

Percebemos que as desigualdades históricas na industrialização se refletem na estrutura do esporte. Clubes nordestinos enfrentam obstáculos em obter visibilidade quando comparados a seus competidores do Centro-Sul, que, historicamente, tiveram mais acesso a recursos e infraestrutura. Mas também conseguimos perceber o quanto a especificidade regional ajuda a entender o porquê de regiões metropolitanas como as de Recife, Salvador e Fortaleza terem maior destaque no futebol da região. O desenvolvimento desigual impacta diretamente a competitividade e a projeção dos times nordestinos, apesar dos esforços para nivelar o campo de jogo. (Souza e Santos, 2024)

Nesse cenário de desigualdades financeiras e esportivas, o já estereotipado Nordeste se vê em uma disputa injusta contra os rivais mais ricos de outras regiões. Soma-se a todo esse contexto uma conjuntura política que, ao longo das décadas do século XX, momento de consolidação do esporte no país, favoreceu a penetração de clubes de São Paulo e Rio de Janeiro nos estados nordestinos. Agremiações como Flamengo, Vasco, Corinthians, Palmeiras, Fluminense e São Paulo foram amplamente televisionados e viraram pauta principal em programas de rádio transmitidos do Sudeste para outras partes do Brasil. Com isso, figuram entre as maiores torcidas do Nordeste até hoje¹⁷. Esse ambiente impulsiona o já mencionado fenômeno dos torcedores mistos: os nordestinos que torcem por um clube da região e outro de fora.

¹⁷ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/al/futebol/times/csa/noticia/2024/11/29/datafolha-csa-aparece-na-lista-das-maiores-torcidas-do-nordeste.ghtml>>. Acesso em 13 mar, 2025.

A formação histórica e a conjuntura político-econômica tornam o futebol mais um ambiente propício para a disseminação do discurso de ódio contra o Nordeste, como será evidenciado nas análises dos casos mais à frente. Antes, faz-se necessário estabelecer os métodos para chegar até os objetivos do estudo.

4. DESENHO METODOLÓGICO

Para buscar respostas às perguntas norteadoras e alcançar os objetivos geral e específicos propostos, optou-se pela análise de conteúdo quali-quantitativa (Bardin, 1977) de comentários no X. Todo o caminho metodológico e as escolhas que recortam um tema tão amplo e complexo se ancoram no percurso traçado até aqui.

Portanto, tudo começa no levantamento prévio que identificou os 31 casos de xenofobia contra o Nordeste no âmbito do futebol noticiados entre 2014 e 2023 pelos veículos de comunicação anteriormente mencionados. Não haveria tempo hábil e fôlego analítico para averiguar detidamente e de forma precisa todas as ocorrências. Assim, fez-se necessário eleger criteriosamente episódios que, de alguma maneira, representassem a totalidade e fornecessem material suficiente para avaliação.

Nesse sentido, selecionou-se, então, quatro casos que, juntos, dão conta das seis categorias identificadas previamente: 1) generalização e/ou estereotipização (reducionismos, generalizações e estereótipos); 2) ofensa ao futebol nordestino (ofensas à qualidade esportiva de clubes ou jogadores nordestinos); 3) ofensa ao Nordeste e/ou ao povo nordestino (ofensas diretas e curtas unicamente por se tratar da região); 4) racismo/intolerância religiosa (casos interseccionais em que o racismo acompanha a xenofobia); 5) ofensa político-eleitoral (ofensas pelo comportamento eleitoral); e 6) repulsão (ofensas para "repelir" nordestinos de volta ao Nordeste).

O primeiro caso ocorreu em junho de 2021, quando o radialista paulistano Domenico Gatto chama times nordestinos de “lixo” e “porcaria” durante um programa da Rádio Energia 97FM¹⁸. Este episódio se enquadra na categoria “ofensa ao futebol nordestino”.

Em seguida, um caso ocorrido em novembro de 2022, quando Ângela Machado, então diretora de responsabilidade social da Gávea, clube do Flamengo, publicou ofensas xenofóbicas no *Instagram*. “Ganhamos onde se produz, perdemos onde se passa férias, bora trabalhar, pq se o gado morrer o carrapato passa fome”, republicou a rubro-negra, em clara alusão à derrota do então presidente Jair Bolsonaro (PL) no Nordeste na tentativa de reeleição na disputa contra o eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT)¹⁹. São duas as categorias: ofensa político-eleitoral e generalização e/ou estereotipização do Nordeste.

O terceiro episódio a ser analisado ocorreu em janeiro de 2023. Na ocasião, Adriana Borba, noiva do jogador Léo Campos, à época atleta do Botafogo, da Paraíba, fez comentários

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/futebol_info/status/1402093823816306691>. Acesso em 9 nov, 2023.

¹⁹ Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2023/06/15/justica-aceita-denuncia-contra-diretora-do-flamengo-por-xenofobia-por-post-em-que-comparou-nordestinos-a-carrapatos.ghtml>>. Acesso em 9 nov, 2023.

xenofóbicos no *Instagram*²⁰. Em vídeo, ela ironizou e reclamou do sotaque e de um suposto jeito de andar de paraibanos. O caso se enquadra em duas categorias: generalização e/ou estereotipização do Nordeste e ofensa ao Nordeste e/ou ao povo nordestino.

Por fim, um episódio ocorrido em outubro de 2019, na partida entre Santos e Ceará na Vila Belmiro, pelo Campeonato Brasileiro. Durante o segundo tempo do jogo, os jogadores Thiago Galhardo e Fabinho²¹, ambos do clube cearense, relataram ter ouvido ofensas racistas e xenofóbicas das arquibancadas. O caso foi relatado pela repórter Aline Nastari na transmissão da TNT Sports e reverberou amplamente na imprensa e nas mídias sociais, suscitando discussões que foram além dos temas iniciais, com comentários sobre torcedores mistos, situações anteriores de racismo e estereótipos em diferentes regiões do país. O episódio se encaixa em duas categorias: racismo/intolerância religiosa e repulsão.

Esse episódio substitui um outro, escolhido originalmente para compor o corpus. A princípio, seria analisado um caso de maio de 2022, quando um funcionário do Bahia denunciou nas redes sociais que a delegação foi alvo de xingamentos xenofóbicos durante um jogo contra o Azuriz, no interior do Paraná: “‘Baiano, não anda rápido que vc só consegue andar devagar’, ‘Vai macumbeiro!’, ‘Volta pra sua rede pra dormir’, ‘Volta pra Bahia, terra de índio’”, escreveu Bruno Queiroz²². Contudo, após uma análise inicial, optou-se por excluir este episódio por conta da pequena quantidade de comentários e do ainda menor número de mensagens que reforçam o discurso odioso, parte central desta pesquisa.

A escolha dos quatro episódios se baseia também na relevância que cada um deles ganhou nas mídias sociais. Diferentemente de vários outros casos ocorridos na última década, estes quatro repercutiram significativamente em veículos de comunicação e no X, plataforma escolhida para observação. Além disso, como mencionado, eles dão conta das seis categorias identificadas na segunda etapa metodológica (tabela 1). Portanto, entende-se que conseguirão abarcar satisfatoriamente os sentidos acionados nas ofensas xenofóbicas contra o Nordeste no âmbito do futebol.

Tabela 1 - Seleção de episódios

	Episódio 1	Episódio 2	Episódio 3	Episódio 4

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/futebol_info/status/1618342288136208384>. Acesso em 9 nov, 2023.

²¹ Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/esportes/noticia/52974-volante-do-ceara-repudia-episodio-de-racismo-e-pede-ajuda-para-achar-autor-de-insultos.html>>. Acesso em 13 mar, 2023.

²² Disponível em: <<https://twitter.com/brunobqueiroz/status/1524211446892146688>>. Acesso em 9 nov, 2023.

Generalização e/ou estereotipização		X	X	
Ofensa ao futebol nordestino	X			
Ofensa ao Nordeste e/ou ao povo nordestino			X	
Racismo/intolerância religiosa				X
Ofensa político-eleitoral		X		
Repulsão				X

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Definidos os episódios, a decisão seguinte foi escolher de que maneira analisá-los. Uma das alternativas era destrinchar o teor das ofensas: ou seja, investigar os sentidos contidos nas declarações de Domenico Gatto, do torcedor não identificado do Santos, de Ângela Machado e de Adriana Borba. Essa opção seria válida e faria avançar o campo de estudos, mas geraria um corpus pequeno, que possivelmente não forneceria elementos simbólicos suficientes para aprofundar a discussão da maneira desejada. Assim, a solução foi olhar para a forma como cada um dos quatro casos reverberou nas mídias sociais.

Com base nos conceitos apresentados no referencial teórico, propôs-se uma análise dos sentidos que circulam nos comentários especificamente no X, o antigo Twitter. Embora representem um recorte sabidamente limitado, as mídias sociais digitais são fontes fundamentais para as pesquisas e têm efeitos significativos na esfera pública.

A opção pelo X se deve ao fato de que, entre as mídias sociais mais populares no Brasil, ainda é a que possibilita maior acesso às publicações por meio de ferramentas de coleta de dados, mesmo com as constantes mudanças de API (*Application Programming Interface*, ou Interface de Programação de Aplicações) e limitações recentes em decorrência da aquisição da plataforma pelo empresário Elon Musk. Além disso, trata-se de uma plataforma que prioriza a resposta quase instantânea para controvérsias.

Mas como selecionar — e tabular — os comentários a serem analisados? Na imensidão das mídias sociais, é sabidamente inviável (pela quantidade de postagens e os desafios na coleta) dar conta da totalidade da discussão. Por isso, mais uma vez, foi necessário fazer escolhas.

A opção foi por identificar a postagem mais comentada sobre cada caso no X e, em seguida, coletar os comentários (respostas e respostas a respostas) a essas quatro postagens para formar o corpus. O entendimento foi que, dessa maneira, ampliaria-se o conteúdo

simbólico relacionado às ofensas xenofóbicas, permitindo uma análise mais profunda, diversa e representativa.

A postagem mais comentada de cada caso foi identificada a partir da busca avançada do próprio X em 25 de abril de 2024, com base em palavras-chave relacionadas aos quatro episódios (tabela 2). A seleção dos termos para pesquisa se baseou no teor das ocorrências.

Tabela 2 - Detalhamento da coleta

Episódio	Palavras-chave	Filtro	Postagem identificada	Comentários coletados
Episódio 1	“Domenico Gatto”	Mais de 300 comentários	Publicação do perfil @futebol_info com o vídeo da declaração de Domenico Gatto e uma legenda baseada na fala dele ²³ .	2.000
Episódio 2	“Ângela”, “diretora”, “Flamengo” e “Nordeste”	Mais de 300 comentários	Publicação do perfil @BlogdoNoblat, do jornalista Ricardo Noblat. O colunista compartilha uma foto de Ângela Machado e repercute a mensagem xenofóbica que ela publicou ²⁴ .	2.086
Episódio 3	“Léo Campos”	Mais de 300 comentários	Postagem do perfil @cogenes, do jornalista Cógenes Lira. Ele compartilha vídeo em que Adriana Borba faz declarações xenofóbicas. Na legenda, classifica o caso como “xenofobia” ²⁵ .	1.747
Episódio 4	“Santos”, “Ceará”, “racismo”, “xenofobia”, “preconceito” e “Vila Belmiro”	Mais de 300 comentários	Publicação do perfil @TNTSportsBR, conta da emissora de TV TNT Sports no Brasil. O post conta com o vídeo do momento da transmissão de Santos x Ceará em que a repórter Aline Nastari relata as falas preconceituosas que partiram das arquibancadas, acompanhado de uma legenda que lamenta o ocorrido ²⁶ .	722

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A partir daí, foram coletadas retroativamente as respostas à publicação com maior número de respostas sobre cada um dos quatro casos. Para isso, utilizou-se a plataforma *Export Comments*, que automatiza esse processo ao reunir em uma planilha os comentários. É relevante pontuar que a própria ferramenta indica que descarta mensagens de contas fechadas e aquelas identificadas como spam, o que não invalida ou enfraquece a análise. Para conseguir coletar a vasta quantidade de comentários, foi necessário efetuar o pagamento de uma das funcionalidades da ferramenta em duas ocasiões: 11 dólares em 10 de junho de 2024 (cerca de

²³ Disponível em: <https://twitter.com/futebol_info/status/1402093823816306691>. Acesso em 17 jul, 2024.

²⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/BlogdoNoblat/status/1587607561058111488>>. Acesso em 17 jul, 2024.

²⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/cogenes/status/1618273658778292224>>. Acesso em 17 jul, 2024.

²⁶ Disponível em: <<https://x.com/TNTSportsBR/status/1184983759445204992>>. Acesso em 6 mar, 2025.

R\$ 59 na cotação da época) para a coleta dos três primeiros episódios e 15 dólares em 20 de fevereiro de 2025 (cerca de R\$ 85 na cotação da época) para a coleta do quarto, que só entrou no corpus posteriormente.

A coleta reuniu 6.555 comentários. Neste momento, aciona-se, enfim, as estratégias e regras indicadas pela análise de conteúdo de Bardin (1977). Assim como foi feito em outros momentos anteriores neste estudo, seguiu-se rigorosamente os passos da metodologia, a fim de evitar inconsistências. O primeiro movimento exploratório é ler repetidamente os comentários a fim de mapear e construir uma visão do todo. Em seguida, uma nova leitura permite a identificação de padrões simbólicos, que dão origem às categorias — uma etapa feita duas vezes em momentos distintos a fim de verificar a confiabilidade. Posteriormente, dá-se a análise quali-quantitativa, com base nos números e no arcabouço teórico apresentado em capítulos anteriores.

Esse movimento foi repetido para cada caso. Todas as mensagens coletadas passaram por uma análise inicial a fim de descartar aquelas que combatem o ódio. Explica-se: pela necessidade de se recortar o tema a fim de produzir uma investigação mais precisa no tempo delimitado para uma dissertação de mestrado, optou-se pela categorização final apenas das postagens que corroboram o discurso de ódio xenofóbico, que é o foco deste estudo. Desse modo, as mensagens contrárias à xenofobia não foram objeto de análise aprofundada neste espaço, mas podem dar frutos a investigações futuras. Portanto, dos 6.555 comentários coletados inicialmente, 1.124 (que reforçam o ódio ou, de alguma maneira, carregam sentidos que nos pareceram interessantes para a investigação) formam o recorte final de análise.

Com base nesse critério, os resultados da categorização, então, foram lidos a partir de conceitos discutidos no referencial teórico, em especial o de discurso de ódio, a fim de perceber as dinâmicas simbólicas da xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol.

5. ANÁLISE

Este capítulo está dividido em cinco partes. As quatro primeiras trazem os resultados das análises dos casos selecionados para investigação. A última se propõe a fazer dialogarem os episódios de xenofobia, à luz do debate teórico.

5.1 Caso 1: *Domenico Gatto versus Copa do Nordeste*

O primeiro episódio a ser analisado tem como principais personagens o radialista Domenico Gatto e a Copa do Nordeste. O caso se enquadra na categoria “ofensa ao futebol nordestino” e permite identificar de que maneira o discurso de ódio contra a região atua, explicitamente ou não, no ambiente esportivo.

A história da Copa do Nordeste é controversa e tem origem que aponta para competições regionais, com diversos nomes, disputadas nos anos 1960 e 1970. Oficialmente, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) considera apenas os torneios realizados a partir de 1994. Desde então, nove times foram campeões: Bahia (quatro vezes, em 2001, 2002, 2017 e 2021), Vitória (quatro vezes, em 1997, 1999, 2003 e 2010), Sport (três vezes, em 1994, 2000 e 2014), Ceará (três vezes, em 2015, 2020 e 2023), Fortaleza (três vezes, em 2019, 2022 e 2024), Campinense (uma vez, em 2013), Santa Cruz (uma vez, em 2016), América (uma vez, em 1998) e Sampaio Corrêa (uma vez, em 2018). Portanto, dos nove estados da região, seis já conquistaram o troféu: Bahia (oito), Ceará (seis), Pernambuco (quatro), Paraíba (um), Rio Grande do Norte (um) e Maranhão (um).

Nos últimos anos, apesar de percalços sobre calendário de jogos e a própria organização, a Copa do Nordeste se consolidou como uma das competições mais lucrativas e de maior prestígio esportivo do primeiro semestre do calendário do futebol brasileiro, especialmente desde 2013, quando voltou a ser disputada após um hiato de dois anos. Diversos estudos na área da comunicação, já mencionados anteriormente, apontam para a relevância da competição não apenas nos aspectos financeiro e esportivo, mas também no sentido de reforçar as ditas identidades nordestinas e o sentimento de pertencimento por parte de torcedores.

O próprio apelido do torneio faz referência à dinâmica local-global das reconstruções identitárias (Lourenço, 2014): a Copa do Nordeste é a “Lampions”, uma clara menção a Lampion, símbolo maior do cangaço e um dos ícones da dita cultura nordestina, e à Champions League, principal torneio de clubes da Europa.

Financeiramente, a competição se fortaleceu e ajudou a impulsionar os clubes participantes. Campeão em 2024, o Fortaleza recebeu R\$ 6,6 milhões em premiação da CBF. A título de comparação, o Palmeiras ganhou, no mesmo ano, R\$ 5 milhões da Federação Paulista de Futebol (FPF) pela conquista do campeonato estadual de São Paulo, principal centro econômico do país. Apesar disso, não se pode falar em equiparação financeira entre as diferentes regiões do Brasil. Até hoje, as disparidades de investimento em relação ao Sul e ao Sudeste permanecem. A Copa do Nordeste aparece como um atenuante.

Em 2021, quando ocorreu o episódio de xenofobia a ser analisado, a Copa do Nordeste conseguiu manter o patamar das premiações aos clubes, mesmo em meio ao agravamento da crise financeira global pela pandemia de Covid-19. No ano em questão, o campeão Bahia levou R\$ 3,56 milhões — R\$ 310 mil a menos que os R\$ 3,87 milhões pagos ao Ceará pelo título em 2020. A redução é consideravelmente pequena se considerarmos os valores elevados do mercado do futebol.

Durante o período de estruturação da Copa do Nordeste, a edição de 2021, aliás, foi simbólica por uma série de motivos. Esportivamente, contou com quatro times (Bahia, Ceará, Fortaleza e Sport) da Série A, a divisão de elite do Campeonato Brasileiro. Até então, o número era recorde para a região desde que a competição nacional passou a ser organizada no sistema de pontos corridos, em 2003 — como vimos, a marca só foi superada em 2025, com cinco clubes na Primeira Divisão. De ponto de vista tecnológico, foi a primeira competição profissional no mundo a ser transmitida ao vivo pela rede social TikTok.

Porém, a Copa do Nordeste de 2021 também ficou marcada negativamente por conta de uma discussão originada em um comentário xenofóbico contra clubes da região. Em 7 de junho daquele ano, o locutor paulistano Domenico Gatto, durante o programa Estádio 97, da Rádio Energia 97FM, de São Paulo, chamou a competição e dois times participantes (o campeão Bahia e o vice-campeão Ceará) de “lixo” e “porcaria”.

O Alê (Oliveira, comentarista que também estava na discussão) está se baseando na Copa do Nordeste, que é um lixo, é uma porcaria. Me desculpa, com todo o respeito, mas é uma porcaria, é uma porcaria. O Bahia é o mais forte desses daí e talvez nem lute para não cair (no Campeonato Brasileiro), mas também não vai chegar na Libertadores. É uma porcaria também, é outro lixo. Desculpa, eu sou franco, falo a verdade, falo o que é verdade. Eu sou realista, amigo. Não vou falar que o Ceará é uma potência. É uma porcaria (Gatto, 2021).

Em seguida, milhares de postagens em diferentes mídias sociais repercutiram o teor xenofóbico da declaração. O assunto tomou conta de programas de debate na televisão e

suscitou uma resposta nos perfis da Copa do Nordeste²⁷, que cobraram respeito. Criticado, Domenico Gatto gravou um vídeo, ainda em 7 de junho, em que disse ter sido mal interpretado, minimizou a reação combativa de torcedores nordestinos ao classificá-la como “mimimi”, afirmou ter uma “sogra cearense” para se justificar e pediu desculpas a “quem se sentiu ofendido”.

Domenico Gatto é o pseudônimo de Domingos Rizzo, que nasceu em 24 de junho de 1966, na cidade de São Paulo. Ele começou no rádio em 1986 e passou por Bandeirantes, Educadora, Tribuna, Metropolitana, Transamérica, Nativa FM, Jovem Pan, 94 FM, Gazeta AM até que, em 1999, chegou à Energia 97. Declaradamente torcedor do Palmeiras, é locutor, apresentador, DJ e narrador esportivo. É o responsável pelas transmissões dos jogos do time de coração na emissora. Acumula quase 800 mil seguidores nas mídias sociais X, Instagram, YouTube e Facebook, segundo dados coletados em 2 de maio de 2025.

A gravidade da declaração e a notoriedade do locutor ajudam a explicar a proporção que o caso tomou. Diversas contas no X reverberaram a fala e amplificaram a discussão sobre xenofobia contra o Nordeste no futebol. Nesse contexto, aparece a publicação feita pelo perfil @futebol_info às 11h43 do dia 7 de junho de 2021²⁸. A postagem (imagem 1) conta com o vídeo com um trecho da declaração de Domenico Gatto (compartilhado originalmente pelo perfil intitulado “Brasileirão da Zoeira”) e uma legenda que traz um trecho da fala do radialista.

Segundo a busca avançada no X, feita por meio da palavra-chave “Domenico Gatto” e com o filtro que eliminou publicações com menos de 300 respostas, essa foi a postagem sobre o tema que recebeu mais comentários.

Na aproximação inicial ao corpus, descartou-se 528 dos 2 mil comentários (26,4%). Tratam-se de mensagens que não contribuem para os objetivos desta investigação: 264 posts são conversas sobre outros temas (discussões clubísticas ou sobre clubes do Sudeste do Brasil, por exemplo), 261 são incompreensíveis (emojis, sinais gráficos, respostas a comentários apagados sem que o contexto seja capturável, entre outros) e três são apenas brigas e xingamentos sem conexão direta com o debate principal.

Restaram, dessa forma, 1.472 comentários (73,6% do total), que foram classificados em 23 categorias a partir de semelhanças e diferenças de sentido entre eles. Dessas, 12 categorias abarcam 1.190 comentários que de alguma maneira contrapõem a xenofobia de

²⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/CopaDoNordeste/status/1402273189338693653>>. Acesso em 17 jun., 2024.

²⁸ Disponível em: <https://x.com/futebol_info/status/1402093823816306691>. Acesso em 12 fev, 2025.

Domenico Gatto. Aqueles que exclusivamente combatem o preconceito não foram considerados nesta investigação, que propõe analisar simbolicamente o discurso de ódio e não propriamente o combate ao discurso de ódio.

Figura 1 - Postagem do episódio 1



Fonte: X (2024).

É importante frisar, no entanto, que algumas mensagens combatem o discurso de ódio e, ao mesmo tempo, apresentam argumentos que o reforçam — estes foram mantidos na análise final. Embora um movimento esteja intrinsecamente relacionado ao outro, faz-se esta opção meramente analítica para que a investigação não caia em generalizações ou falta de profundidade decorrente da quantidade de material e do tempo concedido para uma pesquisa

de mestrado. As categorias que combatem a xenofobia não foram exploradas a princípio neste espaço, mas constituem material com grande potencial para futuros estudos.

Restaram, portanto, nove categorias que reforçam o discurso xenofóbico de Domenico Gatto ou, de alguma maneira, defendem o radialista. Elas englobam de 302 comentários — cada um pode se enquadrar em mais de uma categoria, pela complexidade de significados que coexistem nas mensagens. Este recorte nos permite olhar com mais profundidade para as reverberações argumentativas do discurso de ódio contra o Nordeste no futebol.

A tabela 3 mostra as descrições, exemplos e os números de comentários de cada uma das categorias.

Tabela 3 - Categorias de análise do caso 1

Categoria	Descrição	Exemplos	Comentários
1. Argumento esportivo	Argumentos esportivos que citam resultados ruins de times nordestinos para corroborar a declaração do locutor ou que menosprezam a Copa do Nordeste e os clubes em tom ofensivo e/ou irônico.	“Quando um nordestino ganhar a Libertadores, eu volto aqui” “Ninguém liga para essa bosta de Copa do Nordeste”	160
2. “Xenofobia reversa”	Minimizam a declaração do locutor (ou os próprios posicionamentos) ao argumentar que o mesmo tratamento é dado ao Sul, ao Sudeste e aos clubes dessas regiões.	“Essa linguagem é usada para todos (os times e campeonatos)”	62
3. Minimização/negação da xenofobia	Negam que o locutor (ou que a própria pessoa que fez o comentário) tenha cometido xenofobia ou, em última instância, minimizam a gravidade das falas.	“Onde teve xenofobia?”	45
4. Argumento da verdade	Defendem Domenico Gatto ao dizerem que ele “só falou a verdade”. Dentro desta categoria, algumas mensagens concordam com o teor da fala, mas questionam o tom.	“Errado não tá” “Errou na forma como disse, mas não mentiu”	45
5. Argumento do humor	Minimizam a declaração argumentando que o contexto do programa é de humor ou de “zoação” entre amigos.	“Gente, esse programa é de zoeira”	20
6. Argumento econômico	Argumentam que as vantagens econômicas de times do Sul e do Sudeste em relação aos nordestinos é por merecimento.	“Cada um tem a Crefisa que merece”	15
7. Liberdade de expressão	Defendem a declaração com base na suposta “liberdade de expressão”.	“Hoje em dia, não se pode dar opinião. Que mundo chato”	12
8. Argumento da geolocalização	Apoiam-se em morar ou ser do Nordeste como argumento para concordar com Domenico Gatto.	“Moro na Bahia e o campeonato é um lixo”	4

9. Argumento da descontextualização	Defendem o locutor ao apontar que o vídeo e a declaração foram tirados de contexto.	“Cortaram o vídeo”	4
-------------------------------------	---	--------------------	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Como mostra a tabela 3, há uma diversidade de sentidos nos comentários que reforçam o discurso de ódio xenofóbico e/ou defendem Domenico Gatto. O mais recorrente se ancora em um suposto argumento esportivo (160 comentários ou 52,9% dos 302). Para essas pessoas, dizer que o futebol nordestino é ruim — ou “um lixo”, uma “porcaria” — se sustenta pelos resultados vistos em campo. As mensagens lembram, por exemplo, que clubes da região nunca foram campeões da Copa Libertadores, principal competição sul-americana. Repetem, ainda, que a última vez que um time do Nordeste ganhou o Campeonato Brasileiro foi em 1988, quando o Bahia derrotou o Internacional, do Rio Grande do Sul, na final. Entretanto, esses posicionamentos não levam em consideração o contexto histórico, que expõe as disparidades econômicas e de cobertura dos veículos de comunicação (visibilidade midiática, que atrai investimentos). Esses fatores ajudam a explicar por que clubes nordestinos têm tido dificuldade para competir contra as principais equipes de Sul e Sudeste e complexificam a discussão.

O argumento esportivo é uma espécie de “envelopamento” para posicionamentos que reforçam o discurso de ódio proferido por Domenico Gatto. Mencionar as derrotas nordestinas, sem contextualizá-las, aparece como uma forma “segura” de reforçar a xenofobia. Afinal de contas, como contestar os resultados do campo? Como contra-argumentar o produto final do esporte de alto rendimento?

Mas, como vimos, nem sempre a violência simbólica se manifesta de forma intencional ou evidente. O discurso de ódio velado (*hate speech in substance*), nos termos de Rosenfeld (2001), ressoa no debate sobre a declaração de Domenico Gatto. Os ataques à região e ao futebol local aparecem disfarçados de críticas supostamente esportivas e técnicas, mas reiteram o posicionamento do locutor.

A categoria conta, ainda, com comentários de ódio mais evidente, em que o Nordeste, os clubes e a principal competição da região são abertamente ofendidos. Aqui a violência simbólica explícita (*hate speech in form*) se faz notar a partir do menosprezo, ironias e xingamentos xenofóbicos. Diferentemente de outras categorias, não há uma tentativa de disfarçar os ataques de argumento. Por certo, há uma descomplexificação do debate, tratando-se de ataques diretos e sem maiores alegações e explicações.

Se no argumento esportivo as disparidades econômicas são ignoradas, no argumento econômico elas aparecem a partir de uma lógica subvertida. Embora percentualmente representem pouco, os 15 comentários (4,9%) apontam para outra descontextualização e trazem reflexões interessantes sobre o reforço ao discurso de ódio xenofóbico. Essa categoria tem um teor meritocrático e aparece com frequência como uma resposta aos comentários que alertam para as diferenças financeiras entre os clubes do Nordeste em comparação com os do Sul e do Sudeste.

Nessas mensagens, um suposto “mérito” das agremiações sulistas e sudestinas são a justificativa para as disparidades: “Se meu time ganha mais dinheiro é porque ele mereceu”. Aqui, a falta de contexto aponta, por exemplo, para o simples fato de que um clube estar localizado em determinada região, como São Paulo, por exemplo, já é fator decisivo para atrair investimentos e patrocinadores.

Há, ainda, movimentos para desacreditizar as acusações de xenofobia e/ou minimizar a gravidade da declaração do locutor. Essas tendências são vistas especialmente nas categorias 2 (“xenofobia reversa”), 3 (“minimização/negação da xenofobia”), 4 (“argumento da verdade”), 5 (“argumento do humor”), 8 (“argumento da geolocalização”) e 9 (“argumento da descontextualização”), de diferentes maneiras.

A categoria 2 (“xenofobia reversa”) tem 62 comentários (20,5%) e repete discursos recorrentes em casos de opressões. Há um movimento no sentido de negar a existência da violência ao afirmar que o oprimido é tratado da mesma forma que os potenciais opressores. Neste caso, as mensagens minimizam as declarações de Domenico Gatto (e os próprios posicionamentos contidos nos comentários) ao afirmar que o Nordeste e o futebol nordestino são tratados da mesma forma que Sul, Sudeste e o futebol dessas regiões. Ganha força o argumento de que o programa Estádio 97 tem teor humorístico e que os ataques não são exclusivos aos nordestinos. Mais uma vez, não há nesses comentários a contextualização das diferenças históricas entre as regiões — portanto, elas não podem ser tratadas da mesma forma. É como se dizer a mesma coisa ao opressor e ao oprimido significasse o mesmo, algo que não se justifica na prática.

Na sequência, a categoria 3 (45 comentários, ou 14,9%) faz um movimento mais direto de negar as acusações de xenofobia à fala do locutor. Há mensagens que questionam retoricamente: “Onde teve xenofobia?”. Em geral, são posicionamentos mais curtos que agem no sentido de defender Domenico Gatto e naturalizar a declaração do radialista.

Outra categoria que vai na mesma direção é a 4 (argumento da verdade), com 45 comentários (14,9%). Essas mensagens, em geral curtas e diretas, minimizam o teor da

declaração e defendem que Domenico Gatto “só falou a verdade”. Dessas 45, nove (2,9% do total de 302) flutuam entre a defesa e a contestação à fala. Pondera-se que o tom utilizado pelo locutor não foi o correto, mas há o reforço ao posicionamento dele.

Em seguida, a categoria 5 (argumento do humor) recorre, assim como a 2 (xenofobia reversa), ao perfil humorístico e descontraído do programa para minimizar a fala e resguardar o radialista. Aqui, o humor é o principal pretexto para a defesa da declaração. Diz-se que a fala não deve ser levada a sério, uma vez que o Estádio 97 é um produto feito para proporcionar debates provocativos, característicos de “mesas de bar”. É mais uma estratégia para corroborar com o posicionamento de Domenico Gatto, de forma velada. Foram identificados 20 comentários nesta categoria (6,6%).

É interessante observar, ainda, como o debate sobre o episódio recorre a discussões recorrentes na literatura sobre discurso de ódio de forma geral. Por exemplo, a categoria 7 aciona o conceito de “liberdade de expressão”, de forma subvertida e descontextualizada, para defender a fala de Domenico Gatto. Há um movimento para afirmar que esta é “apenas a opinião” do locutor e deve ser respeitada, sem levar em consideração que essa argumentação abre margem para a intolerância e as tantas violências simbólicas. Esses comentários (12, ou 3,9%) ignoram os já mencionados limites da liberdade de expressão, argumento que aparece nas mensagens de quem contesta a declaração do radialista.

Percentualmente, as duas últimas categorias representam menos, mas apontam para aspectos interessantes do debate. Na categoria 8 (quatro, ou 1,3%), do argumento da geolocalização, diz-se que, por morar ou ter nascido no Nordeste, uma pessoa pode criticar o futebol da região e até corroborar a declaração xenofóbica. Por fim, há mais uma defesa a Domenico Gatto na categoria 9 (quatro, ou 1,3%), o argumento da descontextualização, com mensagens que dizem que o vídeo postado pelo perfil @futebol_info tira a fala de contexto e cobram a publicação do trecho completo.

Em resumo, a análise de conteúdo quali-quantitativa deste episódio aponta para a diversidade de argumentos e sentidos que circulam no debate sobre o episódio intitulado “Domenico Gatto *versus* Copa do Nordeste”. Os comentários favoráveis ao locutor e/ou ao posicionamento dele mostram como a descontextualização, intencional ou não, é uma forte arma de violência simbólica no caso do discurso de ódio xenofóbico contra a região no futebol.

Os argumentos esportivos desconsideram a dimensão estrutural do problema, que envolve as finanças e a visibilidade midiática; os posicionamentos que apontam para as disparidades econômicas ignoram os motivos que as ocasionaram; as mensagens que

sinalizam o tom humorístico do programa ou argumentam que todos são tratados igualmente não levam em conta as opressões históricas contra o Nordeste. Nesses casos, é ignorada a compreensão de que fazer piada com o opressor é totalmente diferente de fazer piada com o oprimido. No primeiro caso, pode se tratar de uma subversão, uma tentativa de questionar o poder consolidado historicamente, quase uma estratégia de defesa diante das injustiças. No segundo, é basicamente um movimento reacionário de tentativa de manutenção do domínio ao reafirmar o local subjugado das minorias — efetivo com potencial simbólico muito mais violento e perigoso contra a justiça social.

Ao mesmo tempo em que há as argumentações a favor do posicionamento de Domenico Gatto, existe ainda um movimento de “proteção” ao locutor — especialmente nas categorias 2, 5 e 9. Neste episódio, o radialista se torna o “rosto” daquele discurso e é defendido por meio de comentários que alegam que ele trata todos os clubes e regiões de forma igual e que o contexto do programa é humorístico. Aliás, outra estratégia de naturalização do discurso de ódio é justamente no sentido de minimizá-lo e contemporizá-lo. Nessas mensagens, a declaração é tratada como uma fala de humor, que poderia ser dita sobre qualquer clube de outras regiões.

Há ainda aquelas estratégias mais diretas que defendem ou amplificam o discurso de ódio, presentes especialmente nos comentários que menosprezam diretamente o Nordeste e o futebol da região, que apontam que o locutor apenas “falou a verdade” e os que negam haver xenofobia na declaração.

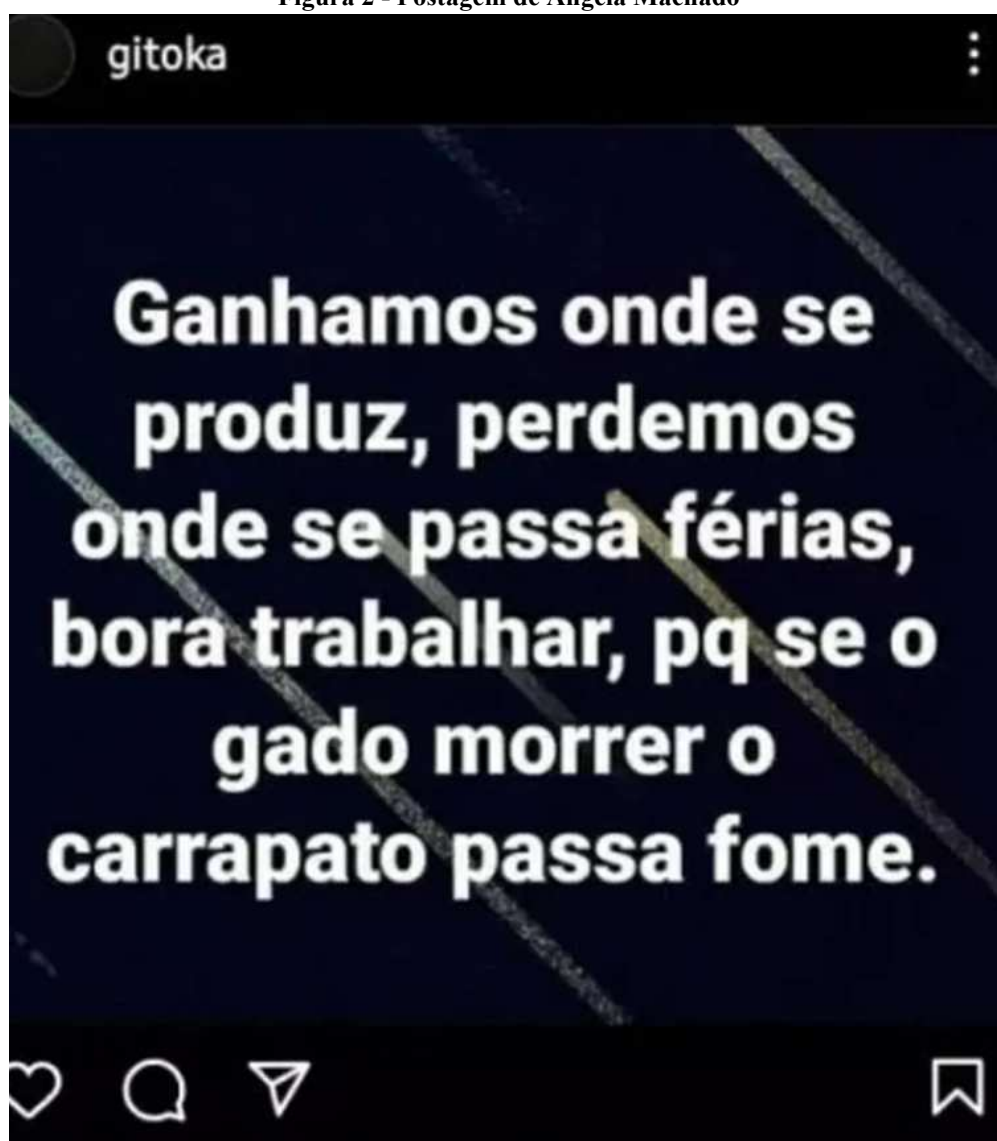
Ao fim, o movimento favorável a Domenico Gatto e ao que ele representa neste episódio se configura um fenômeno complexo, cheio de nuances e estratégias específicas. O argumento esportivo, roupagem utilizada pelo locutor ao ofender o futebol da região, aparece com maior frequência também nos comentários. Contudo, a dinâmica do debate no X amplia a diversidade discursiva e ajuda a perceber outras tantas formas de perpetração da violência. Identificá-las, afinal, é decisivo para combatê-las.

5.2 Caso 2: Ângela Machado, Bolsonaro e o “carrapato” nordestino

O segundo episódio analisado exemplifica a xenofobia contra o Nordeste em um cenário que relaciona futebol e as eleições presidenciais no Brasil em 2022. Este caso se enquadra nas categorias "generalização e/ou estereotipização" e "ofensa político-eleitoral", recorrente nos últimos pleitos nacionais, que expuseram preferências distintas das diferentes regiões do país.

Toda a discussão começou em 1º de novembro de 2022, quando repercutiu em distintas mídias sociais uma publicação xenofóbica de Ângela Rollemberg Santana Landim Machado, então diretora de responsabilidade social do clube da Gávea, de propriedade do Clube de Regatas do Flamengo. A dirigente, casada com o então presidente rubro-negro, Luiz Rodolfo Landim Machado, compartilhou no Instagram a seguinte mensagem, originalmente escrita por terceiros, em referência ao resultado eleitoral: “Ganhamos onde se produz, perdemos onde se passa férias, bora trabalhar, pq se o gado morrer o carrapato passa fome” (sic).

Figura 2 - Postagem de Ângela Machado



Fonte: Instagram (2022).

Ângela Machado nasceu em Aracaju, capital de Sergipe, e tem formação em serviço social. Ela assumiu o cargo de diretora de responsabilidade social da Gávea a convite do

marido, que dirigiu o Flamengo em dois mandatos: o primeiro entre 2019 e 2021, e o segundo entre 2022 e 2024.

Desde que assumiu o clube, Rodolfo Landim fez movimentos para se aproximar do então presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (PL). A dupla se encontrou diversas vezes para debater temas que foram além do futebol. Em 2022, o chefe do Executivo nacional chegou a convidar o mandatário do Flamengo para assumir o Conselho de Administração da Petrobras²⁹, estatal na qual o ex-dirigente rubro-negro trabalhou por mais de duas décadas.

Mais tarde naquele ano, Bolsonaro foi convidado por Landim para receber os jogadores do Flamengo na volta do clube ao Brasil após o título da Copa Libertadores sobre o Athletico-PR, em final disputada em Guayaquil, no Equador. O encontro foi amplamente noticiado e ocorreu em 30 de outubro, dia do segundo turno da eleição presidencial, em que o então presidente tentava a reeleição.

Foram várias situações e encontros, públicos ou não, que aproximaram a gestão Bolsonaro da diretoria que estava à frente do Flamengo na época. Nesse sentido, a mensagem de Ângela Machado é um claro ataque por conta da preferência eleitoral majoritária dos estados do Nordeste, que ajudaram a eleger Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra Jair Bolsonaro na disputa do segundo turno³⁰. Ao todo, o candidato petista recebeu 60.345.999 votos (50,90% dos votos válidos), contra 58.206.354 (49,10%) do adversário derrotado. A análise regional, contudo, demonstra a ampla vantagem do vencedor na região nordestina.

Lula ganhou, com folga, nas nove unidades federativas da região, em três do Norte (Amazonas, Pará e Tocantins) e em uma do Sudeste (Minas Gerais), totalizando 13 estados. Bolsonaro, por sua vez, venceu nos outros 13 mais o Distrito Federal, como mostra o mapa 1.

Os resultados por estado em 2022 reforçam uma divisão do país que existe a cada eleição, com menor intensidade, ao menos desde a disputa entre Lula e Geraldo Alckmin (atualmente no PSB, mas à época no PSDB) no segundo turno de 2006. Na ocasião, o petista saiu vitorioso contra o adversário — que viria a ser seu vice-presidente 16 anos depois —, superando-o com folga no cômputo geral (60,83% contra 39,17%) e dominando os votos do Nordeste, mas perdendo em sete estados, a maioria mais ao sul do país (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e São Paulo).

²⁹ Disponível em:

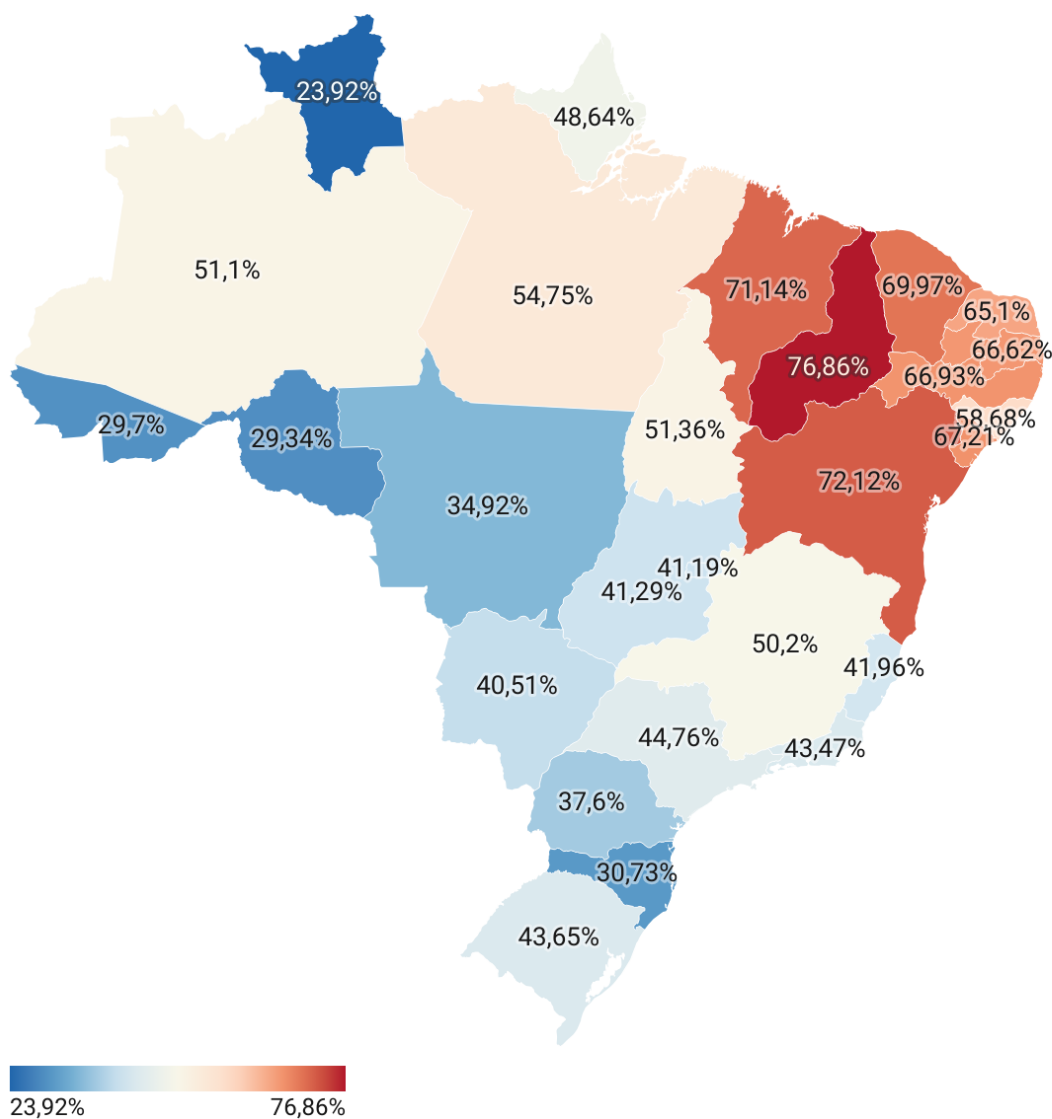
<<https://oglobo.globo.com/blogs/bernardo-mello-franco/noticia/2022/10/aliado-de-bolsonaro-landim-escancara-uso-politico-do-flamengo.ghml>>. Acesso em 26 jan, 2025.

³⁰ Disponível em: <<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/divulga>>. Acesso em 26 jan, 2025.

Mapa 1 - Desempenho de Lula por estado no segundo turno da eleição de 2022

Desempenho de Lula por estado no segundo turno da eleição presidencial de 2022

Mapa mostra o percentual de votos válidos do candidato vitorioso em cada unidade federativa do Brasil. Quanto mais escura a tonalidade de vermelho, mais ampla a vantagem de Lula naquele estado. Quanto mais escura a tonalidade do azul, mais ampla a vantagem de Jair Bolsonaro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Esse processo de divergência se intensificou nas disputas eleitorais seguintes, opondo sempre um candidato do PT (Dilma Rousseff em 2010 e 2014, Fernando Haddad em 2018 e o próprio Lula em 2022) e um adversário situado mais à direita no espectro político (José Serra em 2010, Aécio Neves em 2014 e Jair Bolsonaro em 2018 e 2022). Em apenas uma dessas eleições, o representante petista saiu derrotado: em 2018, quando Bolsonaro venceu Haddad.

Mesmo naquele ano, o Partido dos Trabalhadores foi dominante nos nove estados do Nordeste e ganhou, também, em dois do Norte (Pará e Tocantins).

Este breve contexto recente da história política nacional ajuda a explicar a hostilidade para o voto nordestino na eleição de 2022, como também mostram pesquisas sobre o tema (Gomes, Gomes, Castro e Martins, 2022; Freitas, 2022). O segundo turno entre Lula e Bolsonaro contou com uma intensa disputa pelos votos na região. O então presidente tentou reverter a vantagem obtida pelo petista no primeiro turno. Para isso, fez visitas constantes³¹, discursou para apoiadores e incluiu os nordestinos nas promessas de campanha.

O dia da votação decisiva, aliás, ficou marcado por uma série de operações da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Foram 549 ao todo: 272 no Nordeste (praticamente metade), 122 no Centro-Oeste, 59 no Norte, 48 no Sudeste e 48 no Sul. A blitz foi investigada pela Polícia Federal (PF), que em janeiro de 2025 indiciou quatro ex-dirigentes da PRF do governo de Jair Bolsonaro sob a acusação de dificultar o deslocamento de eleitores de Lula aos locais de votação. Foram eles: Luis Carlos Reischak Junior (ex-diretor de Inteligência), Rodrigo Cardozo Hoppe (ex-diretor de Inteligência substituto), Djairlon Henrique Moura (ex-diretor de Operações) e Adiel Pereira Alcantara (ex-coordenador de Análise de Inteligência). O ex-coordenador-geral de Inteligência e Contraineligência da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), Bruno Nonato dos Santos Pereira, também foi indiciado.

Nesse sentido, as investigações indicam que as operações da PRF foram uma tentativa de favorecer Bolsonaro ao dificultar o voto em Lula em regiões historicamente petistas. Toda essa complexa conjunção de fatores, aliada às percepções de atraso associadas ao estereotipado Nordeste, transformaram a região em um alvo das manifestações de ódio de eleitores bolsonaristas inconformados com a derrota nas urnas.

É nesse cenário que ganha visibilidade a declaração xenofóbica de Ângela Machado, que associa eleitores nordestinos lulistas a “carrapatos” improdutivos que se alimentam de uma suposta produtividade do “gado” de um Sul-Sudeste economicamente sustentável e que em sua maioria escolheu Bolsonaro.

Ainda que sem citar nominalmente cada região, a mensagem da então dirigente do Flamengo opõe as noções de Sul-Sudeste produtivos e o Nordeste improdutivo, arcaico e “sanguessuga”. Além da referência econômica, a postagem reforça o estereótipo que limita os estados nordestinos a locais onde “se passa férias”. Apesar de parecer inofensivo ou até

³¹

Disponível

em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/buscando-diminuir-vantagem-bolsonaro-visita-o-nordeste-antes-do-2o-turmo/>>. Acesso em 26 jan, 2026.

mesmo positivo à primeira vista, associar intensivamente o Nordeste a um lugar de belezas naturais e descanso acaba por limitar e homogeneizar as percepções sobre uma região tão complexa e produtiva economicamente.

A publicação de Ângela Machado gerou uma série de manifestações contrárias, especialmente a partir de 1º de novembro, dois dias depois da eleição, quando vários veículos de comunicação noticiaram o episódio. Em resposta, a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) a indiciou por xenofobia³²; ela se tornou ré em uma ação civil pública na 19ª Vara Federal do Rio de Janeiro, em ação que chegou a ser extinta, e foi denunciada também na Justiça Federal³³. Contudo, não foram encontradas notícias sobre o desfecho jurídico do caso.

O então presidente do Flamengo foi questionado sobre o posicionamento da esposa e recorreu ao argumento da “liberdade de expressão” ao defendê-la³⁴: “No fundo, foi quase que um desabafo, por ver a terra que ela tanto ama, por achar que talvez não venha a ter nos próximos anos o destino que ela gostaria que tivesse. Ela tem o direito de se posicionar” (Landim, 2022).

Em meio à ampla repercussão do episódio, que tomou conta do noticiário esportivo e político, Ângela Machado pediu desculpas em 3 de novembro. No texto, a então dirigente admitiu o erro e fez menção ao fato de ser nordestina — estratégia argumentativa bastante recorrente em mensagens xenofóbicas ou que reforçam a xenofobia, como já visto nas análises do episódio anterior.

Me chamo Ângela Machado, nascida e criada em Aracaju, Sergipe, onde vivi por mais de 28 anos. Lá, ainda vivem minha mãe e parentes, além de muitos amigos sergipanos. Tenho muito orgulho da minha cidade e de ser nordestina. Ao menos três vezes por ano vou com meus filhos e meu marido para minha cidade natal. Além de outras cidades do Nordeste. No último fim de semana, após as eleições, circularam muitas postagens com reclamações sobre o resultado das urnas. Não escrevi nenhuma dessas postagens que circularam. Mas, no calor da situação, compartilhei algumas mensagens e postagens e, entre elas, havia uma que citava de forma preconceituosa os meus conterrâneos nordestinos. Peço desculpas pelo meu erro, reconheço e respeito o processo democrático e o resultado das urnas. E torço para que o próximo governo tenha êxito pelo bem do nosso país, independente de qualquer ideologia (sic). Peço desculpas também ao povo nordestino, aos sergipanos

³² Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/10/diretora-do-flamengo-e-indiciada-por-xenofobia-apos-atacar-nordestinos-em-post-sobre-eleicao.ghtml>>. Acesso em 26 jan, 2025.

³³ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2023/06/15/justica-aceita-denuncia-contradiretora-do-flamengo-por-xenofobia-por-post-em-que-comparou-nordestinos-a-carrapatos.ghtml>>. Acesso em 26 jan, 2025.

³⁴ Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/flamengo/noticia/2022/11/landim-defende-diretora-do-flamengo-apos-post-atacando-nordeste-repostou-uma-mensagem-que-recebeu.ghtml>>. Acesso em 26 jan, 2025.

e a todos que, de alguma forma, feri com meus atos. E, inclusive minha família, com quem me desculpei diretamente (Machado, 2022).

Nesse contexto, milhares de postagens a respeito do episódio circularam no X. Para este estudo, a busca avançada na mídia social foi feita por meio das palavras-chave “Ângela”, “diretora”, “Flamengo” e “Nordeste”, eliminando publicações com menos de 300 respostas. Constatou-se, então, que a mais comentada foi feita pelo perfil @BlogdoNoblat, do jornalista e blogueiro Ricardo Noblat, às 21h48 do dia 1º de novembro de 2022³⁵. Trata-se de uma postagem em que o jornalista publica uma foto de Ângela Machado e escreve na legenda o texto xenofóbico compartilhado pela então dirigente.

Figura 3 - Postagem do episódio 2



Fonte: X (2025).

³⁵ Disponível em: <<https://x.com/BlogdoNoblat/status/1587607561058111488>>. Acesso em 12 fev, 2025.

A coleta da plataforma Export Comments identificou 2.086 respostas à postagem, que foram devidamente organizadas em uma planilha. Após uma aproximação inicial ao corpus, descartou-se 264 mensagens (quase 12,7% do total), pois não agregam diretamente para a análise proposta neste trabalho. Assim como nos outros casos, foram desconsiderados posts com significado dúbio ou incompreensível (132), discussões sobre outros temas (71) e brigas/xingamentos sem conexão direta com o debate principal (61).

Os demais 1.822 têm a ver com a discussão sobre xenofobia contra o Nordeste a partir da mensagem republicada por Ângela Machado. A ampla maioria (1.544, ou 74% dos mais de 2 mil originais) contrapõe a postagem da ex-dirigente rubro-negra e, portanto, não serão considerados nesta análise, que se propõe a dissecar o discurso de ódio e não o combate a essas manifestações. Por outro lado, os 278 comentários (13,3% do total) que corroboram a mensagem xenofóbica da então diretora serão analisados a seguir, a partir de nove categorias.

Tabela 4 - Categorias de análise do caso 2

Categoria	Descrição	Exemplos	Comentários
1. Argumento da verdade	Defendem Ângela Machado ao dizerem que ela “só falou a verdade”. Nesta categoria, alguns poucos até questionam o tom, mas concordam com a fala da dirigente, sem se alongar nas justificativas	“Gostando ou não, ela só disse a verdade 🤔.” “Ela tá correta na constatação, ã no preconceito (sic)”	188
2. Argumento político/eleitoral	Uma ampla gama de argumentos ideológicos, políticos e/ou eleitorais para defender a mensagem de Ângela, com posts que vão desde ataques à esquerda/ao PT até avaliações sobre a distribuição dos votos por região em 2022.	“Bolsonaro ganhou em todas as regiões, menos no Nordeste, portanto (a) fala (é) correta” “Quanto mais miséria no Nordeste, melhor para a esquerdalha”	43
3. Ataque regional	Ataques diretos ao Nordeste, ao povo e/ou ao eleitorado nordestino. Frequentemente, acionam estereótipos negativos sobre a região.	“Vai carregar lata de água na cabeça! (...) Vem prô Sudeste aprender a ganhar a vida honestamente! (sic)”	41
4. Argumento econômico	Concordam com Ângela Machado ao apontarem uma suposta dependência	“O atual pacto federativo usurpa dinheiro dos contribuintes do Sudeste	28

	econômica do Nordeste em relação a Sul/Sudeste, utilizando dados ou apenas reproduzindo noções cristalizadas e por vezes apoiadas em uma suposta meritocracia.	e redistribui para o Nordeste” “O nordeste vive de um assistencialismo permanente” “Sou da região que abastece com recursos de impostos, oriundos da nossa produção, os estados deficitários do país”	
5. Argumento da geolocalização	Apoiam-se em morar ou ser do Nordeste como argumento para concordar com Ângela Machado.	“Moro na Bahia e concordo com ela 100%”	11
6. “Xenofobia reversa”	Argumentos que defendem Ângela Machado pelo uso da palavra “carrapato”, uma vez que uma parcela anti bolsonarista utilizava o termo “gado”, também referente a um animal, para tratar dos apoiadores incondicionais do então presidente.	“Chamar de gado pode? Carrapatos, não?”	10
7. Crítica a torcedores/nordestinos	Argumentos que não necessariamente concordam com Ângela Machado, mas que mantêm o alvo no nordestino — de forma geral ou mais especificamente naqueles que torcem pelo Flamengo ou outro time de fora da região.	“E ainda tem otário nordestino que consome essas merda do Sudeste. Nordeste tem time com representação popular, não é essas merda enlatada gourmet (sic)”	10
8. Liberdade de expressão	Defendem a declaração com base na suposta “liberdade de expressão”.	“A liberdade de expressão foi banida neste país?”	9
9. Defesa ao clube	Argumentos que relacionam positivamente a preferência política de Ângela Machado e o exitoso desempenho esportivo do Flamengo e/ou defendem o clube com base na declaração da então dirigente.	“Não é à toa que o Mengão é o melhor.”	6

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A exemplo do episódio de Domenico Gatto, há uma ampla diversidade de sentidos nos argumentos que, de alguma maneira, são favoráveis à declaração de Ângela Machado. Neste caso específico, trata-se de um posicionamento político-eleitoral xenofóbico que, a princípio, poderia parecer distante ou facilmente dissociável do ambiente do futebol — isso, é claro, se o esporte fosse visto a partir de uma visão limitada ao campo de jogo, sem associá-lo à conjuntura de poder que claramente esteve presente na relação entre Flamengo, os dirigentes do clube e o governo federal na época.

Desse modo, a escolha deste episódio tem como base não apenas a ampla repercussão midiática ou a evidente relevância para a compreensão do problema de pesquisa, mas também a necessidade de reforçar a intrínseca associação entre futebol e a esfera política, seja ela institucional ou não.

O argumento da verdade está, mais uma vez, muito presente. Dos 278 comentários analisados, 188 (67,6%) se encaixam nesta categoria, que se trata de uma defesa direta da mensagem xenofóbica da então dirigente do Flamengo. Comentários como “errada ela não está”, “qual a mentira?”, “só falou a verdade”, “onde eu assino para concordar”, “palmas”, “está certíssima, tem o meu apoio” e “sábias palavras” exemplificam esse grupo, o mais recorrente na análise do caso. Dos 188, três concordam com a declaração, mas ponderam que o tom não foi adequado. Em geral, essas manifestações estão de acordo com o conteúdo da mensagem, mas discordam de algum ponto ou da forma como a declaração foi dada, por vezes apontando a existência de preconceito.

As postagens desta categoria ora se limitam a uma defesa mais simples, ora se estendem e se associam com outros tipos de argumentação. Nesse sentido, a defesa incontestada e ilimitada à “liberdade de expressão” aparece novamente, no grupo 8, com nove ocorrências (3,2%).

O viés eleitoral deste episódio abre margem para uma proporção maior de comentários que fazem referência à disputa política pelo poder no governo federal e até fazem avaliações, com dados ou não, da distribuição de votos por estado/região no segundo turno de 2022. Além disso, há uma série de publicações ideológicas ofensivas a Lula, ao PT e à esquerda de modo geral. Essa gama de mensagens compõe a categoria 2 (argumento político/eleitoral), com 43 ocorrências (15,4% dos 278).

A maioria desses comentários se restringe, de fato, ao debate político-eleitoral, sem menções diretas ao esporte. Por outro lado, uma análise mais aproximada mostra como essa

categoria se relaciona com outras duas em especial. A primeira, com 15 associações, é a categoria 4 (argumento econômico), que soma 28 ocorrências (10%).

O argumento econômico aparece muitas vezes para reforçar a ideia de um Nordeste deficitário em contraponto ao Sul e ao Sudeste, pretensamente superavitários: “Nas regiões correspondentes a 14% do PIB nacional, deu Lula, nas regiões correspondentes a 86% do PIB, deu Bolsonaro”, lê-se, em um dos muitos comentários que fazem referência ao Produto Interno Bruto (PIB), indicativo que soma os resultados monetários dos bens e serviços produzidos por uma localidade. Essas mensagens ora fazem menções a dados, ora apenas reforçam noções cristalizadas ao longo dos séculos a respeito dos estados nordestinos, por vezes baseadas em noções meritocráticas. E, como o exemplo mencionado, associam diretamente os resultados econômicos e eleitorais.

Neste episódio, nota-se uma diferença em relação ao caso de Domenico Gatto quanto ao uso da meritocracia como base para fortalecer o argumento econômico. Naquele primeiro momento, havia um direcionamento específico para o futebol: se meu time sudestino é mais rico que o seu time nordestino, é porque meu time mereceu esse lugar. Aqui, o movimento é diferente e mais amplo: se meu estado sudestino é mais rico que o seu estado nordestino, é porque o meu estado mereceu esse lugar. Embora tratem de recortes diferentes, há noções argumentativas semelhantes nas duas situações, o que, portanto, faz com que as categorias tenham o mesmo nome (argumento econômico), a despeito das especificidades de cada uma.

Há, ainda, uma relação frequente da categoria 2 (argumento político/eleitoral) com a 3 (ataque regional), que em geral trata de ofensas diretas à região, ao povo e/ou ao eleitorado nordestino — ou mesmo de outros estados ou localidades, mas sempre com referência ao Nordeste. Muitas das menções corroboram abertamente a xenofobia (*hate speech in form*) e reforçam os estereótipos de uma região arcaica, subdesenvolvida e desinformada, que está nas mãos de coronéis e se constitui como um problema histórico para o país. São exemplos comentários como: “o Brasil que trabalha está cansado”; “somos um Brasil que trabalha arduamente, enquanto o outro lado vive de esmolos”; “Nordeste LIXO”; “Estamos cansados de depender de voto de quem não se informa e depois vive na miséria e às nossas custas”. Dos 41 comentários (14,7%) da categoria de ataque regional, 15 também se encaixam na categoria argumento político/econômico.

A exemplo do que ocorreu em outros casos, os ataques à região muitas vezes aparecem em posts de pessoas que dizem ter nascido ou vivido no Nordeste — como se isso lhes desse a legitimidade para reforçar o discurso xenofóbico. Foram 11 ocorrências (3,9%)

na categoria “argumento da geolocalização”, assumido por quem o utiliza como um “direito de atacar”.

A seguir, o argumento da “xenofobia reversa” (categoria 6), que já apareceu anteriormente. Neste caso, os dez comentários identificados (cerca de 3,6%) defendem o “chumbo trocado”: se nos chamam assim, podemos chamá-los da mesma forma. Várias mensagens, então, defendem o uso da palavra “carrapato”, presente na mensagem compartilhada por Ângela Machado, para se referir aos nordestinos. Isso porque, segundo este argumento, seria um “revide” pelo uso da palavra “gado” por parte dos opositores de Bolsonaro para se referir negativamente a apoiadores incondicionais do então presidente.

Por fim, duas categorias que, embora não estejam entre as mais citadas, fazem menção ao futebol. A de número 9 (defesa ao clube), com seis comentários (2,1%), relaciona positivamente o posicionamento político de Ângela Machado com o êxito esportivo do Flamengo, que acabara de ganhar a Copa Libertadores: “Flamengo é o melhor time do Brasil, só traz alegria. E uma de suas dirigentes, Ângela, é a melhor. Parabéns”, lê-se em um dos comentários.

Já a categoria 7 (crítica a torcedores), com dez comentários (cerca de 3,6%), é bastante específica deste episódio. Nela, o alvo são os nordestinos que torcem para o Flamengo e/ou outros clubes de fora da região. Em três dessas postagens, aliás, há o combate à xenofobia de Ângela Machado, porém o foco principal é o ataque a pessoas nascidas no Nordeste, o que, portanto, fez com que não fossem descartadas da análise. Essa categoria exemplifica bem as pesquisas feitas por Vasconcelos (2011, 2012, 2014) a respeito dos torcedores “mistos”, que nasceram no Nordeste e torcem por um time da região e, ao mesmo tempo, um clube de outra parte do país. O discurso anti-mistos, na avaliação do autor, se trata de uma defesa ao regionalismo e às raízes nordestinas, a exemplo do que já ocorreu em outros momentos históricos e instâncias culturais. Portanto, não se trata necessariamente de uma manifestação xenofóbica, mas, por manter o alvo em nordestinos e se tratar de um tema muito abordado na academia, optou-se por mantê-lo no corpus.

O discurso dos “anti-mistos” encontra forte inspiração na ideologia regionalista nordestina. Essas semelhanças não são apenas coincidências pontuais. A interpretação que os torcedores têm sobre o campo do futebol reflete em parte a sua própria visão de mundo. Esta, por sua vez, embora não determinada, é influenciada pelo contexto social no qual estão inseridos. Tal contexto é permeado por uma análise de Nordeste e de Brasil historicamente alimentada pelos aspectos ideológicos que compõem os discursos regionalistas sobre o Nordeste. Deste modo, percebe-se como os argumentos dos “anti-mistos” é algo que está para além do mundo do futebol. Ele reflete situações sociais mais amplas, podendo ser interpretado como um discurso regionalista e ideológico. (Vasconcelos, 2012).

Como veremos adiante, as críticas aos “mistos” aparecem também nos episódios seguintes desta análise.

5.3 Caso 3: Adriana Borba contra o sotaque

O levantamento prévio mostrou que os casos de xenofobia muitas vezes não são protagonizados por jogadores, treinadores ou dirigentes, mas por pessoas que os cercam. Foi o que houve, por exemplo, com Adriana Borba, figura central deste terceiro ponto de análise, que se encaixa nas categorias "generalização e/ou estereotipização" e "ofensa ao Nordeste e/ou ao povo nordestino".

A personal trainer, influenciadora digital e empresária catarinense é esposa do lateral-esquerdo Léo Campos, que atuou durante os primeiros meses de 2023 no Botafogo Futebol Clube, de João Pessoa, na Paraíba. Em 24 de janeiro daquele ano, Adriana, à época noiva do jogador, publicou uma sequência de vídeos nos stories do Instagram. Nas imagens, a influenciadora se grava pela câmera frontal do celular e ironiza o sotaque ouvido em João Pessoa e uma série de comportamentos atribuídos por ela aos paraibanos.

Vou falar um pouquinho sobre como é que está sendo algumas coisas aqui em João Pessoa (sic) (...) Aqui tem umas mania... (sic). É muito fofo o sotaque, eu acho bonitinho, né. Mas chega uma hora, às vezes estou irritada, acho que estou de TPM e estou irritada... Sabe aquela pessoa que fica na tua frente: “Oxe, minha filha, olha esse preço desse aqui, ó. Que que cê acha? Devo levar ou não devo? Ô coisa cara da moléstia”. Aí tu fica... (revira o olho). Aí a pessoa arrasta, arrasta o chinelo o tempo inteiro! O tempo todo era gente arrastando o chinelo, e eu só assim: olhava para o pé da pessoa e encarava a pessoa, não sei como é que não apanhei hoje no mercado. Mas que estava assim, estava. Quase que eu falo assim: “Querida, levanta, levanta esse pé, criatura”. Aí é assim, né. A gente vai sozinha no mercado e não tem nem com quem rir, nem com quem debochar. Ficar falando alto com a outra pessoa para perceber (Borba, 2023).

Diversos veículos de comunicação cobriram amplamente o episódio nos dias seguintes à publicação do vídeo. Diante da repercussão negativa e das mensagens recebidas, Adriana Borba apagou as contas que mantinha nas mídias sociais. Em 25 de janeiro, ela aparece em um vídeo ao lado de Léo Campos para pedir desculpas³⁶. As declarações de ambos apontam para o lado do humor ao argumentarem que a personal trainer estava apenas brincando.

³⁶ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/2023/01/25/leo-campos-lateral-botafogo-pb-desculpas-declaracoes-xenofobia-de-noiva-drica>>. Acesso em 12 fev, 2025.

Fala, meu povo da Paraíba. Quem está falando é o Léo Campos. Minha mulher foi fazer uma brincadeira ali, sem maldade nenhuma. Só que, infelizmente, teve algumas palavras ali que o pessoal está entendendo errado. A cidade é maravilhosa, vocês são maravilhosos aqui, o jeito que vocês acolheram a gente, abraçaram a gente. Minha família vai me visitar, vai comprar passagem para conhecer a cidade, uma cidade muito linda. Então, queria pedir desculpas por ela também, pelas coisas que ela falou, se vocês não gostaram. Queria que vocês nos perdoassem também, porque aqui ninguém tem maldade nenhuma, e pedir que vocês apoiassem a gente e não nos criticassem (Campos, 2023).

Infelizmente, a forma com que eu falei... Como eu falei, às vezes, a gente brinca... Quantas vezes alguns comediantes brincam... Mas vocês também têm o direito de não gostar. Eu peço desculpa, não tiro a razão de vocês. Realmente, depois analisei o vídeo, olhei e disse: não, realmente, para quem não me conhece... Porque quem me conhece tem uma noção, quem não conhece realmente olha e diz: ‘Nossa, olha só o que essa moça está falando’. Então, faço (minhas) as palavras do Léo. A gente foi muito bem recebido aqui, a gente está torcendo pelo clube. O Léo tinha outras propostas, e eu falei para ele: “Vamos para lá, porque eu acho que lá vai ser um campo muito bom para ti”. Eu vejo a dedicação dele no time, eu vejo o quanto que ele se esforça. Não gostaria que esse meu erro atrapalhasse o futebol dele, atrapalhasse ele com o Botafogo, porque eu também sou hoje torcedora do Botafogo (Borba, 2023).

No mesmo dia, o Botafogo se manifestou sobre as declarações. Em nota oficial³⁷, o clube classificou as falas como “xenofóbicas” e afirmou que os envolvidos no episódio já haviam se desculpado. Diversas outras equipes paraibanas também se manifestaram em repúdio.

O Botafogo Futebol Clube foi surpreendido na manhã desta quarta-feira com um vídeo circulando nas redes sociais com falas xenofóbicas. Os envolvidos, reconhecendo o erro, já se manifestaram com pedidos de desculpas. O Maior da Paraíba, como representante de uma massa plural, reitera que reprova demonstrações que sugiram qualquer discriminação seja por raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou orientação sexual (Botafogo, 2023).

Em meio a esse cenário, o Núcleo de Gênero, Diversidade e Igualdade Racial do Ministério Público da Paraíba (MPPB) decidiu analisar um possível crime de xenofobia³⁸ a partir da leitura da Lei 7.716/1989, já mencionada anteriormente neste trabalho, que prevê punições a quem “praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Em 26 de janeiro, a Delegacia Especializada de Crimes Homofóbicos, Raciais e de Intolerância de João Pessoa também entrou em ação ao abrir um inquérito policial para investigar o caso. No dia 30, Adriana Borba prestou depoimento.

³⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cn2TYAypKzc>>. Acesso em 12 fev, 2025.

³⁸ Disponível em: <<https://ge.globo.com/pb/futebol/times/botafogo-pb/noticia/2023/01/25/ministerio-publico-botafogo-pb-leo-campos-drica-racismo-xenofobia.ghml>>. Acesso em 12 fev, 2025.

Já em 7 de fevereiro, o portal de notícias G1³⁹ publicou que o MPPB enviou o caso para o Ministério Público Federal (MPF), sob as justificativas de que o crime de xenofobia é objeto de tratado ou convenção internacional e que houve “transnacionalidade”, uma vez que as falas de Adriana Borba eram acessíveis no exterior, por terem sido publicadas em uma mídia social. Após uma ampla cobertura jornalística nos primeiros dias, não foi possível identificar informações recentes a respeito do desenrolar das investigações.

O que se sabe é que Léo Campos voltou a jogar em 13 de fevereiro, após não entrar em campo em três partidas do Botafogo em meio às repercussões sobre o caso. O último jogo do lateral-esquerdo pelo clube foi em 26 de março. Ele deixou a Paraíba com nove batidas e acertou com o Camboriú, de Santa Catarina, estado onde nasceu.

As falas xenofóbicas de Adriana repercutiram amplamente nas mídias sociais. Para identificar a postagem mais comentada sobre o tema, adotou-se as palavras-chave “Léo Campos” e o filtro que eliminou publicações com menos de 300 comentários.

A busca no X identificou que o post mais comentado foi feito pelo perfil @cogenes, de Cógenes Lira, que se descreve como “jornalista” e “assessor de comunicação”, além de ser mestre em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A publicação⁴⁰ data de 25 de janeiro de 2023, às 12h44, e é composta pela sequência de vídeos feitos pela influenciadora e uma legenda em que as declarações são classificadas como xenofobia.

Diferentemente dos outros casos, este episódio tem uma característica específica, uma vez que Cógenes Lira faz uma thread (“fio”, em tradução livre do inglês), que se trata de um mecanismo no X em que o usuário que postou a mensagem inicial acrescenta mensagens posteriores, formando, assim, uma narrativa mais ampla. Neste caso, o jornalista publica três postagens além da original: uma a respeito da investigação do MPPB⁴¹; outra sobre as medidas estudadas pela diretoria do Botafogo para reagir ao caso⁴²; e a última em que noticia a ausência de Léo Campos de um jogo⁴³. As imagens a seguir mostram a sequência completa. As respostas às quatro postagens foram analisadas.

³⁹ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/02/07/caso-de-xenofobia-envolvendo-noiva-de-atleta-do-botafogo-pb-e-enviado-para-o-mpf.ghtml>>. Acesso em 12 fev, 2025.

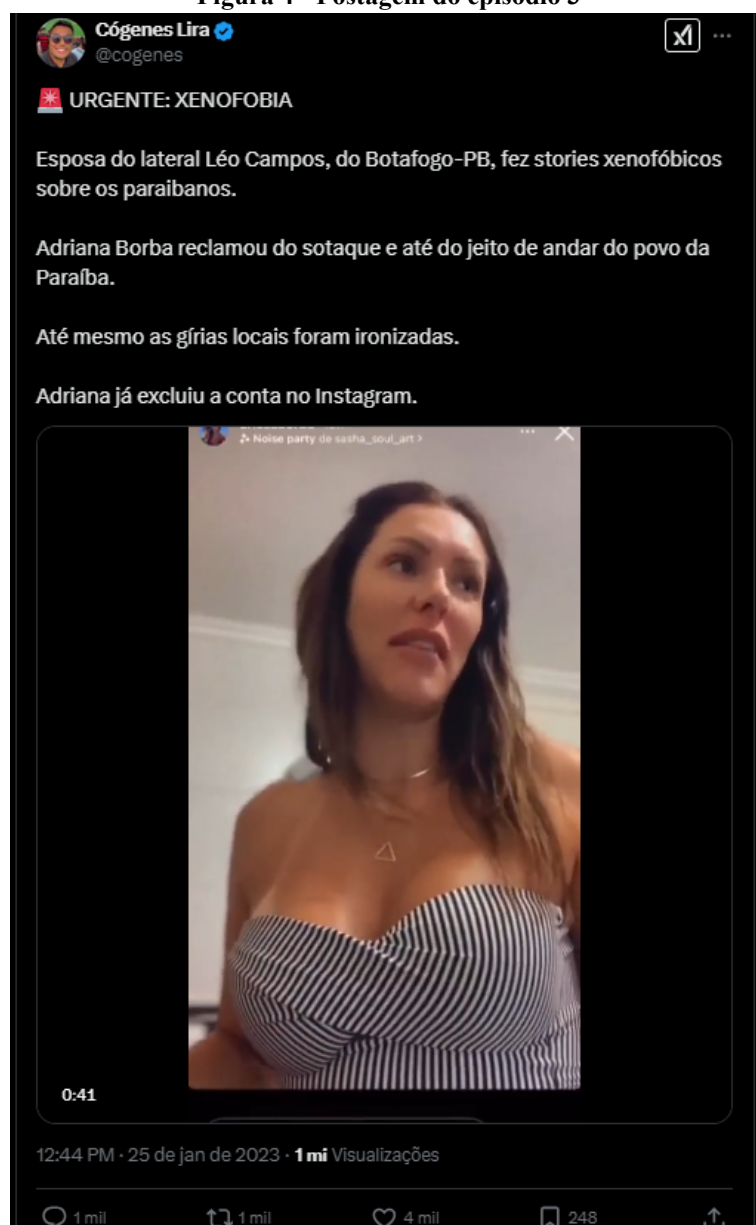
⁴⁰ Disponível em: <<https://x.com/cogenes/status/1618273658778292224>>. Acesso em 12 fev, 2025.

⁴¹ Disponível em: <<https://x.com/cogenes/status/1618420155603877891>>. Acesso em 13 fev, 2025.

⁴² Disponível em: <<https://x.com/cogenes/status/1618637840707104769>>. Acesso em 13 fev, 2025.

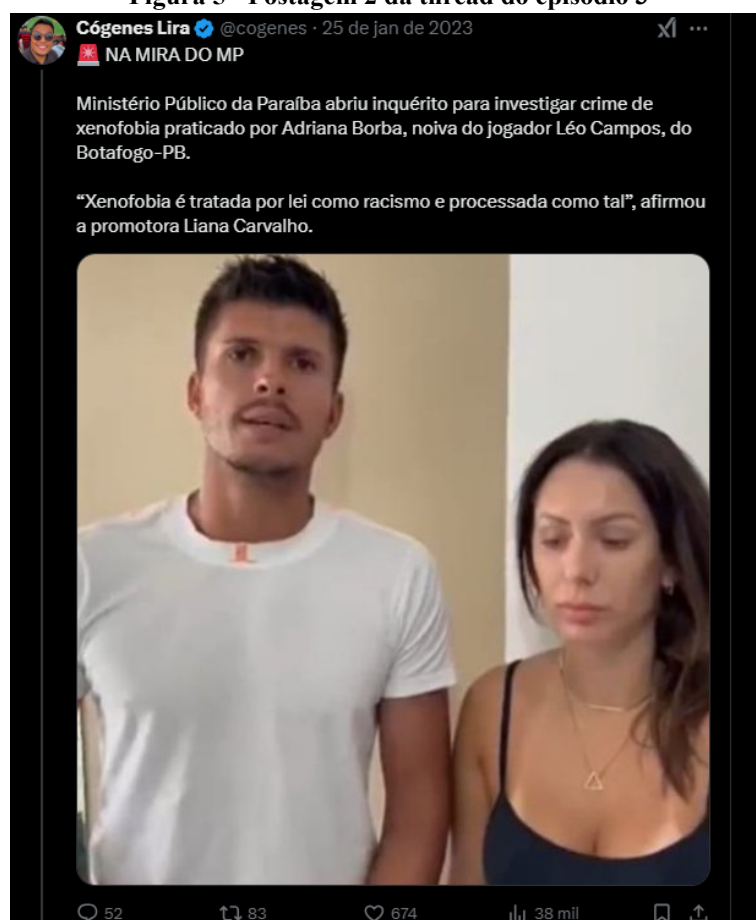
⁴³ Disponível em: <<https://x.com/cogenes/status/1618741316866932736>>. Acesso em 13 fev, 2025.

Figura 4 - Postagem do episódio 3



Fonte: X (2025).

Figura 5 - Postagem 2 da thread do episódio 3



Fonte: X (2025).

Figura 6 - Postagem 3 da thread do episódio 3



Fonte: X (2025).

Figura 7 - Postagem 4 da thread do episódio 3



Fonte: X (2025).

A coleta identificou 1.747 respostas às quatro postagens — são, portanto, 1.750 ao post inicial, das quais três foram feitas pelo próprio Cógènes Lira na thread. Foram excluídos 367 comentários por serem incompreensíveis (193), discussões sobre outros temas (99) ou brigas e xingamentos sem nenhum tipo de ligação clara com o debate original (99). Dos 1.380 restantes, 197 (11,2% do total de 1.747) têm alguma defesa, direta ou indireta, a Adriana

Borba, àquilo que ela disse ou às ideias que ela representou no vídeo. É nesse recorte que se concentra a análise, a partir de nove categorias identificadas.

Tabela 5 - Categorias de análise do caso 3

Categoria	Descrição	Exemplos	Comentários
1. Minimização/negação da xenofobia	Negam que as declarações de Adriana Borba tenham sido xenofóbicas ou, em última instância, minimizam a gravidade das falas.	“Isso ã é xenofobia, são relatos. Mimimi da porra!” “Xenofobia é o caralho”	115
2. “Xenofobia reversa”	Argumentam que não faz sentido tratar a declaração de Adriana Borba como xenofobia se não tratarem declarações de nordestinos sobre Sul e Sudeste da mesma forma.	“Engraçado que vejo uns debochando dos Cariocas. Seria também xenofobia.” “Engraçado é ler os comentários xenofobicos sobre os catarinenses! Pior ou igual a imbecil aeec...”	48
3. Argumento do humor	Minimizam a declaração argumentando que se tratava apenas de uma brincadeira.	“Q legal essa moça! Acho que ela fez uma paródia da vida dela em JP. Nada de mais! É só rir!” “Ela precisa ter carterinha de stand up pra fazer isso e ser considerado "piada"?”	21
4. Ataque regional	Atacam diretamente o Nordeste, o povo e/ou os clubes nordestinos. Frequentemente, acionam estereótipos negativos sobre a região.	“Sotaque de paraíba é nojento mesmo. Vocês deveriam passar por uma grande transformação cultural” “Vai arrumar alguma coisa pra fazer gente. Vcs tão parecendo baianos”	18
5. Liberdade de expressão	Defendem a declaração com base na suposta “liberdade de expressão”.	“Opinião dela, não vi nada demais” “Deixe o povo se expressar sem ser censurado ou viciado. Geração Nutella e fogo! Perdedores !”	17
6. Argumento da verdade	Defendem Adriana	“Errada ela não tá	15

	Borba ao dizerem que ela “só falou a verdade” ou ao concordarem com coisas ditas por ela.	😂😂😂😂” “Também tenho ranço de quem arrasta chinelo, parece idiota, na moral”	
7. Argumento da geolocalização	Apoiam-se em morar ou ser do Nordeste como argumento para concordar com Adriana Borba.	“Sou paraibano e tbm não gosto” “Sou nordestino não acho que as pessoas devam ser obrigadas a gostar do sotaque nordestino e nem obrigadas a gostar das manias das pessoas”	12
8. Crítica a torcedores/nordestinos	Argumentos que não necessariamente concordam com Adriana Borba, mas que mantêm o alvo no nordestino. Criticam nordestinos de forma geral, nas formas de torcer ou mais especificamente por elogiarem Sul e Sudeste.	“Acho que João Pessoa é a cidade do Nordeste que mais paga pau pra sudestino/sulista, e só leva dessas..”	6
9. “Cultura do cancelamento”	Criticam as reações à fala de Adriana Borba ao classificá-los como “cultura do cancelamento”, sem necessariamente concordar com a influenciadora.	“Cultura do cancelamento. É apenas uma pessoa fútil fazendo comentários maldosos sobre as pessoas” “As pessoas acham que destruir completamente a vida de uma pessoa que falou umas merdas na Internet é lindo. Vocês estão doentes”	5

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A categoria mais recorrente é a que engloba comentários que minimizam a declaração ou negam que tenha ocorrido xenofobia. Das 197 respostas, 115 (58,3%) se encaixam neste grupo. Aqui, aparece uma ampla diversidade de sentidos, dialogando com outros conjuntos de categorias. Há posts que classificam como “mimimi” ou ironizam a forte repercussão negativa das declarações, lamentam que o Ministério Público esteja “perdendo tempo” com o caso, que a fala não foi “nada demais”, que Adriana Borba estava apenas desabafando, além de ataques ao jornalista Cógenes Lira por ter classificado o episódio como xenofobia.

Em seguida, uma categoria que desafia a lógica da opressão: “xenofobia reversa”, com 48 posts (24,3%). Trata-se de um conjunto de comentários que tentam inverter o caminho do

ódio. Diz-se, por exemplo, que não haveria tanta comoção se as falas da catarinense Adriana Borba sobre a Paraíba tivessem sido ditas por nordestinos a respeito de estados do Sul ou do Sudeste.

Neste episódio específico, esse debate se amplifica e gera diversas conversas e discussões. Inconformadas, muitas pessoas questionam, reagem e criticam Adriana Borba nos comentários — muitos desses, aliás, são machistas e misóginos, tratando da aparência, a exemplo do que ocorreu no caso de Ângela Machado. Alguns deles apontam o fato de a personal trainer ter nascido em Santa Catarina como “explicação” para as falas xenofóbicas. Neste momento, há uma reação daqueles que dizem que “nem todo catarinense” é xenofóbico ou, em última instância, afirmam que as críticas ao estado do Sul também é xenofobia.

Especialmente no segundo argumento, nota-se que se trata de uma estratégia não apenas de contra-argumentação, mas, em muitos momentos, de ironia para minimizar o incômodo pelas declarações de Adriana Borba. São comentários como: “essa é a xenofobia do bem”; “Eu nem acho assim tão grave, sou de SP e quando fui visitar minha família no Ceará virei motivo de piada pelo meu sotaque”; “Qdo fui ao nordeste cansaram de zoar meu sotaque e tds levaram numa boa”. Evidentemente, cada situação deve ser analisada individualmente, com as especificidades que a cercam, mas, como argumentaram Schafer, Leivas e Santos (2015), o discurso de ódio é assim classificado apenas quando direcionado a grupos vulneráveis e não aos hegemônicos em determinados contextos.

O argumento do humor é o terceiro mais acionado (21 comentários, ou 10,6%). Assim como visto anteriormente, o riso aparece como justificativa para as declarações xenofóbicas. Basicamente, diz-se que Adriana Borba estava apenas brincando ao falar o que disse no vídeo e, por isso, não deveria ser levada tão a sério. Do total de respostas que compõem este grupo, 16 estão associadas à categoria 1 (minimizam/negam xenofobia), o que indica que o humor é tratado como uma espécie de atenuante para o que quer que seja dito.

Os ataques regionais diretos ao Nordeste e/ou aos nordestinos aparecem na quarta categoria mais acionada (18 comentários, 9,1%), com uma série de estereótipos reforçados: “Bom mesmo deve ser viver de bolsa família!”; “Sotaque de paraíba é nojento mesmo. Vocês deveriam passar por uma grande transformação cultural”.

A discussão sobre liberdade de expressão também ganha espaço neste caso, com 17 comentários (8,6%) que argumentam que Adriana Borba apenas compartilhou a opinião dela. A seguir, com 15 (7,6%), aparece o argumento da verdade, que somente reitera as frases ditas pela personal trainer. Este grupo é seguido pelo argumento da geolocalização (12, ou 6%), sob

a ótica de que nordestinos teriam uma espécie de “passe livre” para falar qualquer coisa a respeito da região.

Completam a lista as categorias “crítica a torcedores/nordestinos” (com seis posts ou 3%) e “cultura do cancelamento” (com cinco posts ou 2,5%). No primeiro grupo, aparecem as mensagens que não necessariamente endossam as falas de Adriana Borba, mas mantêm o Nordeste no alvo. Aqui, são atacados aqueles que nasceram na região e elogiam estados ou mesmo torcem por times de Sul e Sudeste. Além disso, outra discussão que apareceu foi sobre rixas entre torcedores da capital João Pessoa e a interiorana Campina Grande, ambas na Paraíba.

No caso da categoria “cultura do cancelamento”, também não há necessariamente um amparo direto à influenciadora. Este argumento é no sentido de criticar as reações negativas à fala de Adriana Borba — ou seja, é uma defesa indireta. Diz-se aqui que os comentários que criticam a personal trainer são desproporcionais e graves: “As pessoas acham que destruir completamente a vida de uma pessoa que falou umas merdas na Internet é lindo. Essa cultura do ódio vai buscar vocês em casa. Todo mundo faz alguma merda na vida”.

5.4 Caso 4: Santos x Ceará: racismo e xenofobia lado a lado

Em 17 de outubro de 2019, o Santos venceu o Ceará por 2 a 1, na Vila Belmiro, na cidade paulista de Santos, pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro. O zagueiro Gustavo Henrique e o atacante Eduardo Sasha marcaram os gols do time da casa, enquanto o meio-campista Lima descontou para os visitantes.

A partida era importante para os rumos da competição. Afinal, a vitória santista mantinha o time na disputa contra o líder Flamengo (que viria a ser campeão) e o vice-líder Palmeiras pela liderança da Série A. Por outro lado, o Ceará continuava ameaçado de rebaixamento — possibilidade da qual se afastou totalmente apenas na última rodada, que decretou a queda do Cruzeiro.

O resultado daquele importante jogo, contudo, dividiu o protagonismo do noticiário esportivo com o episódio que dá origem ao quarto caso em análise neste estudo, que se encaixa nas categorias “repulsão” e “racismo/intolerância religiosa”. O relógio apontava 44 minutos do segundo tempo quando a repórter Aline Nastari relatou, durante a transmissão da TNT Sports, ter ouvido torcedores do Santos direcionarem ofensas racistas e xenofóbicas contra jogadores do Ceará. O placar já mostrava os 2 a 1 a favor do Santos.

A situação para os jogadores do Ceará aqui no banco de reservas está bem complicada. A gente sabe que a pressão aqui é grande, mas tem uns torcedores que, de certa forma, até perderam a mão de forma preconceituosa, um preconceito até racista nas coisas que gritaram. E acabaram tirando os jogadores do Ceará um pouco do sério, tanto o Fabinho, quanto o Thiago Galhardo, dizendo, por exemplo, que jogador do nível deles ‘tem que jogar no Norte’. O Thiago até respondeu, dizendo que eles precisam estudar geografia, pois o Ceará é do Nordeste. O presidente aqui da partida (sic) teve que vir até aqui no banco de reservas para pedir para o torcedor se acalmar, porque realmente eram insultos preconceituosos, tanto para o lado do racismo, quanto regional (Nastari, 2019).

O episódio desencadeou uma série de reações de lado a lado. Após a partida, o volante Fabinho e o meia-atacante Thiago Galhardo, mencionados pela repórter na transmissão, lamentaram o ocorrido. O segundo, aliás, detalhou em entrevista à TNT Sports as ofensas que ouviram das arquibancadas da Vila Belmiro.

Acho que eles vêm ver o espetáculo, espetáculo bonito, parabéns pela vitória do Santos... Mas o cara querer menosprezar o Fabinho, menosprezar a mim, fazer ato racismo para ele, chamar de negão e vagabundo. O futebol perde a essência, o brasileiro tem que se controlar mais. O cara beber, xingar a gente... Acho que ele tinha que estudar mais. Falar que o Ceará joga no Norte... Ou eu não entendo muito, acho que estudei de sacanagem (Galhardo, 2019).

Fabinho, por sua vez, usou a mídia social Instagram para se pronunciar, já no dia 18 de outubro⁴⁴. Na postagem, ele diz que as ofensas partiram de um só torcedor e não de “torcedores”, no plural, como havia relatado a repórter na transmissão. O jogador, então, pediu ajuda para identificar o responsável pelo ataque.

Venho expressar meu sentimento de tristeza e revolta não contra o @santosfc e os demais torcedores santistas, mas sim contra uma pessoa que foi muito infeliz em seus insultos como foi presenciado pelo @tgalhardo a repórter @alinenastari e seus companheiros de transmissão. Estou no futebol profissional a 14 anos (sic), e já vivi diferentes circunstâncias que faz parte do futebol, todas as vezes que um time joga fora de casa é normal os torcedores dos times rivais nos provocar, tentar nos intimidar, tirar nosso foco tudo isso é normal, embora alguns ainda passam do ponto. Mas ser xingado de (Negão vagabundo enfia o dedo no C#%# desse negão), isso não é normal, eu sou chamado de negão por amigos, mas com uma intensão totalmente diferente desse cara q se diz torcedor, e ainda menosprezar a cultura Nordestina isso é ainda pior. Sou Marido de uma nordestina, sou Pai de uma nordestina tenho amigos nordestinos represento dando a vida dentro de campo um dos maiores clubes do Nordeste, e não aceito como normal uma atitude como essa com o povo guerreiro do Nordeste, inadmissível isso. Não tem cabimento em pleno século 21 uma atitude como essa de racismo e xenofobia, isso não cabe mais no meio do esporte, assim como em todas as outras áreas do nosso País, e ainda mais em um esporte de tamanha grandeza como o futebol. Um esporte que tem uma grande influência na vida de muitas crianças, jovens e adolescentes. Somos conhecidos como o País do futebol uma paixão imensurável pelo povo Brasileiro onde atitudes como essas

⁴⁴ Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B3xNZCJgSrN/?utm_source=ig_embed&ig_rid=597ce40a-cc32-4b7c-8b9f-38ae4dddce62>. Acesso em 6 mar, 2025.

merecem as suas devidas atenções. Espero que os órgãos responsáveis por esse tipo de atitude encontre esse cara e que ele arque com as consequências dos seus atos. Espero que o próprio torcedor santista ajude a identificar esse cara que com sua atitude não representou a torcida e o clube do Santos FC onde seus maiores ídolos são Negros!!! Para uma melhor identificação, esse cara estava sentado do lado esquerdo no nosso banco de reservas assim como estou sinalizando na foto postada. Agradeço a todos pelas msgs recebidas Tmj! (Fabinho, 2019)

Figura 8 - Postagem de Fabinho



Fonte: Instagram (2019).

No mesmo dia, o Santos se posicionou por meio de nota oficial.

Qualquer ato de preconceito e xenofobia é absolutamente repugnante e inaceitável. Diante dos relatos passados por alguns veículos de comunicação, o Clube está investigando e irá tomar as providências cabíveis frente a quaisquer casos dessa natureza. O repúdio absoluto a atos de discriminação faz parte da identidade do Santos Futebol Clube (Santos, 2019).

O Ceará, por sua vez, também se manifestou em nota, no dia 18.

O Ceará Sporting Club repudia os atos racistas e xenofóbicos, e se solidariza com os jogadores alvinegros. Sabemos que as atitudes de pessoas como essas não refletem o pensamento da massa santista. Que estes atos sejam extintos do futebol. Estamos tomando as devidas providências (Ceará, 2019)

Ainda no dia 18, Fabinho relatou em entrevista coletiva ter recebido uma ligação do então presidente do Santos, José Carlos Peres, que repudiou as falas do agressor. O jogador disse aos jornalistas que não tinha a intenção de processar o clube paulista, nem o responsável pelas ofensas. Para ele, bastaria identificá-lo: “Eu acho que o próprio constrangimento a que ele está sendo exposto vale mais que um processo judicial” (Fabinho, 2019)⁴⁵.

O árbitro Ricardo Marques Ribeiro (Fifa/MG) não relatou as ofensas na súmula, documento oficial das partidas de futebol, usado como prova em julgamentos conduzidos pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD)⁴⁶. Não foram encontrados registros sobre o episódio no site do órgão, responsável por denunciar (procuradoria) e julgar episódios como esse. Tampouco há notícias de que o agressor tenha sido identificado.

O caso repercutiu nas mídias sociais. Para encontrar a postagem mais comentada, utilizou-se na busca combinações das palavras-chave “Santos”, “Ceará”, “racismo”, “xenofobia”, “preconceito” e “Vila Belmiro” para publicações com ao menos 300 comentários. Identificou-se, então, um post feito pela página da TNT Sports (@TNTSportsBR) às 21h05 do dia 19 de outubro de 2019⁴⁷. Trata-se do vídeo de 37 segundos com o relato da repórter Aline Nastari sobre o caso, acompanhado de uma legenda que lamenta o ocorrido.

Por meio da plataforma Export Comments, foram identificados e organizados em uma planilha 722 comentários em resposta à publicação. Destes, 371 foram descartados: 151 por serem exclusivamente de combate ao preconceito, 109 por terem significado dúbio ou incompreensível, 55 por serem brigas e/ou xingamentos sem relação clara com o debate principal e 56 por tratarem de temas com pouca relação com o episódio. Restaram, portanto, 347 respostas, que foram devidamente categorizadas e analisadas — 82 delas, aliás, contrapõem o discurso odioso, mas foram mantidas no corpus final pois contêm também outros sentidos.

Diferentemente dos outros três episódios, este caso, que mistura racismo e xenofobia, tem pouquíssimos comentários que defendem claramente as ofensas ou o ofensor. São apenas 15 mensagens nesse sentido (2% do total de 722), que se encaixam em seis categorias:

⁴⁵ Disponível em:

<<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/apos-sofrer-injuria-racial-fabinho-revela-pedido-feito-a-presidente-do-santos-e-nega-processar-agressor.ghml>>. Acesso em 6 mar, 2025.

⁴⁶ Disponível em: <<https://conteudo.cbf.com.br/sumulas/2019/142255se.pdf>>. Acesso em 6 mar, 2025.

⁴⁷ Disponível em: <<https://x.com/TNTSportsBR/status/1184983759445204992>>. Acesso em 6 mar, 2025.

argumento da geolocalização, argumento do humor, liberdade de expressão, minimiza/nega xenofobia/racismo, ataque ao Nordeste e xenofobia reversa.

Figura 9 - Postagem do episódio 4



Fonte: X (2019).

É difícil apontar com exatidão os motivos pelos quais há tão poucos comentários que corroboram o discurso de ódio neste caso específico, enquanto nos outros três episódios eles aparecem aos montes. Conforme já apontado no capítulo do desenho metodológico, algo semelhante foi notado também em outras ocorrências em que a xenofobia contra o Nordeste aparece junto ao racismo — a exemplo do caso das ofensas contra jogadores do Bahia por

parte de torcedores do Azuriz, em 2022, descartado na análise justamente por conta das raras respostas que reforçam a manifestação odiosa.

Uma hipótese é que o racismo, embora ainda muito vivo e evidente, é um crime cujo combate está mais consolidado que a xenofobia tanto na sociedade, quanto na Justiça brasileiras. De todo modo, a análise dos comentários odiosos à postagem deu origem à seguinte tabela analítica.

Tabela 6 - Categorias de análise do caso 4

Categoria	Descrição	Exemplos	Comentários
1. Minimização/negação da/do xenofobia/racismo	Negam que os ataques do torcedor tenham sido xenofóbicos ou agressivos; em última instância, minimizam ou contemporizam o episódio.	“Minha opinião, sempre teve isso o futebol tá muito mimimi Tá foda O futebol.”	12
2. Liberdade de expressão	Defendem os ataques com base na suposta “liberdade de expressão”.	“Daqui um tempo vai ser proibido cantar nos estádios, pq o adversário não gosta. Lembro que proibiram musica da TOC (Torcida Organizada Cearamor, do Ceará)”	4
3. Argumento do humor	Minimizam a declaração argumentando que se tratava apenas de uma brincadeira.	“Futebol é zoeira e espero pelo bem do espetáculo que continue assim.”	3
4. Argumento da geolocalização	Apoiam-se em morar ou ser do Nordeste para minimizar ou defender as ofensas.	“Sou torcedor do Ceará e isso é coisa de torcedor, todo mundo xinga o adversário, mesma coisa do Santos jogar no Castelão e a TOC cantar que a torcida do Santos cabe dentro de um fusca ou que ta no asilo.”	2
5. “Xenofobia reversa”	Argumentam que há preconceito também do Nordeste ou dos nordestinos contra populações de outras regiões do país.	“Isso n da o direito dos nordestinos serem preconceituosos com as outras regiões”	2
6. Ataque regional	Atacam diretamente o Nordeste, o povo e/ou os clubes nordestinos. Frequentemente, acionam estereótipos	“Geral sabe que os times do norte, nordeste são fracos mesmo ue”	1

	negativos sobre a região.		
--	---------------------------	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A maior parte dos comentários que reforçam o discurso de ódio se encaixa na categoria “minimização/negação da/do xenofobia/racismo”. São 12 no total, que correspondem a 80% dos 15 que defendem a ofensa e/ou o ofensor. Muitos desses posts apontam o estádio como um lugar onde esse tipo de ataque seria “permitido”, minimizando-o. “Estádio é lugar de festa, não de velório”, lê-se em uma postagem. Em tom de desaprovação, outros dizem que criticar o ofensor é mera “defesa do politicamente correto”: “Não encara a pressão, fica em casa”. Neste último caso, o preconceito é minimizado com um eufemismo ao tratar a xenofobia como “pressão”.

A segunda categoria com mais comentários (quatro, ou 26,6%) é a da “liberdade de expressão”, tipo de argumento que aparece nos quatro casos. São aquelas mensagens que, assim como no caso das que minimizam/negam xenofobia/racismo, veem os estádios como locais que dão passe livre para qualquer tipo de ofensa, por mais odiosa que possa ser.

Nesse mesmo sentido, aparece a categoria “argumento do humor”, que trata as ofensas como brincadeira: “Tem que zoar, querem calar as torcidas na marra pra ficar estilo Camp Nou”, diz um post, em referência ao estádio do Barcelona. São três comentários (20%) neste grupo.

O “argumento da geolocalização” (dois posts, ou 13,3%) aparece em casos em que alguém se utiliza de nascer ou viver no Nordeste como justificativa para poder defender o agressor ou a agressão. Em seguida, a “xenofobia reversa” (também com dois posts, correspondentes a 13,3%) engloba comentários que apontam um suposto preconceito do Nordeste ou dos nordestinos contra outras regiões do país, em especial Sul e Sudeste, invertendo a lógica da dominação por meio do discurso de ódio. Por fim, com apenas um comentário (6,6%), a categoria “ataque regional”. Nela, enquadra-se uma resposta em que há uma crítica direta ao futebol nordestino ou à própria região.

5.4.1 Discussões extras

Este episódio desencadeou uma série de outras discussões extras à ocorrência central. Embora não necessariamente corroborem ou combatam diretamente o discurso de ódio proferido pelo torcedor do Santos, são relevantes para o debate, uma vez que indicam como reagiu a maior parte das pessoas que comentaram no post da TNT Sports. Muitos evitaram o tema principal — ou, de alguma forma, recorreram até a ironias — ou partiram para defesas

veementes do clube do coração, ainda que este estivesse associado a episódios prévios de racismo ou xenofobia. Houve também um intenso debate sobre os torcedores mistos, impulsionado por situações ocorridas nos dias que antecederam o caso na Vila Belmiro.

Ao todo, 339 comentários tratam sobre outros temas e que neste caso específico foram mantidos na análise por, de alguma maneira, dizerem respeito indiretamente à discussão principal sobre xenofobia e racismo.

A diferença para os 56 previamente descartados é que os que permaneceram no corpus têm relação mais clara com o debate sobre xenofobia/racismo contra o Nordeste. Trata-se de uma estratégia analítica utilizada unicamente neste caso, especificamente por conta da singularidade dele em comparação com os outros três (menor número de comentários odiosos e discussões extras que contribuem indiretamente com a análise). Portanto, para não se perder tamanha carga simbólica, relevante para os objetivos desta pesquisa, optou-se por mantê-los e agrupá-los em cinco categorias.

Tabela 7 - Categorias de análise paralelas do caso 4

Tema	Exemplos	Número de comentários
1. Torcedores mistos	“E eu pensando que o problema eram os mistos no nordeste... K k k”. “Cada um torce pra quem quiser, mas que invadiram á cultura nordestina , através das rádios principalmente do Rio de Janeiro, e quase fizeram um estrago de perda da identidade do povo nordestino...Há fizeram!!!”.	173
2. Grêmio	“No aguardo dos torcedores do santos pedir a exclusão do clube da competição assim como fizeram com o grêmio aquela vez”. “O mais legal são os torcedores do Grêmio tentando justificar o racismo da própria torcida. Bando de mau caráter, safados. 🔥”.	91
3. “Nem todo santista...”	“2 pessoas cometem um ato totalmente racista, e nossa torcida toda leva a culpa Xenofobicos, com grande parte do elenco é nossa comissão técnica sendo estrangeira”. “Vai punir o Santos por causa de um bêbado otário?”	49

	“Sou santista, é sinto vergonha dessas pessoas que fazem isso, lamentável esses infelizes não representam o santos e nem nossa torcida, que sejam identificados e punidos e não voltem mais ao estádio. #preconceitonaó”.	
4. Rio Grande do Sul	“Tinha que ser no SUL , bando de preconceituosos. Racistas, Deturpadores de minorias...” Opa, pera aí...”. “Porque vocês são racistas. Tu realmente não consegue entender o porquê de ter mais racistas e xenofobicos no rio grande do sul ao invés da Bahia, por exemplo?”.	28
5. Imprensa	“Vamos ver se amanhã isso pautará os debates esportivos...”. “Mas pra @maurocezar o problema é a torcida do Fortaleza alfinetando o mengão dele 😭😭”.	21

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A discussão sobre os chamados “mistos” (que torcem ao mesmo tempo por um time do Nordeste e um de outra região do Brasil, fundamentalmente Sudeste) ganhou força nos últimos anos, tanto entre torcedores, quanto na academia. Esse debate apareceu em outros dois episódios da análise (Adriana Borba e Ângela Machado), na categoria “crítica a torcedores/nordestinos”, e teve influência significativa na movimentação de comentários em resposta ao post da TNT Sports sobre o discurso de ódio contra os jogadores do Ceará.

Em 16 de outubro de 2019, um dia antes do episódio na Vila Belmiro, o Fortaleza lançou uma campanha contra torcedores mistos. A lanchonete Cantina 1918, ponto de encontro de tricolores na capital cearense, retirou do cardápio a pizza de sabor misto, sob o slogan: “Mista nem a pizza”⁴⁸.

Em homenagem aos torcedores de verdade, vamos tirar o sabor “misto” do cardápio esta semana. As demais pizzas continuam a partir de R\$ 19,18, porque você pode torcer para quem quiser, até para o rival. Mas que o seu coração tenha um único dono (Fortaleza, 2019).

⁴⁸ Disponível em: <<https://x.com/CopaDoNordeste/status/1184242550523207681>>. Acesso em 7 mar, 2025.

Figura 10 - Postagem da Copa do Nordeste sobre torcedores mistos



Fonte: X (2019).

A ação valeu apenas naquele dia, para o jogo contra o Flamengo, no estádio Castelão, em Fortaleza. E não parou por aí. Torcedores organizaram um mosaico, com apoio do então treinador do clube, Rogério Ceni, em provocação aos mistos. Inicialmente, as peças expostas nas arquibancadas mostravam o Cristo Redentor, símbolo do Rio de Janeiro, com a camisa do Flamengo; em seguida, o uniforme rubro-negro caía e dava lugar ao do Fortaleza. Em campo, os cariocas levaram a melhor com a vitória por 2 a 1, pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro.

A campanha do Fortaleza repercutiu fortemente entre torcedores, nas redes sociais e nos veículos de comunicação, inclusive os sediados no Sudeste. O debate dividiu opiniões e continuou a reverberar nos dias seguintes, muito em função do episódio de racismo e xenofobia contra os atletas do Ceará na Vila Belmiro. Os anti-mistos reforçaram o posicionamento diante de um novo caso de preconceito contra o Nordeste, enquanto uma outra parcela defendeu que cada um pode escolher para qual time torcer, impulsionada pela hashtag #FutebolSemPreconceito, ao apontarem um suposto preconceito (ou mesmo xenofobia, para alguns) contra nordestinos que torcem por clubes de fora da região.

O contexto é importante para entender por que a categoria mais presente no post da TNT Sports sobre o episódio na Vila Belmiro é a discussão entre pró-mistos e anti-mistos. Esse debate aparece em outros episódios analisados nesta pesquisa, mas sem a mesma preponderância. Nesse contexto, foram 173 comentários na categoria, com 119 críticos e 54 em defesa aos mistos.

Muitas críticas aos mistos se apegam ao episódio ocorrido na Vila como justificativa para não torcer para clubes do Sul ou Sudeste. “Toda vez que vejo cenas como essa (e elas acontecem com muita frequência), penso que o nordestino que torce pro eixo é como a formiga que torce pro dedetizador”, diz um comentário. “Essa é para todos aqueles que são contra o combate à cultura de nordestino torcer para times de regiões que vivem discriminando o nosso povo”, lê-se em outro.

Por outro lado, boa parte das defesas aos mistos (ou a nordestinos que torcem exclusivamente por uma equipe de fora da região) se limita à discussão sobre por qual time torcer, sem fazer referência ao episódio na Vila. “Sou nordestino sou flamenguista de berço, minha família nasceu no Ceará, Pernambuco, cada um tem livre escolha para torcer para quem quiser, minha família toda é flamenguista e com orgulho”, pontua um.

A seguir, outra categoria bastante recorrente engloba comentários que fazem menção ao Grêmio. Foram 91 ao todo: 21 de ataque ao clube, 66 de defesa e quatro considerados neutros ou meramente informativos, sem clara tendência a um dos lados.

Em um primeiro momento, o Grêmio nada tem a ver com o episódio que envolve Santos e Ceará na Vila Belmiro. Contudo, o clube gaúcho foi muito citado no debate por conta de um episódio anterior de racismo, que ficou na história do futebol brasileiro.

Em 28 de agosto de 2014, o goleiro Aranha, à época no Santos, foi vítima de racismo durante uma partida contra o Grêmio⁴⁹. A equipe paulista venceu por 2 a 0, pela partida de ida das oitavas de final da Copa do Brasil, e durante o jogo torcedores do clube gaúcho direcionaram várias ofensas raciais ao jogador. Câmeras do canal de televisão ESPN flagraram a gremista Patrícia Moreira chamando o atleta de macaco, enquanto outros imitavam o animal e gritavam “preto fedido”⁵⁰. O episódio repercutiu fortemente na época. O STJD, então, decidiu por uma punição inédita no futebol brasileiro, que acarretou a eliminação do Grêmio do torneio.

Então, o caso foi lembrado por muitos nos comentários ao episódio em Santos x Ceará, também pelo fato de envolver o clube paulista, que de vítima passou a agressor, na visão destes. Algumas mensagens, aliás, ironizaram o caso ocorrido em 2014 ou o próprio Aranha: “Vai haver punição ao Santos????? Tô me lembrando de um certo grito histérico com um certo goleiro chamado Aranha”, diz um. “As reincidências das torcidas com relação ao racismo/preconceito sempre acabam morrendo. A mídia não dá sequência, todo mundo esquece e no fim das contas o racismo sobra todo na conta do @Gremio”, pontua outro. “Punição contra atos racista, só se for contra o Grêmio”, afirma um terceiro.

As mensagens com claro teor clubista muitas vezes aparecem disfarçadas de combate ao racismo: “Cade a CBF tirando 3 pontos do Santos com a jurisprudência do Grêmio???” questionou um desses, que cobra uma punição ao clube paulista sem nem ao menos mencionar as ofensas, mas unicamente lembrando do caso gremista.

Por outro lado, as mensagens de ataque ao Grêmio e/ou aos gremistas são em menor quantidade, mas fazem referência ao episódio de racismo contra Aranha e outros registrados anteriormente. “Não é só por esse caso (Aranha) que tacham os gremistas de racistas”, diz um. “Já não bastam os Gremistas”, pontua outro.

Do outro lado do debate, a defesa ao clube de coração também foi muito recorrente. Foram 49 comentários na categoria “nem todo santista...”. Basicamente, este grupo agrega as mensagens que defendem que o responsável pelo discurso de ódio contra os jogadores do Ceará não representa a totalidade da torcida do Santos.

Há uma variedade de sentidos acionados nessa categoria. Dos 49 comentários, quase a metade (23, ou 46,9%) tem intersecção com a categoria “combate racismo/xenofobia”.

⁴⁹ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio.a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em 7 mar, 2025.

⁵⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/deportes/1409847233_297463.html>. Acesso em 7 mar, 2025.

Portanto, são posts que não negam a gravidade do discurso de ódio, mas ao mesmo tempo apontam que aquele tipo de comportamento não deve ser associado ao Santos ou à maioria da torcida. “Se tem idiotas na torcida, a culpa não é do clube nem da grande maioria dos torcedores”, pontua um.

No entanto, há também aqueles comentários que defendem o Santos e a torcida e reforçam o discurso de ódio. Foram quatro com intersecção com a categoria que minimiza/nega xenofobia/racismo, a exemplo deste: “Isso aí não representa absolutamente nada da torcida inteira, foi um bêbado fudido q fez isso”, diz um, ao minimizar a gravidade do caso associando-o à suposta embriaguez do ofensor.

O que se vê aqui, tanto nas mensagens sobre o Grêmio, quanto naquelas sobre o Santos, é que a preocupação não é combater o racismo ou a xenofobia, mas sim defender o clube do coração.

A quarta categoria extra conta com 28 comentários e diz respeito a conversas sobre o Rio Grande do Sul e, em última instância, à região Sul como um todo, que ainda conta com os estados de Santa Catarina e Paraná. O debate é trazido à tona a partir de acusações de que esta parte do país seria um ambiente com mais episódios de racismo do que outras.

Assim, há aqueles que reforçam o ataque ao Rio Grande do Sul, com 12 comentários, do tipo: “Vocês do sul são racistas e xenofóbicos” e “Tu realmente não consegue entender o porquê de ter mais racistas e xenofóbicos no Rio Grande do Sul ao invés da Bahia, por exemplo?”. Em outro sentido, foram 16 mensagens que defendem o estado das acusações de racismo e, por vezes, reclamam de preconceito: “Sulista sofre preconceito sim, mais especificamente no RS. Vocês falam que no Sul todo mundo é nazista, racista e sla oq, mas vivem chamando gaúcho de viado... hipocrisia” e “Preconceito é estigmatizar todo gaúcho de preconceituoso. Isso é preconceito e xenofobia”.

Por fim, há uma última categoria que faz menção ao jornalismo. Foram 21 mensagens nesse grupo: 18 com ataques ou cobranças à imprensa, um em defesa e dois tidos como aparentemente neutros ou meramente informativos, sem pender para nenhum dos dois lados. Os ataques, parcela mais representativa deste grupo, fazem menção a outros debates. Há aqueles que cobram o jornalismo para que o caso ocorrido na Vila Belmiro não seja esquecido. Ainda foi possível identificar um número significativo de posts com reclamações exclusivas ao jornalista Mauro Cezar Pereira, que naquela semana havia criticado a campanha do Fortaleza contra torcedores mistos. Após o episódio em Santos x Ceará, houve uma espécie de contra-ataque: “Vem aprender o que é preconceito de verdade e para de postar besteira na internet, @maurocezar”, diz uma das mensagens.

5.5 Apontamentos sobre o ódio xenofóbico contra o Nordeste no futebol

Em programas de rádio e TV, nas mídias sociais ou nas arquibancadas; pelas vozes e textos de jogadores, técnicos, árbitros, comunicadores, dirigentes ou familiares de atletas; em contextos raciais, econômicos, políticos, eleitorais ou estritamente esportivos; contra jogadores, clubes e estados específicos ou a região como um todo. Como vimos, são diversas as formas de manifestação do ódio contra o Nordeste no ambiente do futebol.

Essa complexa dinâmica reforça aquilo que já é dito sobre o ódio contra o Nordeste em diferentes contextos, como vimos em trabalhos anteriormente citados: a xenofobia é multifatorial. Ou seja, baseia-se em um conjunto interseccional de opressões baseadas em aspectos como raça, localização geográfica e classe. Aliás, é indispensável considerar o projeto econômico de país que, historicamente, desmantelou a região, criou e acentuou eventuais disparidades financeiras em comparação especialmente com Sudeste e Sul.

Essa variedade de cenários possíveis origina episódios de xenofobia com características e reverberações próprias. Casos ocorridos em estádios se diferem daqueles registrados em mídias sociais ou programas de TV. Não apenas o “onde”, mas o “quem” também importa: o discurso de ódio partiu de torcedores, jornalistas, dirigentes, jogadores? Qual foi a repercussão daquele caso? De que forma as pessoas — e, em especial, órgãos reguladores como o STJD ou mesmo a Justiça comum — reagiram? Não há como prever respostas concretas a cada uma dessas perguntas, afinal, o contexto e a reação dos envolvidos pesam para esse entendimento.

Essas especificidades complexificam qualquer análise estruturada da xenofobia e tornam sinuosos os caminhos em busca dos objetivos centrais deste estudo. Ainda assim, são perceptíveis os pontos de interseção entre os quatro episódios analisados — e são eles que dão sustentação aos achados da pesquisa. Mesmo com as peculiaridades de cada caso, há padrões simbólicos no reforço ao ódio contra o Nordeste. Determinados tipos de argumentos odiosos se repetem na maioria dos cenários, independentemente das respostas sobre “quem”, “quando”, “onde”, “contra quem” e “por quê”.

Basta notar a repetição de categorias. Três aparecem nos quatro episódios (“liberdade de expressão”, “xenofobia reversa” e “argumento da geolocalização”) e outras cinco estão em três episódios (“minimização/negação da xenofobia”, “argumento da verdade”, “argumento do humor”, “ataque regional” e “crítica a torcedores”). Esse é um claro indicativo de que o discurso de ódio contra o Nordeste está cristalizado e não se trata de uma agressão meramente individual ou pontual, mas coletiva.

Não à toa, os argumentos que reforçam a xenofobia se repetem em comentários feitos por pessoas diferentes, em momentos diferentes, contextos diferentes e casos diferentes. E, como visto na fundamentação teórica, é justamente essa dimensão coletiva (e não unicamente individual) da violência simbólica que caracteriza o discurso de ódio (Silva, 2016).

O reforço coletivo ao ódio nos episódios estudados não parece ser coordenado — ou seja, não há uma liderança ou movimento organizado que ordene os ataques naquele determinado momento —, mas a xenofobia contra o Nordeste está tão cristalizada em parte da sociedade que existe um repertório compartilhado de ofensas que dá certa homogeneidade aos argumentos.

Nesse sentido, um dos mais comuns é o que chamamos de “argumento da geolocalização”, que, em diferentes medidas, aparece em todos os episódios. É uma espécie de contra-ataque raso à noção de “lugar de fala”, conceito que embalou discussões recentes sobre feminismo negro e outros tipos de opressão. Nesses comentários, viver ou ter nascido no Nordeste aparece como uma espécie de “passe livre” para dizer qualquer coisa: “Se sou baiano, posso ofender a Bahia e o Nordeste. Afinal de contas, tenho ‘lugar de fala’, pois sou baiano!”. Esse movimento é bastante problemático, por vários fatores, entre eles o próprio reforço ao discurso de ódio. Além, é claro, de que não é possível assegurar que o que aquela pessoa diz nas mídias sociais é verdade ou se ela é, de fato, nordestina.

Ter nascido em determinado lugar ou fazer parte de um coletivo historicamente oprimido não lhe torna automaticamente autoridade em determinado assunto e, em última instância, não lhe faz representante dos interesses majoritários daquela coletividade.

A seguir, as discussões sobre “liberdade de expressão” também estão presentes nos quatro episódios e ganham contornos especificamente futebolísticos no último, o único entre os analisados a ocorrer em um estádio. O futebol é reconhecidamente um ambiente que valoriza um ideal de masculinidade do homem branco hétero e oprime minorias.

Nesse contexto, o estádio é o local onde tudo pode: das agressões físicas e sexuais às simbólicas. Portanto, torna-se um espaço ainda mais “seguro” para ataques xenofóbicos, sob o argumento de que se trata de um lugar de troca de provocações aparentemente inofensivas em nome da disputa esportiva.

Juridicamente e conceitualmente, a liberdade de expressão não é irrestrita e esbarra justamente no momento em que atinge outros direitos fundamentais. Como aponta Rotenburg (2015), há um entendimento que ela não deve servir de justificativa para violências simbólicas contra grupos minoritários, neste caso o Nordeste. Mesmo assim, é um termo usado com

frequência para corroborar posicionamentos como os de Domenico Gatto, Ângela Machado e Adriana Borba.

Outra discussão teórico-conceitual complexa apropriada de forma rasa por quem reforça o ódio é sobre o próprio termo “xenofobia”. Não foram raros os comentários que trataram de minimizar ou até de negar que tenham ocorrido as violências que originaram os casos estudados. Esse movimento apareceu especialmente em dois sentidos: o primeiro tentava descaracterizar a possibilidade de haver xenofobia entre pessoas de um mesmo país, numa espécie de “purismo” ao descrever o conceito, como se ele se tratasse apenas da aversão a estrangeiros, o que não se comprova na definição ampla do termo; já o segundo minimiza as ofensas ao ponto de classificá-las como “mimimi”, termo que se popularizou no Brasil nos últimos anos utilizado para qualificar pejorativamente reações supostamente exageradas de quem foi ofendido.

Aqui aparece um movimento bastante comum nos comentários que corroboram o discurso de ódio. Em várias categorias, há uma espécie de “transferência de culpa”. Todos os casos surgem a partir de uma declaração xenofóbica de alguém (ou de uma coletividade). Esse alguém, responsável inicial pelo ódio, aparece como o centro da discussão em um primeiro momento. Em reação, muitas mensagens de quem reforça a xenofobia transfere a culpa do ofensor para os ofendidos.

É nesse sentido que agem os comentários de quem minimiza a xenofobia e trata as reações dos ofendidos como “mimimi”. Simbolicamente, nesses casos, a culpa não é mais de quem foi xenofóbico, mas sim de quem foi violentado e reagiu ao ataque. Esse é um processo bastante comum também em outras categorias já mencionadas.

O argumento que se ancora numa suposta “xenofobia reversa” é uma delas. “Se somos chamados de ‘gado’ por apoiar Bolsonaro, então podemos chamá-los de ‘carrapatos’ por serem nordestinos lulistas”; “está tudo bem chamar os times do Nordeste de ‘lixo’ e ‘porcaria’, já que os comentaristas do programa fazem isso com clubes do Sudeste também”; “podemos ‘zoar’ o sotaque paraibano, já que vocês fazem o mesmo com o carioca”... Em todos esses exemplos fictícios, mas baseados em comentários reais coletados na pesquisa, também há o movimento de transferir a culpa aos ofendidos. Mais que isso, trata-se de um processo que supostamente iguala opressor e oprimido ao ignorar históricas questões sociais, políticas e econômicas que, como vimos, pesam contra o Nordeste na comparação com outras regiões do país.

A transferência de culpa também ocorre no “argumento do humor”. Nesses casos, os comentários minimizam a xenofobia ao tratá-la como uma brincadeira e responsabilizam o

ofendido por tê-la levado a sério e não ter tido a capacidade bem-humorada de compreendê-la como algo jocoso e supostamente inofensivo. Ao analisarem as estratégias online da direita em ascensão nos Estados Unidos, Phillips, Beyer e Coleman (2017) pontuam que a justificativa de que “eu estava apenas brincando” desvia a responsabilidade para a vítima, embora a única responsável seja a própria pessoa a fazer a suposta piada. Apesar de ser um contexto bastante distinto, essa análise parece se encaixar também no caso do Nordeste.

Isso, por sua vez, normaliza uma visão de mundo centrada no antagonista, na qual o agressor pode escolher seus próprios termos e afirmar qual seria a reação apropriada ao seu comportamento (...) Os antagonismos da alt-right — na verdade, quaisquer antagonismos — deveriam ser descritos em termos do impacto que têm sobre os alvos, não do que os antagonistas querem que as pessoas pensem (Phillips, Beyer e Coleman, 2017, tradução nossa).

O uso político do humor é um tema amplamente debatido pela academia e, ao longo de muito tempo, conformou-se como uma estratégia do campo progressista para desafiar estruturas de permanência de poder consolidadas. Contudo, como bem pontuou Chagas (2023), a brincadeira se tornou uma arma também da direita conservadora e reacionária a fim de minimizar o potencial simbólico de declarações violentas contra minorias e reforços a certos estereótipos.

A falha no diagnóstico sobre os efeitos da crise política por que diferentes países, sobretudo do Ocidente, têm atravessado, reside, em parte, na desatenção às formas de brincadeira política próprias das culturas reacionárias. A compreensão de que o humor e a brincadeira podem servir não apenas para reforçar estereótipos de dominação cultural, mas também para a disseminação de um estado de pânico moral (Kuipers, 2006) é basilar para o reconhecimento de que as elites também brincam. Embora possa parecer um lugar-comum, esta perspectiva foi historicamente negligenciada pelo debate acadêmico em torno do conceito de brincadeira política (Chagas, 2023, p. 5).

Sob essa perspectiva, chamar baianos de preguiçosos, nordestinos de todos iguais ou culpar a região pelos problemas do país torna-se aceitável desde que a ofensa seja vista com as lentes do humor. O problema não é mais o discurso de ódio disfarçado de piada e passa a ser o ofendido, que não soube brincar. E aqueles que, ainda assim, se incomodarem com a brincadeira e reclamarem estão sujeitos ao contra-ataque: afinal, a irritação é injustificada, não passa de “mimimi”. Trata-se, portanto, de uma espécie de ataque duplo — a “piada” em si e, em seguida, as críticas em caso de uma reação adversa diante da ofensa inicial.

Como vimos, o chamado ao humor é frequente entre aqueles que reforçam a xenofobia contra o Nordeste, tanto em casos relacionados aos estereótipos e à identidade, quanto

naqueles que tratam mais especificamente do futebol local. Se Domenico Gatto menosprezou os clubes da região, é porque ele estava apenas brincando e faria isso também sobre equipes de outras partes do Brasil; se Adriana Borba ironiza os nordestinos, não há motivo para irritação, já que ela utilizou um tom jocoso, claramente bem-humorado; se torcedores são racistas e xenofóbicos contra o Ceará, está tudo bem, já que estádios de futebol são o local ideal para ‘zoações’. Curiosamente, o único episódio em que o argumento do humor não está presente é o de Ângela Machado, justamente aquele em que a política eleitoral aparece com mais evidência.

No caso específico dos ataques ao Nordeste disfarçados de humor, Melo (2024) propõe uma visada promissora que referencia um termo já consolidado na pesquisa brasileira. No livro *Racismo Recreativo* (2020), o jurista Adilson Moreira conceitua o “racismo recreativo” ao relembrar uma série de decisões judiciais que inocentam episódios evidentes de crime racial com base unicamente no argumento de que o agressor estava “apenas brincando”. Em suma, a brincadeira torna-se uma espécie de “passe livre” para o discurso de ódio que reitera estereótipos negativos contra negros no Brasil.

No âmbito da comunicação, Melo (2024) se apropria do conceito para falar de uma “xenofobia recreativa” contra o Nordeste no contexto da novela *Mar do Sertão* (2022), da TV Globo. A produção televisiva narra uma história que se passa numa pequena cidade do sertão nordestino e, na análise da pesquisadora, reforça diversos estereótipos negativos ao mesmo tempo em que disfarça esse movimento a partir de uma linguagem bem-humorada. Por meio de personagens caricatos, a narrativa opõe um Sudeste hegemônico, racional, bem-educado, produtivo, enfim, a “locomotiva da Brasil”; e um Nordeste que “desponta como *terra de ninguém*, dominada por lideranças corruptas e despreparadas porque os eleitores são estúpidos, irracionais, ignorantes e/ou facilmente manipuláveis” (Melo, 2024, p.5 e 6).

A proposta de relacionar racismo recreativo e xenofobia recreativa é interessante e pode indicar caminhos para futuras análises, mas carece de mais estudos e proposições em diferentes contextos, com casos distintos que vão além da ficção televisiva. De todo modo, é mais uma avaliação acadêmica que aponta para o humor como uma forma de “amenizar” as violências simbólicas.

A literatura também aponta como o humor — especialmente aquele ofensivo, que “protege” as violências simbólicas — se resguarda na defesa incontestada da liberdade de expressão. Nesse entendimento, questionar uma “piada” se configura como uma ameaça ao direito fundamental de se dizer o que quer/pensa. Ao analisar piadas racistas na internet, Kuipers (2006) distingue entendimentos de diferentes países: nos Estados Unidos, a liberdade

de expressão protege mais o humor ofensivo, enquanto na Holanda, os limites entre liberdade de expressão e racismo estão mais claros.

Embora sejam argumentos relevantes nesta análise sobre o Nordeste, humor e liberdade de expressão não aparecem tão associados assim. Foram poucos os comentários categorizados simultaneamente nessas duas categorias. Um possível motivo para isso é que nenhuma das declarações iniciais — nem de Domenico Gatto, Ângela Machado, Adriana Borba ou o santista não identificado — era claramente uma piada na acepção original da palavra e nenhum deles é humorista.

Além dos apontamentos sobre as categorias mais acionadas, as reflexões sobre os resultados levam a uma pergunta fundamental para este estudo: quais seriam, afinal, as especificidades do futebol na manifestação do ódio contra o Nordeste? À primeira vista, parece difícil responder esse questionamento. Afinal de contas, reforços a estereótipos, repetição de velhas “piadas”, menosprezo, referências à “liberdade de expressão” e descontextualização são estratégias aplicáveis (e aplicadas) em tantos outros contextos de xenofobia para além do esporte.

Mas o futebol reserva, sim, especificidades e potencializa a repercussão de todos esses episódios. Não fossem ligadas ao esporte, as ofensas aqui analisadas possivelmente não reverberariam do mesmo modo e com tanta intensidade, embora as consequências judiciais tenham sido inexpressivas ou inexistentes.

O caso de Domenico Gatto deixa claras as características próprias da xenofobia no ambiente do futebol. Ali, não importam o contexto histórico, a estrutura desfavorável, o abismo econômico em relação a clubes de Sul e Sudeste e nem mesmo a informação bem apurada com base na observação de jogos. O que vale é menosprezar equipes da região e minimizar qualquer tipo de esforço competitivo, meses antes de o Fortaleza fazer a melhor campanha de um representante do Nordeste nos pontos corridos ao terminar o Campeonato Brasileiro em quarto lugar — desempenho repetido em 2024 pelo mesmo time.

Nos comentários, notou-se um movimento parecido no sentido de simplesmente classificar times nordestinos como ruins, mal organizados e sem campanhas esportivas relevantes em comparação com sudestinos. Aqui aparece novamente a estratégia da descontextualização para ofender: pouco importavam os motivos que ajudam a explicar determinados resultados em campo. Não interessa citar a disparidade de investimentos, a pouca cobertura midiática e o desinteresse histórico de dar mais competitividade ao Nordeste no esporte. O que vale é usar o futebol como um “espelho” do estereótipo nordestino: atrasado e pouco competitivo em comparação com o Sudeste, a dita “locomotiva nacional”.

Mesmo em outros episódios que não tratam originalmente de futebol, como os de Ângela Machado e Adriana Borba, a especificidade do esporte orienta, de certo modo, certos comentários. Para alguns defensores, ser bolsonarista e ter postado o que postou eram indícios de que o Flamengo, potência esportiva e econômica, estava mesmo em boas mãos. No caso de Borba, basta observar as reações não apenas de torcedores contra a mulher e o esposo Léo Campos, mas também de vários clubes paraibanos e de outros estados do Nordeste contra as declarações xenofóbicas em um raro momento de unificação entre clubes em prol de uma causa.

No episódio ocorrido na Vila Belmiro, são claras as especificidades do futebol. De início, já é possível observar, por exemplo, manifestações clubísticas. A discussão sobre racismo vai para segundo plano e dá espaço a debates sobre torcedores mistos, o Santos e o Grêmio.

Além disso, ali, naquele ambiente “sagrado” que é o estádio, tudo pode: torcer, vibrar, lamentar, comemorar, sorrir, chorar e “provocar” o adversário — ainda que isso signifique cometer crimes de racismo e xenofobia. O futebol, que já é bastante permissivo às manifestações de ódio contra minorias, torna-se para muitos um local sem lei no ambiente dos estádios, ainda que tenhamos notado certa evolução no debate contra o racismo, a LGBTQIAPN+fobia e o machismo nos últimos anos.

A evolução do debate é perceptível inclusive quando analisamos numericamente os comentários. Nos quatro casos, a maioria das respostas critica as ofensas xenofóbicas e foi descartada do corpus final por não se tratar do objetivo deste estudo. Esse é um indicativo de que há, sim, combate ao discurso de ódio contra o Nordeste.

Contudo, embora este não seja o enfoque da pesquisa, cabe fazer alguns apontamentos a partir de observações sobre o movimento contra a xenofobia nos comentários dos quatro casos. Muitas vezes, aqueles comentários que claramente têm a intenção de combater o ódio reforçam certos estereótipos em relação ao Nordeste, o que mostra como certas ideias estão tão cristalizadas que se evidenciam mesmo entre os que se propõem a ajudar. Aparecem aqui noções de uma região folclórica, paradisíaca, homogênea, lutadora, bem-humorada e solar, que numa primeira percepção são positivas, mas acabam por reduzir a complexidade territorial, geográfica e cultural.

Ainda sobre os comentários que combatem a xenofobia, nota-se a complexidade do ódio. Afinal, ele se manifesta claramente também entre os defensores do Nordeste. Muitos deles se utilizam de outras formas de violência para questionar a violência xenofóbica. Não

foram raras as mensagens machistas e misóginas contra Adriana Borba e Ângela Machado, por exemplo.

De todo modo, essa análise, que não pretende esgotar os debates, mas sim ajudar a desenvolvê-lo, permite-nos listar algumas características do ódio xenofóbico contra o Nordeste no futebol: 1) O futebol se mostra um ambiente propício para a manifestação da xenofobia, pois entrega aos agressores argumentos esportivos (o desnível histórico nos resultados em relação a outras regiões) que facilmente são descontextualizados histórica, econômica e socialmente; 2) Apesar de recentes avanços, o estádio ainda se conforma para muitos como um espaço quase sem lei, propício para as manifestações odiosas; 3) O humor é potente aliado ao discurso de ódio, especialmente no futebol, ambiente em que a brincadeira é um componente quase intrínseco e serve como proteção à violência simbólica; 4) Os estereótipos agem de forma específica, em que o futebol “reflete” o atraso historicamente associado ao Nordeste em comparação com o desenvolvido Sudeste; 5) Em outro sentido, o futebol se mostra um ambiente que potencializa positivamente o combate e as discussões sobre xenofobia em casos que possivelmente não teriam a mesma repercussão não fosse a visibilidade dada ao esporte.

Tratam-se, é claro, de apontamentos a partir dos quatro casos estudados, a fim de sintetizar e estruturar o debate proposto, sem, contudo, ter a pretensão de criar categorias gerais para a análise de todo e qualquer episódio.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ajuda a dar passos iniciais no sentido de identificar os casos de xenofobia contra o Nordeste no futebol brasileiro, classificá-los e analisar de que maneira eles reverberaram em novas manifestações de ódio por meio de comentários em uma mídia social específica.

Olhar para a xenofobia contra o Nordeste no futebol brasileiro é mirar ao mesmo tempo para vários lados: o histórico sócio-político, as desigualdades econômicas em comparação a outras regiões do país, o racismo, a conformação de estereótipos — os negativos, mas também os positivos, que por vezes se mostram perigosos —, as manifestações culturais e simbólicas, os posicionamentos de clubes e federações, entre outros pontos que este estudo, pelas limitações naturais de tempo de execução, não deu conta de averiguar com a devida profundidade.

Essa visada múltipla ajuda a nos aproximar de respostas a uma questão tão complexa que, como vimos, já foi amplamente debatida em variados contextos: escolar, político, eleitoral, televisivo, entre outros. Contudo, a ausência de estudos no âmbito do futebol nos pareceu particularmente promissora no sentido de entender, afinal, como o ódio contra a região se manifesta em um meio que sabidamente acolhe diversos tipos de violência — por certo, não seria diferente no caso nordestino.

De fato, não foi. O esporte mais popular do país se mostra um ambiente propício para o discurso odioso contra a região, das mais variadas maneiras: partindo de torcedores, árbitros, jornalistas, jogadores, dirigentes ou familiares dessas pessoas; em mídias sociais, programas de rádio e TV ou em estádios; em ofensas diretamente ligadas ao futebol ou aquelas em que o esporte é apenas um pano de fundo para debates sobre política, eleições, economia ou outros aspectos culturais e identitários.

É evidente que o ódio contra o Nordeste adquire contornos específicos quando está “amparado” pelo futebol. A modalidade não apenas permite argumentos que dão uma roupagem mais aceitável à violência simbólica — por meio do humor, de discussões clubísticas ou supostamente esportivas —, como também oferece o estádio, um local onde tudo (ou quase tudo) é permitido em prol do torcer, inclusive ofender os outros.

Em contrapartida, o futebol, ao mesmo tempo em que pavimenta certos caminhos de ódio, mostra-se um ambiente que favorece e impulsiona a discussão contra as manifestações xenofóbicas. Em alguma medida, é possível dizer que vários dos casos mencionados ao longo

da pesquisa não teriam a mesma repercussão (ou, talvez, repercussão nenhuma) caso os personagens envolvidos não tivessem vinculação com o esporte.

Considerar a multifatorialidade do discurso de ódio contra o Nordeste no futebol nos aproxima das respostas, mas também aponta para certas limitações da pesquisa. Para além do já mencionado tempo para a execução do estudo, é importante citar que a quantidade de fatores que influenciam essa violência simbólica dificulta a análise e obriga a buscar referências em diversos campos de estudo. Olhar para tanta coisa simultaneamente — do racismo às discussões de humor, do histórico do esporte na região à construção de identidades — diminui a profundidade de certos pontos analíticos. De todo modo, pareceu-nos importante abordar todos os fatores mencionados ao longo de toda a investigação ao invés de retirá-los do recorte.

Afinal de contas, já se trata de uma seleção de casos escolhidos a partir de uma coleta de dados baseada em notícias jornalísticas publicadas por determinados veículos, o que naturalmente exclui episódios eventualmente não reportados. Esse ponto, aliás, sinaliza um problema de difícil resolução com a estratégia metodológica adotada: não foi possível identificar nenhuma situação de violência xenofóbica no futebol de mulheres — não que não tenha existido, mas não foi notificado e nem noticiado. Como foi possível perceber nos casos de Ângela Machado e Adriana Borba, relacionados ao futebol masculino, o machismo e a misoginia seriam fatores de impacto em eventuais análises de episódios sobre o futebol feminino.

Ainda nos aspectos metodológicos, é necessário considerar a grande quantidade de comentários analisados por uma única pessoa. Como é sabido e indicado em diferentes estudos, o ideal seria submeter a categorização das postagens a diferentes codificadores, que fariam o processo com base no livro de códigos (anexo). Mais uma vez, trata-se de uma limitação natural de uma pesquisa de dissertação. Apenas o próprio autor foi o responsável pela extensa categorização dos 6.555 comentários coletados. No intuito de diminuir eventuais erros, cada mensagem foi categorizada ao menos duas vezes, em momentos distintos, a fim de testar a confiabilidade do processo. Embora não seja o ideal, tratou-se de uma tentativa de minimizar erros intrínsecos a um movimento analítico exaustivo.

Apesar das limitações, este estudo se mostra relevante ao propor olhar a um tema latente no futebol brasileiro, mas que não apenas é pouco noticiado pelo jornalismo, mas também tem sido ignorado nas pesquisas científicas. Ano após ano, há casos registrados de xenofobia contra o Nordeste no futebol, mas seguramente uma imensidão deles se perde em comentários em mídias sociais, “brincadeiras inofensivas” no ambiente de trabalho — seja

nos clubes ou em redações jornalísticas — e xingamentos abertamente ofensivos em estádios durante os jogos.

Por mais arriscado que possa parecer escrever isso, a xenofobia contra o Nordeste ainda não é encarada, de fato, como um problema social importante e que, simbolicamente, impõe barreiras a nordestinos, especialmente fora da região. Pontualmente, episódios mais graves chamam a atenção, ganham manchetes e viram tema de discussões também fora da mídia. Contudo, o debate ainda é raro e não considera que o ódio xenofóbico não é pontual, mas está presente nas relações cotidianas, em pequenos gestos, comentários e atos, e não somente quando alguém é abertamente xingado ou menosprezado.

É neste lugar que a pesquisa tenta se inserir, a fim de propor um debate recorrente sobre o tema e nomear devidamente a opressão, um movimento fundamental para combatê-la de forma efetiva.

Este é um estudo que se afasta de qualquer pretensão ao pioneirismo, mas entende que à frente há um longo caminho a ser percorrido. Propõe-se fazer novas análises de casos, investigar ocorrências no futebol de mulheres, olhar também para outras modalidades, testar as categorias aqui utilizadas em episódios diversos, seguir monitorando as ocorrências xenofóbicas, analisar a própria cobertura noticiosa e a linguagem jornalística em diferentes plataformas, testar estratégias metodológicas diferentes, como entrevistas em profundidade e surveys, aprofundar discussões teóricas específicas e relações com o racismo. Uma imensidão de possibilidades, que podem nos ajudar no debate e, ao fim, na busca por uma sociedade mais igual.

7. REFERÊNCIAS

- AIRES, Janaine; FERNANDES, Rosangela; SANTOS, Suzy dos. **A MORTE CELEBRADA:** discurso de ódio, desinformação e eliminação das minorias na radiodifusão. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-morte-celebrada-discurso-de-odio-desinformacao-e-eliminacao-das-minorias-na-ra?lang=pt-br>> Acesso em: 19 jul. 2024.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- ALVES, Alanna Shirley de Melo. **A construção imagética da Região Nordeste**. Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia. p.62. 2018.
- ANDRADE, Mariane de Lima. **A trajetória do futebol e suas contribuições para o turismo na grande João Pessoa**. 2024. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Pinto Gadelha. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/33529/1/MLA08112024.pdf>.
- ARAÚJO, Ana Flávia Nóbrega; FAUSTINO DA COSTA, Antônio Roberto. Sou nordestino e tenho time para torcer: as estratégias de folkmarketing na construção do discurso regionalista do Esporte Interativo. In ENCONTRO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIA, 1. 2017, **Anais...** Campina Grande.
- ARAÚJO, Ana Flávia Nóbrega; DA SILVA, Luiz Custódio. Inovação midiática e tradição:(re) construção da identidade cultural nordestina através das várias telas do esporte interativo. **Portal Intercom**, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BHABHA, Homi. O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 105-128.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 7582/2014. Define os crimes de ódio e intolerância e cria mecanismos para coibi-los, nos termos do inciso III do art. 1º e caput do art. 5º da Constituição Federal, e dá outras providências. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=616270>. Acesso em 19 jul. 2024.
- BRASIL. Lei nº 67.647, de 24 de novembro de 1970. Estabelece nova Divisão Regional do Brasil para fins estatísticos. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 8, p. 270, 24 nov. 1970.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. Construção do estereótipo do “macho nordestino” nas letras de forró no Nordeste brasileiro. **Interface**. Botucatu, 2017.
- BRUGGER, W. (2007). **Proibição ou Proteção do Discurso do Ódio?** Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Revista de Direito Público*, Brasília, v. 15, n. 117, jan-mar. 2007.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora UNESP, 2021.
- BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder y identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

CABRAL, Eula Dantas Taveira. Regionalização da mídia brasileira. In: FADUL, Anamaria e GOBBI, Maria Cristina. **Mídia e Região na Era Digital**: Diversidade cultural, convergência midiática. São Paulo: Arte&Ciência, 2006. p. 91-103.

CAMPBELL, Courtney. The Northeast Plays Football, Too: World Cup Soccer and Regional Identity in the Brazilian Northeast. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 32, p. 720-743, 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CAVALCANTI, Clóvis. País e Região: Desigualdades e Preconceitos Regionais no Brasil. **Cad. Est. Soe-**, Recife, v9, n.1, p 25-40, jan./jun-, 1993.

CHAGAS, Viktor. DOLCE FARMEME: a retórica da brincadeira política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 38, n. 111, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/9DZjs4wXHPByRwsTgCpgFyf/>.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. v. 1.

COSTA, L. M. da; HELAL, R. O Universo do futebol, a seleção brasileira e a nação : reflexões sobre a ascensão e queda da “pátria de chuteiras”. **Conexões**, Campinas, SP, v. 20, n. 00, p. e022010, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8667716>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In: **Feminist legal theories**. Routledge, 2013. p. 23-51.

CRUZ NETO, Reinaldo Venâncio da. **No Brasil, xenofobia tem cor e alvo**: a realidade do deslocamento humano de haitianos ao Brasil, através do Estado do Acre, pós-catástrofe natural no Haiti em 2010. 2017. 136 P. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

DAMATTA, Roberto (Org.). **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Declaração de Princípios sobre a Tolerância, aprovada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. UNESCO, 1995. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/paz/dec95.htm>.

FORTES, Rafael. A História e os estudos do esporte na Comunicação. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, n. 44, 2021, Virtual.

FORTES, Rafael. Por um salto de qualidade nas pesquisas do esporte no campo da Comunicação e do Jornalismo. **Revista Latino-Americana de Jornalismo**, João Pessoa, ano 4, vol. 4, n.1, p. 13-27, janeiro/junho de 2017.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 153-170.

FREITAS, S. S. Uma análise bakhtiniana sobre o discurso de ódio contra nordestinos em postagens nas redes sociais após o primeiro turno das Eleições 2022. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 149–162, 2022.

GARLAND, Jon, ROWE, Mike. War minus the shooting? Jingoism, the English press, and Euro 96. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 23, n. 1, p. 80-95, 1999.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ano 8, vol. 8, n. 21, p. 39-51, mar. 2011.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Orientador: Sérgio Stucchi.

GOMES, Luiz Felipe; MARTINS, Monica; GOMES, Caroline; CASTRO, Larissa. Nordeste brasileiro: insurreições, representações culturais e fragmentação política. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 19, n. 39, p. 41–67, 2023.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Futebol Brasileiro – Instituição Zero**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HELAL, Ronaldo. Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro. In: **Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira** (Pesquisa de Campo), Rio de Janeiro, Departamento Cultural/UERJ, 1994.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, vol. 8, n. 21, p. 11-37, mar. de 2011.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha; SCANONI, Sabrina Ramires; SIQUEIRA, Vanessa Ferreira. A culpa é do Nordeste? As eleições de 2014 e a repercussão de matérias jornalísticas nas redes sociais. **Revista Latino-americana de jornalismo**. João Pessoa, vol. 3, n. 2, p.228-243, jul/dez de 2016.

HSIEH, Hsiu-Fang; SHANNON, Sarah E. Three approaches to qualitative content analysis. **Qualitative health research**, v. 15, n. 9, p. 1277-1288, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: Identificação étnico-racial, por sexo e idade - Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1992.

JESUS, Étel Teixeira de. **O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos**: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

KUIPERS, Giseline. (2006), “The social construction of digital danger: debating, defusing and inflating the moral dangers of online humor and pornography in the Netherlands and the United States”. *New Media & Society*, 8, 3.

LEITE, Diogo Pimenta Pereira. **Quem manda no futebol da Paraíba? Elites políticas e Estado Novo (1941-1947)**. 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Serioja Rodrigues C. Mariano. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11981/1/Arquivototal.pdf>.

LIMA, Eduardo José Silva. **Recife entra em campo: história social do futebol no Recife (1905-1937)**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) — Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013. Orientador: Tiago de Melo Gomes. Disponível em: <https://cev.org.br/media/biblioteca/4032157.pdf>.

LOURENÇO, Nelson. Globalização e glocalização. O difícil diálogo entre o global e o local. Mulemba: **Revista Angolana de Ciências Sociais**, 2014.

MEDRADO, Thomas Hudson Silva. **O voo do dragão: futebol profissional, elites sergipanas e a Associação Desportiva Confiança**. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Rios Petrarca. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14491/2/THOMAS_HUDSON_SILVA_MEDRADO.pdf.

MELO, Luísa Chaves de. Xenofobia recreativa na televisão brasileira do século XXI: estereótipos nordestinos em personagens cômicas de Mar do Sertão (2022). In: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024, Balneário de Camburiú. **Anais do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2024.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

MORIGI, Valdir Jose. Mídia, Identidade Cultural Nordestina: festa junina como expressão. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 12, p.1-13, janeiro/junho 2005.

MOURA, Marco Aurelio. **O Discurso de Ódio em Redes Sociais**. São Caetano do Sul, Lura Editorial, 2016.

OBSERVATÓRIO MARTA, 2021. Disponível em: <https://observatoriomarta.com/2022/02/18/relatorio-2021/>. Acesso em 18 abr. 2024.

PAULA, Luísa Almeida de. **“Honramos o nome de Minas”? Sentidos identitários acionados pela comunicação organizacional do Clube Atlético Mineiro entre 2020 e 2023**. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/75318>.

PERDIGÃO, Lauthenay. **História do futebol alagoano: arquivos implacáveis**. Maceió: EDUFAL, 2015.

PHILLIPS, Whitney.; BEYER, Jessica; COLEMAN, Gabriella. (2017), “Trolling scholars debunk the idea that the alt-right’s shitposters have magic powers”. *Motherboard*, 22 de março de 2017. Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/z4k549/trolling-scholars-debunk-the-idea-that-the-alt-rights-trolls-have-magic-powers, consultado em 02/04/2025.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes; ALVES, Alisson Araújo; EVANGELISTA, Natanael de Souza; SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. **(Re)pensando a história do futebol cearense: dos primeiros**

passos à profissionalização. 2011. 24 p. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20935/1/2011_eve_clmpinheiro.pdf.

PINHEIRO, Fabíola Barbosa. Construção de estereótipos do Sertão nordestino: das mídias às tatuagens de KBÇA, uma análise semiótica. **Revista Geométrica Gráfica**. Recife, v. 5, n. 2, p. 26-35, 2021.

PISANI, Mariane da Silva; DANTAS, Marina de Mattos. O futebol no Piauí: práticas de sociabilidade nos estádios Albertão e Lindolfinho. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 12, n. 24, p. 217-239, 2024. DOI: 10.21665/2318-3888.v12n24p217. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/n24p217>.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. In: FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

RAMOS, Valéria Bueno de Castro. **Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a História como propositora de vivência intercultural**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; ESPÍRITO SANTO, Fernando Reis do. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). **Revista Brasileira de História do Esporte**, v. 11, n. 1, p. 71-87, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115321322005.pdf>.

ROSENFELD, Michel. Hate speech in constitutional jurisprudence: a comparative analysis. **Public Law Research Paper**, n. 41, Cardozo Law School, abr. 2001.

SIQUEIRA, Ítalo de Brito. **Controle social e futebol no Rio Grande do Norte (1970-1982)**. 2000. 51 p. Monografia (Graduação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

STROPPA, Tatiana; ROTHENBURG, Walter Claudius. Liberdade de expressão e discurso do ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE**, 3, Santa Maria, 2015. Anais [...]. Santa Maria: UFMS, 2015.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. **Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar**. RIL Brasília a. 52 n. 207 jul./set. 2015 p. 143-158.

SOUZA, Viviane Silva de; SANTOS, Anderson David Gomes dos. **Entre a bola e a desigualdade: reflexões sobre a função publicidade, o desenvolvimento regional e as disparidades no futebol nordestino**. Ludopédio, 2023. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/entre-a-bola-e-a-desigualdade-reflexoes-sobre-a-funcao-publicidade-o-desenvolvimento-regional-e-as-disparidades-no-futebol-nordestino/?srsltid=AfmBOooONy1jRkpDVk7hMofMNFQFgTDDDe90cOulFZhFe5ZAMNqLGIhc>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SILVA, Rosane Leal da et al. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Rev. direito GV**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, Dez. 2011.

SILVA, Yane Marcelle Pereira. **“Esses nordestinos...”**: discurso de ódio em redes sociais da internet na eleição presidencial de 2014. 2016. [149] f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVEIRA, R. M^a. G. O Regionalismo Nordeste. São Paulo: Moderna. 1984. SODRÉ, N. W. **História da literatura brasileira**: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos pagu**, n. 6/7, p. 109-152, 1996.

TAMANINI, Paulo Augusto; SILVA Enock Douglas Roberto da. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 317-337, maio/ago. 2019.

VASCONCELOS, Artur Alves de; ABREU, Domingos. #ONordesteMerece um #NordesteLivre: Futebol e identidade regional na TV Esporte Interativo. In: **Esporte e Sociedade**, n. 24. Niterói: UFF, 2015.

VASCONCELOS, Artur Alves de. 'Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais': A Bifiliação Clubística no Nordeste. **Ponto.Urbe (USP)**, v. 14, p. 1441, 2014.

VASCONCELOS, Artur Alves de. #ONordesteMerece: identidade e futebol nordestinos em discurso na TV Esporte Interativo. In: **2º Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol**, 2014, São Paulo. Anais do 2º Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol, 2014.

VASCONCELOS, A. A. de. 'Vergonha do Nordeste': o discurso dos torcedores 'anti-mistos'.. In: XV CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-Alas Brasil, 2012, Teresina. **Anais XV CISO - Encontro Norte e Nordeste de Ciências Sociais Pré-Alas Brasil**, 2012.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. A inauguração do "foot-ball" em Maranhão. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 24, p. 217-229, ago. 2000. Disponível em: <https://cevv.org.br/media/biblioteca/2008962.pdf>.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. O futebol em São Luís (Maranhão-Brasil): 1907-1917. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 63, p. 2, 2003.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. **Revista E-Compós**, v. 15, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2714/2136>.

VIMIEIRO, Ana Carolina; FORTES, Rafael. **A Pesquisa em Comunicação e Esporte no Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2023.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. In: **Revista Contracampo**, v. 31, n. 1, ed. dezembro-março ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014. Págs: 23-59.

VIMIEIRO, Ana Carolina. O torcedor como produtor: por uma abordagem comunicacional das culturas esportivas. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016, São Paulo. Anais do Intercom, 2016.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: **O Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Vozes, 2014. p. 7-72.

LIVRO DE CÓDIGOS

REGRAS GERAIS

- Cada caso analisado tem especificidades que direcionam o debate e a manifestação do ódio no *X*, diferenciando-o dos outros três. Por isso, há categorias que aparecem apenas em um determinado episódio, sem ocorrência nos demais;
- Por outro lado, existem categorias que aparecem em mais de um caso (por exemplo: “liberdade de expressão”, “argumento do humor”, entre outros). Isso se deve ao fato de que, embora distintos, os episódios tratam de um tema em comum: a xenofobia contra o Nordeste no ambiente do futebol;
- Comentários que se enquadram unicamente em uma das seguintes três categorias devem ser excluídas da análise, pois não contribuem com os objetivos desta investigação: 1) conversas sobre outros temas; 2) mensagens incompreensíveis (emojis, sinais gráficos, respostas a comentários apagados sem que contexto seja capturável, entre outros); e 3) brigas e xingamentos sem conexão direta com o debate principal. Neste ponto, é importante frisar que mensagens com xingamentos ou que façam parte de brigas, mas que contenham sentidos adicionais e se enquadrem em outras categorias, não são excluídas;
- O caso 4 (Santos x Ceará: racismo e xenofobia lado a lado) se constitui uma exceção ao ponto 1 do tópico anterior). Neste episódio específico, nem todas as conversas sobre outros temas foram excluídas do corpus, uma vez que esses debates laterais ajudam na compreensão da manifestação do ódio racial e xenofóbico em Santos x Ceará. Portanto, foram mantidos na análise;
- Um comentário pode pertencer a mais de uma categoria. Por isso, a soma de comentários por categoria supera o número total de posts coletados;
- Comentários que exclusivamente combatem a xenofobia exposta na postagem original são analisados, mas não entram no corpus final, visto que o recorte desta investigação é estudar o discurso de ódio e não exatamente as formas de contrapô-lo;
- Um comentário pode combater e reiterar a xenofobia simultaneamente. Nestes casos, a mensagem é mantida no corpus final.

TOTAL DE POSTS DOS QUATRO CASOS: 6.555

CASO 1: DOMENICO GATTO VERSUS COPA DO NORDESTE

- **POSTS COLETADOS: 2.000**
- **POSTS DESCARTADOS: 528**
- **POSTS CONTRÁRIOS À XENOFOBIA EXCLUÍDOS DA ANÁLISE: 1.170**
- **POSTS QUE CORROBORAM A XENOFOBIA: 302**

1. ARGUMENTO ESPORTIVO

Comentários que reiteram a xenofobia com base em argumentos esportivos. Isto é, citam resultados ruins de times ou jogadores nordestinos para justificar que o locutor Domenico Gatto tinha razão ao atacar a Copa do Nordeste. Em muitos casos, há menções não apenas ao desempenho negativo de clubes da região, mas também a conquistas de equipes de estados do Sudeste e do Sul, como forma de compará-los. Não fazem nenhum tipo de contextualização histórica ou econômica para justificar eventuais disparidades desportivas em relação aos principais clubes sudestinos e sulistas. Também se encaixam na categoria posts que menosprezam a Copa do Nordeste e os clubes da região em tom abertamente ofensivo e/ou irônico.

Exemplos

“Copa do nordeste não tem um time relevante nacionalmente, nem copa do Brasil ganha”;

“qual é a relevância da copa do nordeste e dos clubes pra quem não é do nordeste? Tirando Bahia e Sport, nenhum outro clube ganhou algo relevante nacionalmente e internacionalmente”;

“Apenas sendo hipersensível mesmo pra se ofender ouvindo a realidade. Campeonato tecnicamente fraco, isso é óbvio”;

“Ninguém liga pra essa bosta de copa do nordeste”;

“Ai, que medo dos nordestinos, dos poderosos Ceara, Bahia e Fortaleza”.

2. “XENOFOBIA REVERSA”

Comentários que defendem a declaração de Domenico Gatto ao argumentarem que não se tratou de xenofobia. Nesse tipo de postagem, diz-se que as falas do locutor seriam ditas também a respeito de clubes de outras regiões do país, como Sudeste e Sul, não sendo, portanto, exclusividade das equipes nordestinas.

Exemplos

“Ele (Domenico) sempre fala que o Paulista é uma porcaria! Vocês não acompanham o programa, pegam uma frase fora de contexto e saem falando merda querendo lacrar!”;

“Cara desculpa aí mas esse tom de fala dele é sempre o mesmo kkkkkkk diversas vezes já falou dessa mesma forma pra zuar com os rivais daqui de sp. Uma das zueiras pra cima dele é justamente essa de ser grosseiro”.

3. MINIMIZAÇÃO/NEGAÇÃO DA XENOFOBIA

Comentários que negam que o locutor ou que pessoas presentes na discussão no *X* tenham cometido xenofobia ao atacarem a Copa do Nordeste e os clubes da região ou, em última instância, minimizam a gravidade das falas.

Exemplos

“Muito mimimi gente...”;

“Ele falou dos times e não do povo. Xenofobico é a cabeça da minha rola”;

“Não é porque eu não gosto de tal coisa ou acho um lixo, eu estou sendo xenófobo/racista/preconceituoso com o lugar/cor/povo”.

4. ARGUMENTO DA VERDADE

Comentários geralmente mais curtos que defendem Domenico Gatto de duas maneiras: repetindo o que ele falou ou pontuando que ele disse “apenas a verdade”. Nesta categoria, há mensagens que questionam o tom utilizado por Domenico Gatto, mas que concordam com o teor do que disse o locutor.

Exemplos

“E onde ele mentiu?”;

“Só ouvi verdades 😂😂”;

“Na boa, conhecendo o Domenico e vendo a realidade ele só falou verdades”.

“não mentiu so foi grosso”;

“De fato ele desrespeitou os times no modo de dizer, mas não mentiu”.

5. ARGUMENTO DO HUMOR

Comentários que defendem Domenico Gatto ao afirmarem que o programa do qual ele participava é de humor, o que justificaria o teor da declaração. Há, portanto, uma tentativa de se apoiar no riso para minimizar a gravidade da fala. Para esse argumento, se é humorístico, tudo pode ser dito.

Exemplos

“Gente, esse programa é de zoeira”;

“Eu ouço todo dia, por isso achei desnecessário toda essa lacração, o programa sempre foi assim e os caras se zoam”.

6. ARGUMENTO ECONÔMICO

Comentários que se posicionam sobre o caso a partir de um viés econômico. Neste caso, defende-se que as vantagens financeiras de clubes de Sudeste e Sul se devem ao merecimento (e à consequente falta de merecimento dos nordestinos) e não à conjuntura histórica de investimentos em cada região.

Exemplos

“Cada um tem a Crefisa que merece”;

“Sem Parmalat e Crefisa o Palmeiras foi campeão brasileiro em cima do seu Fortaleza fazendo 8x2 na final”.

7. LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Comentários que defendem a manifestação de Domenico Gatto com base no argumento da liberdade de expressão irrestrita.

Exemplos

“Hoje em dia não se pode dar opinião, que mundo chato”;

“Por isso que o Domenec falou que os times são uma porcária, é uma opinião dele”.

8. ARGUMENTO DA GEOLOCALIZAÇÃO

Comentários que se apoiam em morar ou ser do Nordeste para concordar com a declaração de Domenico Gatto. Aqui, basicamente, diz-se que, por ser nordestino ou viver na região, é possível reiterar as falas do locutor sem ser acusado de xenofobia.

Exemplo

“Moro na Bahia e o campeonato é um lixo”.

9. ARGUMENTO DA DESCONTEXTUALIZAÇÃO

Comentários que defendem Domenico Gatto ao argumentarem que o vídeo com as declarações do locutor foi retirado de contexto. Nessas postagens, cobra-se que seja publicada a gravação completa, o que, para essas pessoas, inocentaria o radialista.

Exemplos

“O problema é que cortaram 50 segundos de um programa de 2 horas e 30 min pra ganhar like, o que é bem normal hj em dia”;

“É que cortaram do vídeo a parte que ele fala que não está falando das instituições e sim do futebol praticado”.

CASO 2: ÂNGELA MACHADO, BOLSONARO E O “CARRAPATO” NORDESTINO

- **POSTS COLETADOS: 2.086**
- **POSTS DESCARTADOS: 264**
- **POSTS CONTRÁRIOS À XENOFOBIA EXCLUÍDOS DA ANÁLISE: 1.544**
- **POSTS QUE CORROBORAM A XENOFOBIA: 278**

1. ARGUMENTO DA VERDADE

Comentários geralmente mais curtos que defendem Ângela Machado de duas maneiras: repetindo o que ela falou ou pontuando que ela disse “apenas a verdade”. Algumas dessas mensagens até questionam o tom utilizado pela então dirigente, mas concordam com o teor do que foi publicado.

Exemplos

“Concordo 100% com ela... :-)”;

“Só ouvi vdds! Por mim carrap@tos vão ficar 4a sem ver meu dimdim”.

“Concordo em 90% c Ela”;

“ O sentimento é esse. A forma como se diz é que precisa cuidar. Respeitar e trabalhar pra mudar isso em 2026”.

2. ARGUMENTO POLÍTICO/ELEITORAL

Comentários com uma ampla gama de argumentos ideológicos, políticos e/ou eleitorais para defender a mensagem de Ângela Machado. Neste grupo, enquadram-se mensagens que vão desde ataques ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à esquerda em geral até avaliações sobre a distribuição de votos por região na eleição presidencial de 2022. No segundo caso, especialmente, costuma-se associar a escolha da maioria do eleitorado nordestino (que preferiu Lula ao ex-presidente Jair Bolsonaro) com um suposto definhamento do Brasil.

Exemplos

“O nordeste vive de um assistencialismo permante do qual só acabará quando as indústrias forem instaladas aqui na região e gerar empregos. O PT passou mais de uma década no poder e nada fez para mudar isso. O bolsa família foi importante, porém não pode ser permanente”;

“Merece aplausos essa senhora. Quem apoia quadrilha e ladrão é cúmplice”.

3. ATAQUE REGIONAL

Comentários que se constituem em ataques diretos, abertos e veementes ao Nordeste e/ou aos diferentes povos nordestinos. Em linha geral, esse tipo de mensagem reforça, acentua ou se apoia em diferentes estereótipos negativos associados historicamente à região, como a fome, a seca, a miséria, o coronelismo, entre tantos outros. Não raro, há também comparações com Sudeste e Sul, tidos como referências de desenvolvimento não apenas econômico, mas também social e dos bons costumes do país.

Exemplos

“Só li verdades! Nordeste LIXO”;

“Falou verdades, o Brasil que trabalhas está cansado”;

“vcs vem encher o saco aqui no Sudeste, implorar emprego..vender essas porcarias..”.

4. ARGUMENTO ECONÔMICO

Comentários que apontam, sob diferentes óticas, um suposto subdesenvolvimento econômico do Nordeste, em especial a partir de uma comparação com Sudeste e Sul, para concordar com a postagem de Ângela Machado. Enquadram-se uma série de argumentos que apontam, por exemplo, para eventuais erros no pacto federativo pela distribuição de renda entre os estados, reproduzindo dados ou noções historicamente cristalizadas, por vezes apoiadas em uma suposta meritocracia.

Exemplos

“Qualquer dúvida consulte o PIB per capita de cada estado. Ah, me desculpe! Vocês são bons de poema, não em números”;

“Ela não mentiu, São Paulo sozinho paga mais de 538 bilhões em tributos recebe uma miséria de volta. A verdade é que, sem os recursos do Pacto Federativo o Nordeste não sobreviveria”.

5. ARGUMENTO DA GEOLOCALIZAÇÃO

Comentários que se apoiam em morar ou ser do Nordeste para concordar com a declaração de Ângela Machado. Aqui, basicamente, diz-se que, por ser nordestino ou viver na região, é possível reiterar as falas da então dirigente do Flamengo sem ser acusado de xenofobia.

Exemplos

“Ela não mentiu. Dói. Mas é a verdade. Digo isso como nordestino”;

“Sou nordestino, corroboro com ela. Infelizmente não consegui convencer muitos conterrâneos”.

6. “XENOFOBIA REVERSA”

Comentários que defendem Ângela Machado pelo uso da palavra “carrapato”, uma vez que uma parcela anti bolsonarista utilizava o termo “gado”, também referente a um animal, para tratar dos apoiadores incondicionais do então presidente. Nesse tipo de postagem, diz-se que

as falas da então dirigente, se fossem ditas sobre bolsonaristas com o uso do termo “gado”, não seriam vistas com a mesma gravidade.

Exemplos

“Da mesma forma que ela criticou os nordestinos por votarem no pt, td o beautiful people da esquerda xingou quem votou no Bolsonaro. RJ de miliciano, SC de nazista, SP de bandeirante chucro, RS e PR de racistas e norte de evangélicos fanáticos. Em chumbo trocado, td bala é perdida”;

“A gente é gado e vcs são carrapato”.

7. CRÍTICA A TORCEDORES

Comentários que não necessariamente concordam com Ângela Machado, mas que mantêm o alvo no nordestino — de forma geral ou mais especificamente naqueles que torcem pelo Flamengo ou outro time de fora da região. Há, portanto, ataques aos que nasceram no Nordeste e apoiam clubes de outros locais, em movimento que endossa, por exemplo, as críticas aos “mistos” (os nordestinos que torcem por uma equipe da região e outro de fora dela).

Exemplos

“E ainda tem otário nordestino que consome essas merda do sudeste. Nordeste tem time com representação popular, não é essas merda enlatada gourmet”;

“isso que da o Nordeste ficar torcendo pra time do EIXO rio-sp”.

8. LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Comentários que defendem a manifestação de Ângela Machado com base no argumento da liberdade de expressão irrestrita.

Exemplos

“Liberdade de expressão”;

“DECLARARAM inconstitucional A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?“RESPEITE o HOMEM que empunha a BANDEIRA de uma NAÇÃO livre!”.

9. DEFESA AO CLUBE

Comentários que exaltam o Flamengo com base na manifestação de Ângela Machado. Nesses casos, as mensagens associam positivamente a preferência política da dirigente e o exitoso desempenho esportivo e/ou defendem o clube carioca com base na declaração dela.

Exemplos

“Flamengo é o melhor time do Brasil, só traz alegria. E uma de suas dirigentes, Angela, é a melhor. 🙌🙌 Parabéns ao Comentário”;

“Sou Gremista e agora Flamenguista”.

CASO 3: ADRIANA BORBA CONTRA O SOTAQUE

- **POSTS COLETADOS: 1.747**
- **POSTS DESCARTADOS: 367**
- **POSTS CONTRÁRIOS À XENOFOBIA EXCLUÍDOS DA ANÁLISE: 1.183**
- **POSTS QUE CORROBORAM A XENOFOBIA: 197**

1. MINIMIZAÇÃO/NEGAÇÃO DA XENOFOBIA

Comentários que negam que as declarações de Adriana Borba tenham sido xenofóbicas ou, em última instância, minimizam a gravidade das falas. Aqui, enquadram-se também as mensagens que criticam órgãos públicos (Ministério Público, Polícia Civil e outros) por investigarem o episódio.

Exemplos

“Porra, q tem demais na fala dela. Mínimi do cacete”;

“Não vi nada de xenofobia, apenas verdades. Parem de militar seus pereba”.

2. “XENOFOBIA REVERSA”

Comentários que argumentam que não faz sentido tratar a declaração de Adriana Borba como xenofobia se não tratarem declarações de nordestinos sobre Sul e Sudeste da mesma forma.

Exemplos

“sou de SP e quando fui visitar minha família no Ceará virei motivo de piada pelo meu sotaque, inventaram até que eu falava caine ao invés de carne”;

“Vamos combater o preconceito com.....preconceito hahahahahahahahaha”.

3. ARGUMENTO DO HUMOR

Comentários que defendem Adriana Borba ao afirmarem que ela se utilizou do humor ao falar o que disse no vídeo, o que justificaria o teor da declaração. Há, portanto, uma tentativa de se apoiar no riso para minimizar a gravidade da fala. Para esse argumento, se é humorístico, tudo pode ser dito.

Exemplos

“Q legal essa moça! Acho que ela fez uma paródia da vida dela em JP. Nada de mais! É só rir!”;

“Ela precisa ter carterinha de stand up pra fazer isso e ser considerado "piada"?Ou você se indigna com todos que fazem piada neste tema, ou fica quieto. Selecionar indignação não dá”.

4. ATAQUE REGIONAL

Comentários que se constituem em ataques diretos, abertos e veementes ao Nordeste e/ou aos diferentes povos nordestinos. Em linha geral, esse tipo de mensagem reforça, acentua ou se apoia em diferentes estereótipos negativos associados historicamente à região, como a fome, a seca, a miséria, o coronelismo, entre tantos outros.

Exemplos

“Sotaque de paraíba é nojento mesmo. Vocês deveriam passar por uma grande transformação cultural.Ninguém suporta e quando falam que é bonito, é pra levantar a bola e querer fazer inclusão. Não é legal, sinto vontade de morrer quando escuto”;

“Eu pessoalmente não gosto do sotaque nordestino”.

5. LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Comentários que defendem a manifestação de Adriana Borba com base no argumento da liberdade de expressão irrestrita.

Exemplos

“Opinião dela, não vi nada demais, disse até que o sotaque era fofo. Vão procurar o que fazer”;
 “Aí gente cada um tem um gosto na minha opinião mais hoje em dia o povo tá arrumando processo pra tudo vc falar um a que a maioria não concorda já é processo pelo amor de Deus povo dodói essa geração viu mds se ela tem essa opinião é a opinião dela uai foi de má fé sim mais...”.

6. ARGUMENTO DA VERDADE

Comentários geralmente mais curtos que defendem Adriana Borba de duas maneiras: repetindo o que ela falou ou pontuando que ela disse “apenas a verdade”.

Exemplos

“Que Pena que apagou, eu seguiria essa deusa”;
 “Akakakka... errada ela não tá”.

7. ARGUMENTO DA GEOLOCALIZAÇÃO

Comentários que se apoiam em morar ou ser do Nordeste para concordar com a declaração de Adriana Borba. Aqui, basicamente, diz-se que, por ser nordestino ou viver na região, é possível reiterar as falas da personal trainer sem ser acusado de xenofobia.

Exemplos

“Sou nordestino e sempre fizemos piadas e falamos dos sotaques dos outros estados tbm. Piadas com portugueses e japoneses e etc. Bando de gente idiota e sem o q fazer!”;
 “Sou nordestino não acho que as pessoas devam ser obrigadas a gostar do sotaque nordestino e nem obrigadas a gostar das manias das pessoas. Aque na Bahia a vários sotaques em diferentes regiões e alguns são uma merda. Serei obrigado a gostar? Frescura do caralho!”.

8. CRÍTICA A TORCEDORES/NORDESTINOS

Comentários que não necessariamente concordam com Adriana Borba, mas que mantêm o alvo no nordestino. Há mensagens que atacam nordestinos por defenderem sudestinos e postagens que apontam uma suposta xenofobia dentro do próprio Nordeste, entre torcedores de times da capital contra torcedores de times do interior.

Exemplos

“Quem frequenta estádio de futebol na paraíba sabe que xenofobia é em todo jogo. A torcida do Botafogo PB é um show de horrores tentando humilhar os paraibanos que nao moram em João Pessoa, que esse caso absurdo faça esse pessoal refletir”;

“Acho que João Pessoa é a cidade do Nordeste que mais paga pau pra sudestino/sulista, e só leva dessas..”.

9. “CULTURA DO CANCELAMENTO”

Comentários que não necessariamente concordam com Adriana Borba, mas que criticam fortemente as pessoas que reagiram negativamente às declarações da personal trainer sob o argumento de que se trataria de uma “cultura do cancelamento”.

Exemplos

“Cultura do cancelamento”;

“isso, continuem o apedrejamento. O cara (Léo Campos) tá pedindo desculpas por algo que nem foi ele que falou mas a sanha de cancelamento não se sacia com nada. Parabéns por tornarem o mundo cada vez mais agradável a cada dia que passa”.

CASO 4: SANTOS X CEARÁ: RACISMO E XENOFOBIA LADO A LADO

- **POSTS COLETADOS: 722**
- **POSTS DESCARTADOS: 220**
- **POSTS CONTRÁRIOS À XENOFOBIA/AO RACISMO EXCLUÍDOS DA ANÁLISE: 151**
- **POSTS SOBRE OUTROS TEMAS MANTIDOS NA ANÁLISE: 347**
- **POSTS QUE CORROBORAM A XENOFOBIA/O RACISMO: 15**

1. MINIMIZAÇÃO/NEGAÇÃO DA/DO XENOFOBIA/RACISMO

Comentários que negam que os ataques do torcedor tenham sido xenofóbicos ou racistas, minimizando o episódio ou desqualificando as reações de quem lamenta o que ocorreu, muitas vezes associando estádios como terras sem lei onde tudo é permitido.

Exemplos

“Tem que acabar com esse discurso politicamente correto, não encara a pressão, fica em casa....”;

“Minha opinião, sempre teve isso o futebol tá muito mimimi Tá foda O futebol”.

2. LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Comentários que defendem a manifestação do torcedor com base no argumento da liberdade de expressão irrestrita.

Exemplos

“daqui um tempo vai ser proibido cantar nos estádios, pq o adversário não gosta”;

“Eu sou anti politicamente correto, se tá achando ruim xinga porra (...) Quem tem boca fala o que quer”.

3. ARGUMENTO DO HUMOR

Comentários que defendem o torcedor ao afirmarem que ele se utilizou do humor ao falar o que disse, o que justificaria o teor da agressão. Há, portanto, uma tentativa de se apoiar no riso para minimizar a gravidade da fala. Para esse argumento, se é humorístico, tudo pode ser dito.

Exemplos

“Sou torcedor do Ceará e isso é coisa de torcedor, todo mundo xinga o adversário, mesma coisa do Santos jogar no Castelão e a TOC cantar que a torcida do Santos cabe dentro de um fusca ou que ta no asilo. Futebol é zoeira e espero pelo bem do espetáculo que continue assim”;

“Futebol é feito pra zoar e tirar onda”.

4. ARGUMENTO DA GEOLOCALIZAÇÃO

Comentários que se apoiam em morar ou ser do Nordeste para minimizar a agressão de Adriana Borba. Aqui, basicamente, diz-se que, por ser nordestino ou viver na região, é possível reiterar as falas do santista sem ser acusado de xenofobia.

Exemplo

“Ent parceiro nasci no nordeste e não me faço de coitado por sofrer preconceito n”.

5. “XENOFOBIA REVERSA”

Comentários que argumentam que há preconceito também do Nordeste ou dos nordestinos contra populações de outras regiões do país.

Exemplo

“Isso n da o direito dos nordestinos serem preconceituosos com as outras regiões”.

6. ATAQUE REGIONAL

Comentários que se constituem em ataques diretos, abertos e veementes ao Nordeste, aos diferentes povos nordestinos e/ou aos clubes de futebol da região.

Exemplo

“Geral sabe que os times do norte, nordeste são fracos mesmo ue”.

CATEGORIAS PARALELAS

Neste caso específico, optou-se por analisar, também, categorias que enquadram comentários que não tratam diretamente do episódio, mas que se relacionam com temas ligados a ele e, portanto, são parte da construção simbólica do discurso de ódio.

1. TORCEDORES MISTOS

Comentários que tratam da discussão sobre “torcedores mistos”, aqueles nordestinos que torcem por um clube do Nordeste e outro de fora da região. Esta categoria enquadra também

os torcedores nordestinos que torcem exclusivamente por uma equipe de fora. As mensagens se subdividem em críticas e defesa a esses torcedores.

Exemplos

“Aí a torcida do Fortaleza faz uma crítica aos mistos e uma cambada de filho da puta acha ruim!”;

“ Pq me identifico com o clube, futebol é isso irmão, não tem explicação. Ja fiz esforços e fui a alguns jogos do Flamengo, e vou continuar indo sempre que tiver a oportunidade”.

2. GRÊMIO

Comentários que relembram casos de racismo envolvendo o Grêmio, fundamentalmente o episódio em que o ex-goleiro Aranha, no Santos à época, foi vítima, em 2014. A categoria se subdivide em ataques ao Grêmio, defesa ao clube e mensagens “neutras”, que são meramente informativas ou não têm viés claro.

Exemplos

“ Pq me identifico com o clube, futebol é isso irmão, não tem explicação. Ja fiz esforços e fui a alguns jogos do Flamengo, e vou continuar indo sempre que tiver a oportunidade”;

“Ue, pensei que era só a torcida do Grêmio que era racista, e que desde 2014 isso não existia mais no futebol 🧑”.

3. “NEM TODO SANTISTA...”

Comentários sobre o episódio, mas que apontam que “nem todo santista” é racista ou xenofóbico. A maioria dessas mensagens tem intersecção com outras categorias, desde as que combatem o preconceito àquelas que o reforçam.

Exemplos

“a culpa não é do time, o santos e um dos times que mais faz campanhas contra o racismo etc. a culpa são dessa minoria dos torcedores que em vez de ir para o estádio para apoiar o time eles vão para fazer uma merda dessas, ai fodem com o time”;

“e caso não tenham visto, o Santos já se manifestou, vcs só tão falando isso pq tão querendo punição pro time, e não pq são efetivamente contra o ato, q foi praticado por um único indivíduo do estádio inteiro”.

4. RIO GRANDE DO SUL

Comentários que dizem respeito ao Rio Grande do Sul e, em última instância, à região Sul como um todo, incluindo os estados de Santa Catarina e Paraná. A categoria se divide em ataques e defesas ao Rio Grande do Sul e aos gaúchos, a partir de um estereótipo de que a região é palco de mais manifestações racistas que outras.

Exemplos

“que vocês do sul são racistas e xenofobicos, isso com certeza”;

“Vai acontecer nada com o time, SP e RJ é pura mídia, agora se fosse no Sul...”.

5. IMPRENSA

Comentários que tratam do papel da imprensa nos episódios de xenofobia ou racismo. Aqui, os comentários são subdivididos em ataques à imprensa, defesas e mensagens “neutras”, meramente informativas ou sem viés evidente.

Exemplos

“a culpa é de vcs jornalismo do Sul que fica mastigando esse recôndito”;

“Ai @andrizek assunto que se deve falar nas mídias de suma importância, olha que maldade cara!!”.